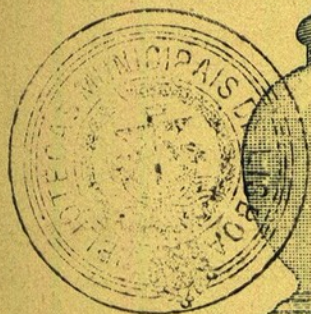


# SERÕES



REVISTA MENSAL  
ILLUSTRADA

## SUMMARIO

A' HORA DO JANTAR. — BATALHA DA VIDA. — DE LISBOA A MOÇAMBIQUE. — A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL. — TROVOADAS DE ESTIO. — AS LAVANDEIRAS. — O SERRALHEIRO DO REI. — O SOLAR DE HATFIELD. — O TESTAMENTO DE PEDRO BRAZ. — GIPSY (VALSA). — MODAS. — VARIÉDADES.

VOL. III

AGOSTO — 1902

NUM. 14

	Pag.
<b>Á hora do jantar.</b> —Quadro de J. A. BRETON. ....	66
<b>BATALHA DA VIDA.</b> —Por BENTO MORENO.—Com 3 illustrações, com o retrato do auctor e a assignatura autographa. ....	67
<b>DE LISBOA A MOÇAMBIQUE.</b> — Por ANTONIO ENNES. — 2. <sup>a</sup> PARTE — Capitulo IV.—QUELIMANE, O CHINDE, O ZAMBEZE, AS CANHONEIRAS.— Com 2 gravuras, reproducções de photographias. ....	77
<b>A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL.</b> — (Continuação)— Por ALBRECHET HAUPT.—Com 16 illustrações. ....	81
<b>TROVOADAS DE ESTIO.</b> —Com 4 illustrações. ....	95
<b>As lavadeiras.</b> —Scena campezina. ....	100
<b>O SERRAHEIRO DO REI.</b> —MYSTERIO DA HISTORIA.—Com 6 illustrações ...	101
<b>O SOLAR DE HATFIELD.</b> —Com 4 illustrações. ....	110
<b>GIPSY.</b> —VALSA.— Por C. L. ....	113
<b>O TESTAMENTO DE PEDRO BRAZ.</b> — ROMANCE.— Com 2 illustrações. ....	117
<b>MODAS.</b> — Com 3 gravuras. ....	125
<b>Scena de salão.</b> —Quadro de WEISS. ....	128
<b>VARIEDADES.</b> — MEMENTO ENCYCLOPEDICO.— NECROLOGIA.— THEATROS.— PHOTOGRAPHIA PRATICA.— PACIENCIAS.— POBLEMÁS.— XADREZ. ....	9

## 43 GRAVURAS

**AVISO.**— N'esta administração vendem-se pelo preço de 400 réis capas em percalina, propriedade dos SERÕES, segundo a lei, destinadas ao I e ao II volumes da Revista. Pela encadernação, de que tambem se encarrega, acresce mais 100 réis, e nas remessas de volumes pelo correio acresce ainda 100 réis de porte.

## CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Os senhores assignantes de **Lisboa** e do **Porto** podem satisfazer o preço do numero no acto da entrega ou pagar serie adiantada de 12 numeros, tendo n'este caso a redução do preço a **2\$200 réis**, o que equivale a receber *gratuitamente* um numero da serie.

Os senhores assignantes de qualquer outra terra do paiz, ilhas e possessões portuguezas, poderão inscrever-se (pagamento adiantado) por :

Series de	}	<b>3 numeros</b> .....	<b>600</b>
		<b>6 numeros</b> .....	<b>1\$200</b>
		<b>12 numeros</b> .....	<b>2\$200</b>

Para o **Brazil** e paizes da **União postal**, por :

**Serie de 12 numeros (moeda portugueza) 3\$000**

remettendo á administração dos **SERÕES**, em Lisboa, Calçada do Cabra, 7, a respectiva importancia *directamente*.

# LOPES, LOURENÇO & C.<sup>TA</sup>

Proprietarios da CASA AMIEIRO

Confecções  
para  
homem  
e  
senhoras



Sortimento  
completo  
de  
tecidos  
de  
novidade

45, Rua Ivens, 47, 1.<sup>o</sup>

## TABACARIA MARQUES

RUA DO OURO, 152

SEMPRE NOVIDADES!

Bolsas para tabaco e dinheiro.  
Cigarreiras e Charuteiras, de cabedal e metal.  
Bilheteiras e Carteiras, ultimos modelos.  
Cachimbos d'ambar, espuma e raiz.  
Boquilhas, legitimo ambar amarello e preto.  
Boquilhas hygienicas Marques, com deposito  
para nicotina.

Revistas navaes, militares, theatraes e modas

*Obras illustradas e romanticas*

## Livraria do Telegrapho

Unica no districto da Horta

Recebe publicações á consignação.  
Faz propaganda de livros offerecidos,  
pois é editora do unico jornal diario do  
districto com larga circulação.

**Dão-se referencias**

## Carlos Corrêa da Silva

RUA SERPA PINTO, 24 = LISBOA

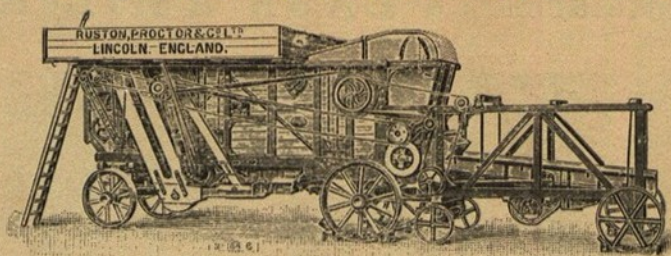
DEPOSITO DE MACHINAS INDUSTRIAES

Motores a gaz CROSSLEY

Materiaes para typographia e lithographia

# Debulhadoras e Locomoveis

RUSTON, PROCTOR & C.<sup>o</sup>, L.<sup>TD</sup>



Agente geral em Portugal e colonias

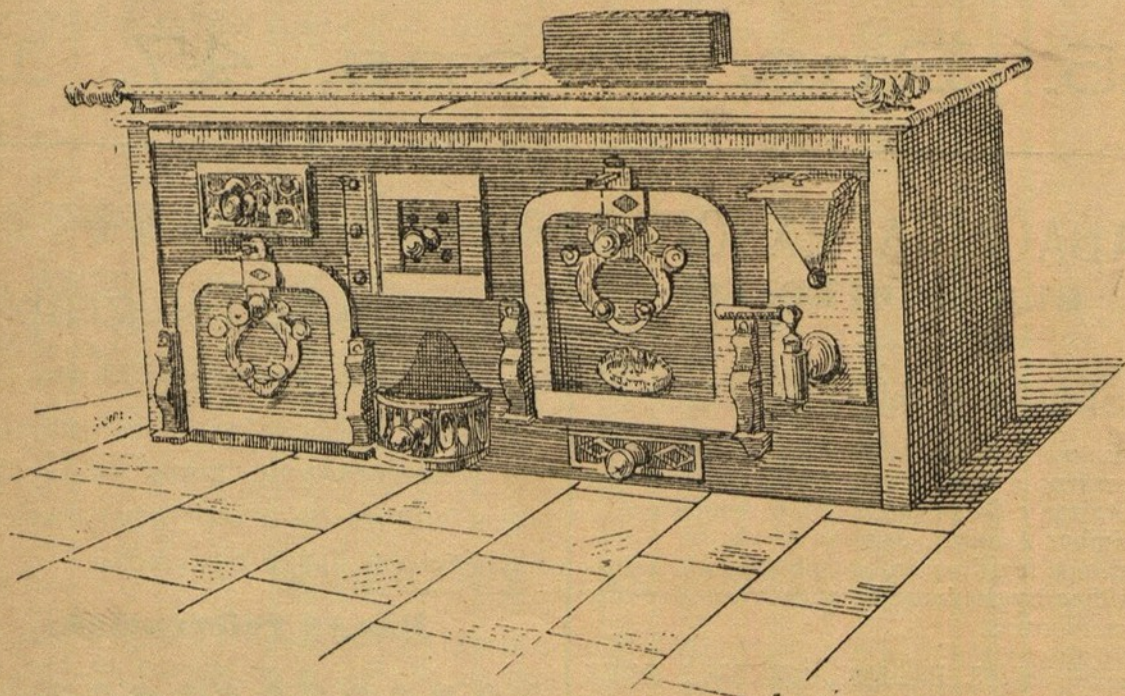
**CARLOS CORRÊA DA SILVA**

Rua Serpa Pinto, 24 — LISBOA

---

## MANUFACTURAS DE FERRO, COBRE E BRONZE

MANUEL PATRONE



Balanças diversas. Grande fornecimento de accessorios para luz de incandescencia e candieiros para gaz

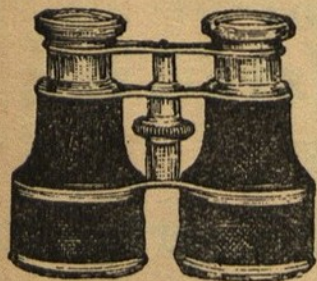
**RUA DE S. PAULO, 109**

---

## J. J. RIBEIRO & C.<sup>A</sup>

INSTRUMENTOS DE OPTICA E CIRURGIA  
TOPOGRAPHIA, ASTRONOMIA, ETC.

Grande sortimento de machinas e accessorios para photographia  
OBJECTIVAS DOS MAIS AFAMADOS FABRICANTES



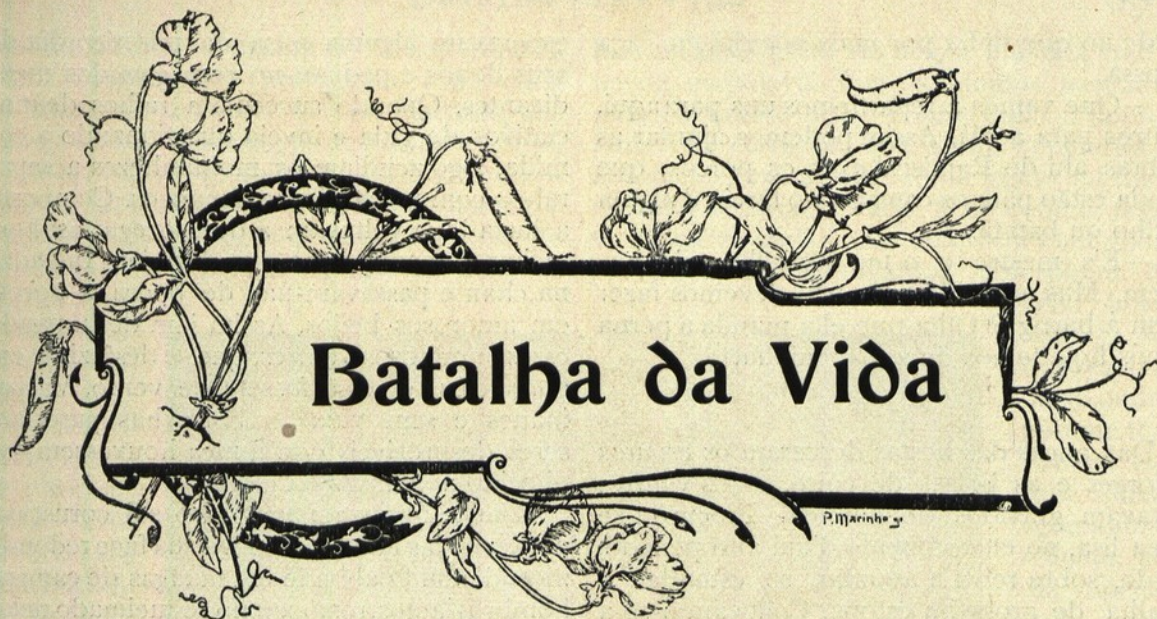
222, RUA AUREA, 226

LISBOA





À HORA DO JANTAR — QUADRO DE J. A. BRETON



**A** PARTIDA foi ao primeiro alvorecer, porque iam para longe. O nosso caminho era para o alto das velhas collinas, coevas dos seculos. Conforme se subia, mais se descobriam novos e redondos peitos de montanha, que pareciam pulmões de gigantes arfando. O

carreiro trilhado pelas pequenas mulas que transportavam os caçadores era estreito, ingreme e aspero, uma chan torturada pelas enxurradas invernaes. O sol antigo, avô das alegrias de toda a fecundação, annunciava-se apenas com um pulvilhar de scintillações, atiradas por cima dos altos pincaros. Essa luz meiga, dadivosa e jucunda, cahia gradual como se fôra desprendida de mão omnipotente, que estivesse abençoando o tranquillo valle. Já a terra acordava deliciosa, sem espreguiçamentos, n'uma amplificação meiga e risonha! . . .



Os inquietos sabujos, cães de todas as cores, procedencias e tamanhos . . . rafeiros, podengos e mastins . . . sinuosavam por entre as cavalgaduras e os homens de pé. Intemeratos corredores de maus caminhos, vivos, escanzelados, ligeiros, seguiam coxeando na direcção desejada. Apar d'elles caminhavam os rudes montanhezes, seus donos, calçados de tamancos de amieiro encorreados por cima de

pelle de javali e ferrados na sola de tacholas, que o granito aspero poia. Homens brancos, tostados, membrudos, refeitos (o pequeno e agil *homo alpinus* de Linneu) sempre vestidos do burel, fiado e tecido em casa, da lã das suas ovelhas. Experientes conhecedores dos terrenos em volta, eram elles que, á custa de gritos naturaes, de buzinas, de rufos de caixa, de tiros de polvora secca, acirrariam com todo esse alarme o instincto dos cães para levantarem a caça, que vivia socegada no imo das mattas e no pendor das montanhas. Alguns dos serranos levavam espingardas raiunas, cujos fechos de pederneira escondiam, por causa do orvalho, sob a grosseira vestia; outros abordados a paus de carvalho e lodão subiam de vagar a ingreme ladeira. Gentes de poucas fallas e poucos interesses, pois só memoravam casos de sua vida ordinaria com palavras avulsas, separadas por silencios longos.



O sol d'este adeantado outomno, ás oito horas, tudo aclarava com um rutilar vivo e magnificante: beijava a verde corôa da urze, e os tardios rebentos d'alguns arbustos; faiscava nas arestas vivas das penedias enchendo o ar de espelhamentos; reflectia-se nas aguas tumultuosas dos ribeiros, que susurravam nas fundas ravinas. Dia já completo, a luz convidava ao movimento. Fez-se, portanto, alto, n'uma extensa chan, larga e lisa, apenas tapetada de carqueja e tojo baixo. Os cavalleiros desceram das suas mulas, os montanhezes sentaram-se nas pedras que encontraram. Veio-se a conselho ficando os cães attentos:

—Que te parece João?!—perguntou o ab-

bade ao que tinha por mais sabedor em caça grossa.

—Que vamos a repartir-nos uns para aqui, outros para acolá. Assim podemos ajuntar as cabras ahi do Ramiscal com os porcos, que ainda estão para os campos, no farejo d'algum milho ou batata.

—E's mestre e o teu conselho vale, homem. Mas antes de tudo não devemos fazer bem á barriga? Olha que ella manda a perna e nós hoje temos de andar que farte.



Das ancas das bestas desceram os escuros alforges e as bolsas de coiro, cujos ventres estavam gravidos de comida. Procurou-se area lisa, no envasamento d'um alto penedo, onde, sobre relva a apontar, se estendeu a toalha de grosseira estopa. Collocaram-se a esmo as postas de bacalhau frito; as grandes broas de codea escura, que pareciam pedras requemadas ao sol; os bolos de milho recheados de toucinho, cosidos no rescaldo do lar. Em seguida appareceram as borrachas, pandas do vinho acre da ribeira, que assim deitadas e adormecidas pareciam inertes e rijas conchas de tartaruga morta. A rosea febra de meio presunto, mimo que o abbade trazia para os seus hospedes, ria estrondosamente no meio dos escuros salpicões e das gallinhas gordas do morgado da Cerdosa.

Entre os serranos começavam a passar de mão em mão, as postas de bacalhau acompanhadas do naco de brôa. Repartiam-se os bolos de milho com recheio de toucinho. Luzentes navalhas entravam firmes no roliço corpo dos salpicões e no presunto. Essas carnes odoríferas gargalhavam com os seus labios vermelhos, como a alegre flor do amaranto. Aves de ancas enxundiosas, escarchadas impudicamente á mão, patenteavam os ventres cheios de ovos infecundados. No ruminar lento e substancial dos caçadores sentia-se que havia fartura de comida: todos patenteavam aspectos ovantes de saciedade. As frentes baixas e energicas dos rudes montanhezes já se desenrugavam; o seu fallar era loquaz, patenteando esperanças de boa caçada. Em breve começaria a ondear pela serra o estrondo da montaria. O animal bravo, inimigo da rez e das searas, acochado pelos tiros e pelos cães, romperia ligeiro da vasteza dos mattagaes. Era para todos dia de festa, dia novo, este que lhes quebrava a monotonia em que viviam, encerrados entre penedias como n'um castello antigo.

Os magros cães, sobrios, alegres e sempre a remexerem-se cercavam os serranos petrificados em volta do presigo. Os animaes de focinho no ar, orelha guicha, olhar attento

esperavam alguma coisa da misericordia de seus donos e pediam-no com gemidos mendicantes. Quando succediam ralhos denunciativos de gula e inveja questionando a comida, logo acudiam os montanhezes a separal-os com pontapés de tamancos. Composta a lucta logo voltavam a desasocegar as borrachas do bom somno que dormiam deitadas na chan e passavam-nas de bocca a bocca, em amorosos beijos. Assim iam desimpando esses orgulhosos ventres, que se desfaziem em gorgolejos como se fossem de vento. Vacias, inanes e sem vida as borrachas pareciam seres desprezíveis que nunca houvessem conhecido applausos da gloria.

Concluiu-se o repasto; já o sol coruscava por cima das penedias com a sua face redonda incendiada. O abbade em mangas de camisa, hombros largos, rosto sereno requemado pelos ventos do monte, levantou ao céu os olhos agradecidos, n'um sentido de prece. Logo os serranos se desbarretaram das carapuças, erguendo como elle as mãos ao céu e baixando os olhos á terra!... Foi de minutos este ciclar de acção de graças ao Altissimo, por mais este favor de alimento concedido. Finda a reza ouviu-se o sacerdote dizer:

— E vamos a isto rapazes que são hoças.

— Não é cedo, não — opinou o Picanço.

— Mas entendes que encontraremos os porcos?

— Pois então?!... Tres viram os de Britello; outros tantos vimos nós. As cabras ali do Ramiscal havemos de as voltar. Falta caça?

Um velho de barba antiga a cobrir-lhe o peito tisonado, disse:

— Esse lobo preto, que me levou a ovelha, é que eu quero encontrar. Tenho aqui tres ameixas (batia no cano da espingarda) para lhe dar uma purga!...

O abbade folgou:

— Então, amigo Esteves, o lobo não hade comer?!...

— Coma pedras, que levam tempo a rilhar!

— O animal trata da sua vida...

— E eu da minha, sôr abbade — respondeu o montanhez abalando o corpo, de raiuna ao hombro.



Cada um dos caçadores foi para a espera que lhe foi designada; os homens encarregados da batida dividiram-se, como antes dissera o João Picanço. Houve largo espaço de tempo em silencio cavo e meditativo. A solidéz da montanha escura e o arqueamento transparente da abobada celeste resumiam aquelle mudo deserto. Em volta a amplidão infinita, por sobre a terra agreste o sol, mil-



lionario da luz, consumindo a sua riqueza n'um esbanjamento prodigioso. Para cima da linha dos caçadores subiam pincaros, uns sobre outros, todos crespos de urzaes, togeiras, piornos, velhos carvalhos e velhos medroneiros. Era uma negrura de penedias e folhedo aconchegados, marcada por nodoas de terrenos calvos, que as espingardas attentas vigiavam.

Estavamos ainda de pouco ali, quando principiou de soprar pelas ravinas briza algida: era um bafejo d' aço que nos augmentava o enregelamento do corpo produzido pela enercia. Apesar de deslumbrante, o sol já padecia de doença outomnal, não o sentiamos bastante quente para nos desentorpecer. O que valia ao animo das espingardas era a grita dos batedores, que se ouvia ao longe, misturada ao baço som dos buzios, ao rufo tremulo dos

tambores, ao estrondo dos tiros... tudo n'um amotinar de sedição. Eram soluços dispersos e desencontrados, golfados do ventre do nevoeiro que empastava o fundo valle. Essa massa de cinza uniforme e parada, com a briza que subia pelas corgas, principiou a mover-se, a crescer... a crescer, a crescer como leite em fervura. O sol produzia-lhe no dorso scintillações de iris, que bri-

lhavam mais perto de nós, á maneira que a nevoa empolava. Poucos minutos bastaram para os nossos olhos conhecerem o approximar da cerração, que vinha impetuosa e indomavel, avançando como legião mythica de anjos infernaes. Tudo ficou coberto d'essa cinza humida, tudo escurecido em volta, parecia que respiravamos atmosphaera de

cebo liquifeito. O sol que resplandecia omnipotente tornou-se, entrou n'uma agonia amarelenta, ardia apenas como cirio paschal, através de um véu de seda roxa. Estavamos isolados uns dos outros e do universo: parecia que um vulcão houvesse atirado repentinamente para o firmamento muita lava viscosa. Barbas, cabellos, a pelle, o vestuario... tudo pulvilhado de infinitas gottas de orvalho. Apesar de assim presos em triste masmorra, com paredes da grossura do



QUADRO DE GEORGE RANKIN

mundo, ainda ouviamos a grita dos batedores, o baço som das buzinas, o tremulo das caixas de rufo, o latir dos cães, o ronco dos tiros de polvora secca. Eram sarcasmos vibrando através da nevoa que nos cegava. Só o poderoso e intimo sentimento da existencia de cada um nos poderia fazer acreditar no mundo exterior... Estavamos inertes e com frio até aos ossos!

Passado um curto espaço de tempo, ao parecer enorme, o todo poderoso sol, de novo triumphou desfazendo a cerração. Volveu a patentear-se, a nossos olhos, o infinito espaço cheio de luz, cobrindo a terra arida e triste da montanha! Agora o arquejar dos tambores, os gemidos amplos dos buzios, as vozes dos serranos vinham mais proximos. O carpir dos rafeiros, já mui chegado a nós, annunciava caça visinha. Todos os caçadores se puzeram em guarda, ouvido á escuta, olhar attento, espingarda prompta. O abbade, em mangas de camisa, appareceu no alto de um penedo d'onde descobria fartura de terreno. O seu corpo solido, com a cabeça firme e as pernas afastadas, recortava-se nitidamente no immaculado azul, como um tronco de arvore secca, entre o fraguado reventado e nunca vencido pela turbulencia das intemperies. No proposito de vigiar a clareira achegou-se tanto ao limite da rocha que, a meus olhos, ficava suspenso no ar, sem apoio material sobre a terra. Pouco depois percebeu-se claramente o ondear verde do dorso da vasteza subjacente ao abbade. O restolhar vivo dos braços do arvoredado obrigou-nos a grande attenção. Tinhamos caça proxima, dizia-o o choroso latido dos cães. A corrida do animal bravio era quente. Seguia um caminho quasi recto, e por onde elle ía, ramos de urze e giesta afastavam-se para logo se unirem. Um minuto mais somente, e surgiu no terreno limpo, um corpulento veado de frente ramosa. Porte de grande vista: a soberba cabeça levantada como um tropheu, o animal levava na velocidade dos pés a vida que defendia. Passou rapido, instantaneo como uma sombra. De sobre a lage o abbade apontou, seguiu-o, desfechou; mas a primeira bala crivou-se no tronco d'um carvalho antigo e a segunda feriu na anca um corçoso de dois annos, que seguia o maior. Quando o abbade de novo carregava a espingarda, é que rompeu do urzal um grande lobo, corpo esguio de reptil, cauda baixa, lingua de cançado fóra da bocca, focinho a deante... a penetrar no matto denso. O sacerdote soltou grito d'alarme: «Ahi vae o lobo!... Ahi vae o lobo!...» Todos corremos aos pontos mais altos. A espessura do arvoredado tinha-o recolhido, protegendo-o com a sua densidade. Os cães, bastante cançados, ainda seguiram a caça algum tempo; mas não poderam ir muito além... O abbade, lá do alto, concluiu:

— Grande como um jumento, o lobo! Talvez seja o da ovelha do Esteves.

Um montanhez escarninho gritou:

— Sôr Esteves! Lá vae a ovelha no bandulho do lobo!

— Maus raios o partam! — exclama o velho, encarrapitado n'um penhasco. Tinha aqui as taes ameixas para lhe mandar ás tripas. Maus raios o partam!



A embaraçada selva de piornos, torgos, gilbarbeiras, tojos e carrascos; em que se levantavam arvores de grande porte como o choupo elegante, o freixo escuro, o lodão verde claro, o vidoeiro esguio, o carvalho cerquinho e o aparrado, o salgueiro, o medronheiro, o escambroeiro, o zangarinho, o azevinho de contas vermelhas, o salgueiro loução... protegeu contra a furia dos homens e o farejo dos cães os perseguidos animaes. Pela ondulação das giestas e verdes urzes foi conhecido por algum tempo o caminho que levavam. N'um pincarado calvo, ainda appareceu a cabeça vistosa do veado de dez galhos; mas, depois, o latir dos cães socego, o ramalhar do arvoredado quedou-se e tudo entrou no altivo socego dos logares ermos. Homens e rafeiros buscadores seguiram nova direcção.

Porém na vasteza impenetravel da montanha, o lobo, no seu fugir ondeante e cauteloso viu, esmorecido e abandonado sob um alto penedo, o corçoso de dois annos, que não pudera acompanhar o grande veado. O ferimento da anca não seria de morte; porém o timido animal, sensivel á dôr, cahira em desalento e quebraram-se-lhe as forças!... Animo imbelle, corpo fraco de donzella impubere, acolhera-se resignado á idéa de fenecer coberto pela negra sombra do forte granito, que para elle representava a força impassivel e intemerata. O carniceiro viu-o assim: apesar das ameaças que o perseguiram parou, fitando-o com os dois carbunculos dos seus olhos! Contemplou-o instantes. Ao arrancar medroso, em veloz corrida, deitou-lhe n'um relance a ameaça: «Até logo!»

Ficou o timido cervo protegido apenas pela densidade do arvoredado e pela sombra do alto penhasco. Abobadava sobre a montanha, um céu de myosote mosqueado de vôos de passaros. A atmospheria de crystal, cheia de palpitações, enebriava. Alaridos de serranos vestidos de burel, latidos de cães, sons de buzinas, rufos de tambores, estrondos de tiros... tudo ia longe. Sem ameaças de inimigos, aceitou resignado este feliz abandono. O silencio e a tranquillidade do ermo, eram-lhe beneficos para o coração dolorido e animo apavorado. Correu-lhe o dia calmo, até que no entardecer poetico, o crepusculo principiou a cobril-o com a gaze da sua melancolia. Do fundo do valle, por gargantas e ravinhas a pique subia a espessa noite, como um esguio e infindavel corpo

vestido de negro. Mais um vôo estridolo de perdiz... um levante restolhante de coelho... e o dia findou. A castidade e pureza da treva tudo absorveu, o innocente corço tinha de esperar ali outra aurora, que lhe restituisse valor para encontrar o rebanho dos seus companheiros. Na retina ficara-lhe impresso o olhar piedoso do grande veado, quando o vira cahir ferido e exaustol... Esperava a volta d'esse peito amigo e protector, que decerto o procuraria mesmo por entre os perigos da treva enganosa! . Não esperava em vão! Emquanto pelo ar da montanha voaram estrepitos e ameaças dos homens, esse arrojado companheiro não pôde retroceder; mas logo que a noite veio espessa, concentraram-se-lhe as idéas e os sentimentos, acordou-lhe viva a ternura de pae e uma furia brava lhe entrou no cerebro. Sahiu do tranquillo giestal onde se escondera: a airoza cabeça, toda enfeitada de seus galhos a recortarem-se no limpido céo, erguia-se magestosa. As pernas nervosas e flexiveis sustentavam o corpo esvelto. Escutou primeiro longamente a recolher todos os sons que viessem de qualquer parte. Os olhos brandos e maguados, procuravam na terra confundida pela escuridade, relevo ou corcova de cerro para se guiar. Focinho ao vento recolhia quanto o olfato lhe pudesse dar. Onde estaria seu filho e socio nos perigos recentes?! . No mesmo sitio onde o deixara?! . . Mas onde era o sacrario que lhe recolhia o debil corpo?! . . Que direcção escolheria para o encontrar, na vasta uniformidade da noite?! . .

Deu incertos os primeiros passos, timidos e mal seguros. Tinha o coração perturbado, sentia-se afflicto, cheio de medo e receio, elle montanhez ingenuo e temerario! A treva era breu, os seus olhos sinceros só amavam a luz. Paralsava-o a compacta negrura, a incerteza do destino. Sabia todos os caminhos e veredas d'aquellas montanhas: carreiros da largura de palmo, por onde só transitavam pastores com seus rebanhos, trilhos asperos por entre alcantis sombrios eram-lhe familiares, apesar de numerosos, incontaveis e levando a todas as fortunas. Uns iam para as cristas d'onde o sol se contempla, outros para o fundo onde os precipicios e as aguas se despenham. Sentia o peito ancioso, a mente obscura. Que infinito tempo a orientar-se! . . Os olhos de contemplativo de nada lhe prestavam sem luz, o ouvido subtil e vigilante era-lhe insufficiente na treva. Se arriscava cautelosos passos, logo eram rudes penedos ou vasteza de silvedos, a oppor-se-lhe. Lançou para o ar um mugido, um lamento de grande e intensa dôr, de ancia selvagem, que o folhedo das mattas recolheu. Subiu, desceu, tornou

a subir e a descer, sempre a, crescer-lhe o soffrimento com o desespero. Conhecia-se incapaz de encontrar o caminho que procurava: a noite era um subterraneo infinito e impraticavel. Dôr pasmosa, dôr augmentando sem limites, dôr sem outra equal! . . .



Menos inquieto do que o soberbo veado de cabeça fulva e apparatusa, estivera o perdido lobo em quanto chegava a noite, sua querida. Logo que nas montanhas abruptas a treva se estabeleceu e o perigo de emboscada para elle deixou de existir, começou de attender á propria natureza de carneiro aguilhoado pela fome de dois dias completos, em que só bebera agua dos ribeiros. O ardido olfato, seu guia seguro, pouco valor tinha agora que os ventos sopravam para onde ficava o corçosito. Porem aquelle infatigavel corpo anda, desanda, sobe, desce, vagueia... apurando todos os sentidos em busca persistente e teimosa. Gastou horas em febre de voracidade. Corre, retrocede, escuta, olfata illuminando a treva com a chamma de seus olhos vivos como tições. Na marcha ininterrupta abrange area de leguas, cortando-a em todas as direcções, sem que no seu animo rude fallecesse a esperança de encontrar a pobre victima. Chegou um momento de forte impressão de gozo em todos os seus nervos, e de forte contractura em todos os seus musculos. Parou subito! Estava agora no alto d'uma escarpa, onde corria vento favoravel ao seu instincto voraz. O previdente acaso valera-lhe por todas as fadigosas diligencias. Logo apontou energicamente o focinho ao lado d'onde presentira cheiro denunciativo. Estonteado no primeiro momento nervoso socegou-se para melhor se confirmar. Os seus olhos são fachos de prazer sanguinario; abre-se-lhe a bocca n'um escarneo violento mostrando a solida fiada de dentes brancos. Baba cupida lhe escorre da lingua vermelha... Sobe a uma lage para bem se nortear. D'ahi domina todo o declive e estreito valle. Atinando com a direcção salta d'um pulo e tropeia em veloz carreira, colleando nas veredas do fechado mattagal, como cascavel em terreno coberto de folhas. Transpõe obstaculos, vence a correr clareiras e bate, por fim, direito ao ponto, como aço attrahido por magnete. Impellira-o a mesma voz de necessidade, que lhe impunha a conservação do seu corpo vagabundo. Que voz?! . . . A fome, força inilludivel, resumo de lei suprema que reside no globulo do sangue, no cerebro, no estomago! . . . Grito de suprema magestade, impondo-se com energia ao que d'ella soffre. A fome nas entra-

nhas do lobo, era um querer absoluto, maldição vehemente contra toda a natureza creada. Acicatava-o agora no acume da vehemencia, obrigava-o a correr na serra, como se fugisse da morte, a procurar a vida. Os ultimos vinte minutos da carreira, que valeram horas para a sua voracidade, levaram-no perto do corçoso ferido e abandonado!...

Era o começo do terceiro dia de abstinencia forçada e completa: o segundo gastara-o n'um errar incessante, em corrida e susto continuo, mal podendo illudir o ventre com agua. No interesse de se defender de perigos verdadeiros, ou imaginarios, andara continuamente, sem conseguir romper o circulo do vozêio de batedores, sempre com o cheiro de cães no olfato, a visão da morte nos olhos. Porém, até no mais agudo d'esses lances, não perdera a idéa do corçoso ferido e deitado sob a negra penedia! Quando junto d'elle chegou, tamanho

foi o prazer selvagem das suas entranhas, que n'ellas morreu subitamente a fome! Seria para dilatar o gozo?! Por certo: o appetite continuava imperativo, eram apenas illuminações na sua festa de carnívoro. A' vista da preza suavizou-se-lhe o olhar em longes de meiguice. Agachou-se perante a victima, como um cadello festivo ao encontrar a sua cadella. Ergueu-se espreguiçando-se: corria-lhe em todo o corpo um fluido de gula. Rodeia o pequeno cervo abatido e supplice; vê-o por todos os lados; festeja-o com sorrisos de ironia selvatica. Procuraria illudil-o com esperanças? Os seus pulos semelhavam

contentamento: eram o gesticular satisfeito do homem, que encontra aquillo que muito procurara. A lingua, lamina de faiscante lume, vibra-lhe na bocca em convulso movimento de sensualidade. Com maldoso engano de carinhos, aproxima-se do confundido animal, lambe-o em vez de o dilacerar. Quem sabe?!... Pensaria nos lances falazes da sua vida eternamente varia, pelas serras, pelos alcantis, pela espessura das mattas, pelo fundo dos preci-

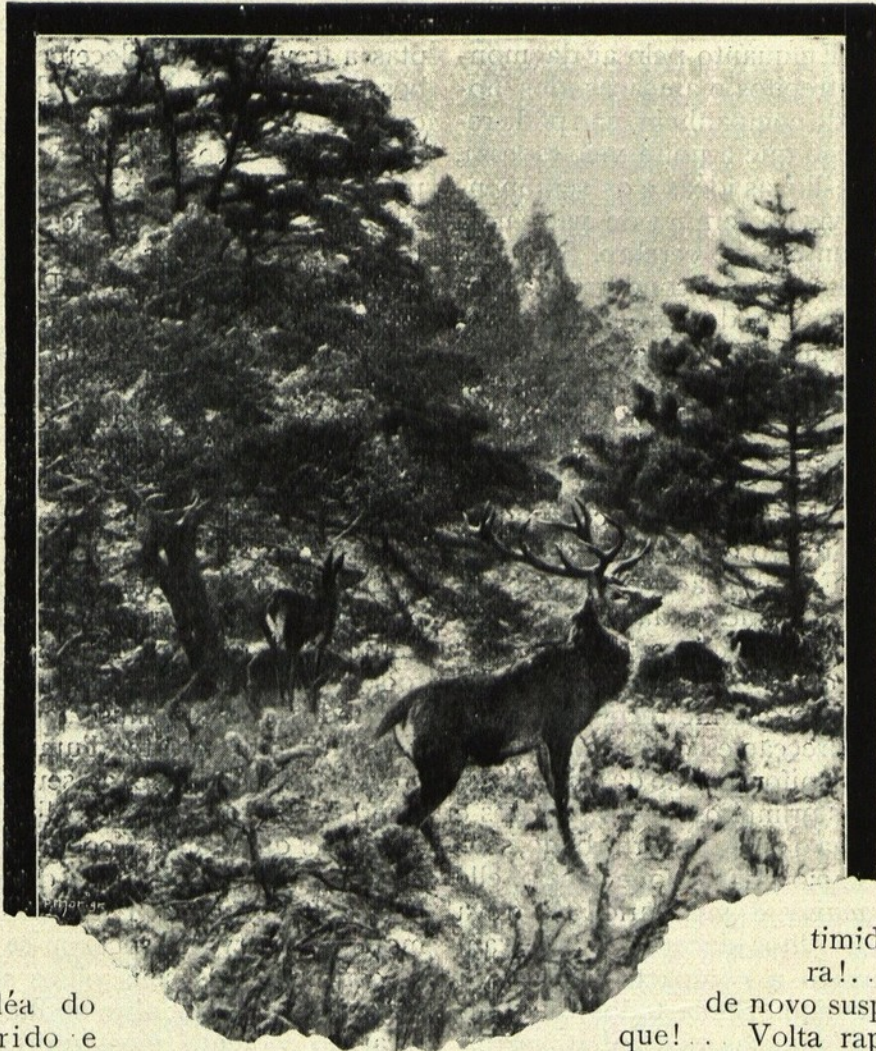
picios, espreitando, escutando, farejando para evitar ciladas e do mesmo passo obter comida para contentar o appetite?!... Vir-lhe-hia á mente a comparação d'este momento ditoso, em que se lhe offercia carne tenra, odorifera e rosea, com aquelles outros em que só de vento se podia faltar?!. Ia porfim morrer... já o

timido cervo chorava!.. N'este lance

de novo suspende o ataque!... Volta rapido a cabeça, para onde sentira ruido estranho e suspeito!... Era estralada de ramos no interior da vastezza que o

cercava. Aquella indole sempre receosa, por sempre perseguida, soffreu-se no movimento aggressivo. Amorteceu n'elle o desejo avido, pondo-se em guarda para a fuga ou para a defesa. Ergueu a cabeça, apontou o focinho, retesou as orelhas, fixou a vista sanguinea! N'um pulo e de repente appareceu-lhe deante o formidavel veado de dez pontas! Fronte galharda, pernas nervosas e firmes, corpo reforçado... Respirava com fragor de cançado e de colerico.

Santo allivio, alma nova para o corçoso em quem esmorecera toda a esperança! O seu olhar humilde e supplice, olhar de fundir



QUADRO DE LEMAN

em pranto as pedras duras, não tinha amaciado a dureza da fêra; a sua compostura resignada e lacrimosa, não encontrara no lobo, de misericórdia ligeiro signal. E' que no cerebro do carniceiro, superior a todas as compaixões, bradava a portentosa e inconsciente voz da Necessidade! Para refazer o seu corpo, para o não entregar ao desfallecer, á dôr, ao aniquilamento, esse animal arrasaria o mundo se pudesse, semeal-o-hia de espinhos, faria correr todo o sangue de todas as veias! Era a sua natureza bruta e sanguinaria, não podia illudir a suprema lei!



Os dois corredores d'aquelles bosques ensombrados e d'aquellas serras aridas, encontraram-se, frente a frente, em torva mudez! Os olhos do lobo eram dois carbunculos brilhantes e sanguineos, as narinas do veado resfolgavam colericas e violentas! A victima imbelle, o resignado corço, sorria tremulo e esperançado! A luz triumphante, que já purpureava as cristas das montanhas fazia que, estes dois inimigos, se vissem. . .

O veado firme e resolutivo:

— Serás eternamente o inimigo dos que vivem n'estes cerros e mattas?! . Teremos de nos defender sempre do Homem e de ti, menos piedoso que o Homem?! . . .

O lobo sereno e implacavel:

— E' o meu sentir de fêra. Se ha culpa, é de quem me poz no coração, a energia que me impelle.

— Nascidos e creados entre os mesmos arvoredos e penedias, correndo eguaes perigos e desventuras, deveriamos ser irmãos. Por que nos atacas e a nossos filhos?

— Não devo deixar-me morrer de fome, para que vossos filhos vivam. O meu corpo requer alimento para existir.

— Ha tanta comida por esses montes, por esses valles! . . .

— D'essa escolho a que a minha natureza exige. . .

— Nas arvores veem-se flores bellas e tenros gomos d'um sabor delicioso; as silvas dão-nos amoras, os carvalhos a lande; é doce o fructo do medronheiro, acido e agradável o abrunho. . . Ha na chan hervas aromaticas, na terra raizes e tuberculos de bom alimento.

— Com isso se cria a carne de que precisa a minha carne; com isso se aromatiza o sangue, que o meu sangue requer. . .

— Podes no estio descer aos campos. Encontrarás o leitoso milho, verde e macio, encontrarás trigaes cujas espigas estalam nos dentes com um ruido brando. . .

— Alimentos de animaes sem braveza. Eu sou a valentia das montanhas.

— Valente e mais que tu é o javali, que sabe procurar na terra a batata e outros alimentos de que se sustenta no inverno, quando o tempo é frio e a mim só me resta a tona amarga da betula e do choupo, as folhas da silva, a urze, o piorno. . .

— Esse animal é pesado e desprezivel. Bronco e sem graça no corpo, vive deitado e preguiçoso em logares ermos e feios. Não conhece o delicioso prazer do sangue fresco, nem ama a paisagem.

— Amo-a eu, a paisagem, e o canto dos passaros; conheço o prazer da gula no colher das flores e dos gomos novos. Mais do que tu sou gracioso e ligeiro, quando percorro esses montes.

— Percorres esses montes, mas não vences diariamente e em noites de luar, leguas de devesas e alcantis. Fallece-te a astucia com que te livres do caçador, páras como creança ao som da flauta pastoril e d'outros enganos com que te illudem, para te ferir.

— Os homens gostam da minha carne, amam o meu corpo esbelto. . .

— Os homens aborrecem a minha presença, não me aproveitam em comida. E' simplesmente por odio que me perseguem, o que aperfeiçoa a minha astucia e ferocidade. . . Tenho o direito de represalia, visto perseguirem-me sem motivo.

— Triste fundamento que te torna desamado de todos nós, que nenhum mal te fazemos.

— Fazeil-o a seres inermes, que se não sabem queixar. As flores, os rebentos viçosos, as folhas verdes, as hervas odoríferas. . . tudo que vós comeis não terá sentir?! São coisas vivas: nascem, crescem, multiplicam-se, choram lagrimas de seiva, riem quando o sol as beija. Para a vida não são diferentes de nós dois, nem do teu filho. . .

— Differente do meu filho que eu amo é todo o universo. Contempla-o a esta suave luz da manhã: bello e inoffensivo. O seu corpo airoso, o seu olhar suave é a alegria das devezas. Tu não o devorarás.

— Devorarei: é a minha condição e o meu prazer. Da ferida que lhe fizeram os homens vae morrer. Apodrecendo, o seu mau cheiro empestará o ar, afastará d'aqui as aves cantoras. Não seja eu que o coma e servirá de pasto a vermes immundos e a raizes que vivem no interior da terra. Que maior razão haverá para nojentos bichos sem olhos, e plantas obscuras se nutrirem do corpo do teu filho e não eu? Será porque as plantas produzem os rebentos e flores de que tu te sustentas? N'esse caso serias tu que vinhas a devorar a carne do teu proprio filho. . .

— Idéa negra! Maldito sejas carniceiro, incapaz de conhecer o affecto ao sangue do teu sangue. Não tendes amor áquelle a quem geraste!...

O lobo exaltou-se:

— Haverá debaixo do sol mulher, féra ou ave que mais queira aos seus filhos do que uma loba! Mãe incomparavel e amantissima, a todo o momento arrisca a vida pela d'aquelles que trouxe no seu ventre! Nunca a tua femca dengosa conhecerá o profundo carinho e amor, que minha mãe teve por mim e por meus irmãos! Quando viemos ao mundo encontramos uma cama de principes feita de musgo brando. Escolhera antes, no mais intimo e escuso d'um bosque, o sitio onde prepararia o palacio, que ao mesmo tempo era fortaleza, para nos depositar e defender. Com os proprios dentes catara o chão de todas as pedras, espinhos e paus molestos, para a nossa delicadeza de recém-nascidos não ser offendida. Sobre tão fofo leito nos deu á luz, em formosa e tepida manhã. Nas primeiras semanas de existencia alimentou-nos só do seu leite, que tirava do proprio sangue, nutrindo-se apenas d'agua do ribeiro proximo. Vendo-nos espertos, a brincar uns com os outros, presidiu primeiro aos nossos folguedos, indo depois buscar-nos o alimento que mastigava na sua bocca, para em seguida o introduzir na nossa. Eramos já capazes de comprehender e então principiou a industrializar-nos na caça de arganazes, caçapos lebrachos e perdizes. . . animaes que nos trazia vivos, para com elles aprendermos a combater. Quando estes succumbiam aos nossos afagos e dentadas, ella, a mãe loba, tendo assistido interessada á peleja, encarregava-se de os esfolar e depenar, esartejando-os e repartindo-os entre nós, com a maior rectidão e egualdade. Principiavamos já a andar facilmente, espreitando curiosos e com espirito de independencia. A loba entendeu que devia preparar-nos para maior lucta, para a lucta de todos os dias. Levava-nos comsigo, experimentando-nos o instincto, educando-nos o faro. . . Aperfeiçoava-nos os sentidos, guiava nossos passos na vida tormentosa de brenhas e bosques cheios de perigos. N'este periodo se manifestou na mãe loba o grande e portentoso amor pelos seus filhos. Era uma inquietação de todos os momentos, uma ancia extrema em tudo observar, para não cahirmos em traidora cilada. Ella ia sempre adiante: espreitava, escutava, farejava... sustinha-se ao menor ruido, á mais leve sombra, ao cheiro mais subtil. A' primeira suspeita logo nos escondia em qualquer buraco, na espessura d'um giestal... e collocava á entrada o seu

corpo como fiador de eventual ataque. Encontramos um dia certo cão de pastor, valente e com o pescoço envolvido em colleira de pregos!... Fomos por elle assaltados, corremos positivamente risco de morrer. Porém, nossa mãe, defendeu-nos com tanta energia, denodo e furia, dava tantos uivos e pulos e dentadas que o inimigo fugiu aterrado e veloz. Assim preparados para esta vida aspera, errante e perigosa, que é o nosso destino, quando nos julgou capazes de nos defender e de investir... é que nos deixou. Eramos uns lobitos menos maus, já faziamos as nossas proezas de caça, na idade que devia andar pela do anno. A grande missão da loba estava cumprida. Abandonou-nos sem sentimentos piegas, dando até a sua dentada n'aquelle de entre nós, que mostrasse geito de acompanhá-la, para viver parasitaria-mente á custa do seu esforço d'ella. Foi uma verdadeira educadora e combatente, não tinha orgulhos, nem ternuras desnecessarias... Depois d'isto seguimos o nosso destino, o forte e tragico destino dos vagabundos eternamente perseguidos e por todos odiados. Amamos com furia e coração estas rudes penedias e brenhas em que nascemos, e onde andamos livres, á lei da vida e da morte, sem objectivo fixo. Nunca as abandonamos, senão muito apertados pela fome e pelas grandes neves. Vós, mais delicados, ides frequentemente aos valles ferteis e carinhosos, procurar mimos e commodos, que eu desconheço. Por isso não sentis a magestosa força e gozo de lucta que enebria o nosso corpo. Sempre com a existencia a preço, sempre espreitados pelos homens prevenidos e maldosos, encontramos na fuga, na astucia e na lucta o meio de evitar as ciladas que nos armam. Porque nos perseguirá o Homem, se da nossa carne não pode tirar o gozo que da vossa obtem?!...

— Porque lhes desvastaes os rebanhos e lhes destruis as rezes.

— Coisa de nada! Um anho ou um cabrito, para encher o estomago vazio, ás vezes com quatro dias de abstinencia. Por tal ninharia andamos escondidos pelas covas, por entre os inacessiveis rochedos, pelos mattagaes impenetraveis! Não valia a pena tanta vingança! E chamam-nos com raiva e desdem a nós, carniceiros, desconfiados, medrosos e covardes! . . . Pudera! Os riscos de todos os dias é que assim nos tornam. Ninguem melhor que um lobo sabe, o preço do existir, quanto custa a vida, e porque muito custa, é que muito a amamos e a queremos prolongada.

— Prolonga a vida e sustenta-a, mas não com a carne do meu filho.

— A vida só de vidas se nutre! E' a lei geral.

— Insistes, pois, em devorar este pobre e delicioso corpo ?

— O meu estomago, como todo o meu ser, é uma grande e insondavel sepultura, que tudo esconde e tudo desfaz. Tenho fome, muita fome, grita dentro em mim a voz da tremenda Necessidade ! Aquelle corpo é uma carne appetitosa, e delicada ; sinto bem o delicioso aroma d'aquelle sangue. E' formado de cheirosas flores, de rebentos novos e macios, de fructos sazonados e bellos. Não são tambem coisas bellas, não são tambem coisas vivas ? Teu filho immolou-as á sua conservação e existencia, chega-me agora a mim o momento de receber essa divida contrahida perante a Natureza !... *(Com aspecto mais duro e violento)*. Sinto nas entranhas a tortura da Fome ! Berra em mim a lei compensadora da destruição ! Afasta-te ! Não provoques mais a raiva dos meus dentes !

• • •

A resposta do grande cervo de dez pontas nos seus galhos, foi baixar a cabeça, e atacar com os agudos punhaes que lhe ornavam a frente, o delgado corpo do lobo ! Ao mesmo tempo dera um tremulo e rairoso gemido, que eccoara por todos os reconcavos da

montanha. O carniceiro, sempre prevenido, arqueou-se n'um salto, evitando prestes a aggressão. O dia já era completo, todo o céu inundado de sol, e sobre a terra arida os dois combatentes procuravam-se com egual sanha e ferocidade. Vieram no pelejar a uma chan limpo d'arvores, encontrando-se assim mais desembaraçados ! Mutua furia e a violencia no ataque. Os galhos do veado florevam dirigindo-se ao ventre do lobo. Este evitava agilmente a pontaria e, com certa vista, arremettia com os afiados dentes á roliça anca do veado. Colleavam, os dois, no ar como cascaveis assanhadas, pincelando de sombras o limpido azul. A ancia e o resfolego dos combatentes sentia-se em esphera larga. A vista sanguinea do lobo, com os olhos brilhando como clarões de lume, mostrava intelligencia viva ; o ataque sincero e garboso do cervo, tinha mais furia, mais paixão, mas era hesitante e incerto. Já ia este valente ani-

mal recuando de cançado e, assim, se distanciava do ponto onde ficara o corpo que defendia. Decrescia-lhe o folego, abandonava a arena, afastava-se em fuga. Lavava os olhos razos d'agua, o peito ancioso e commovido . . . O seu desespero era enorme ! N'um cerro alto, até onde o lobo o perseguira com mordeduras, ainda n'um relance cheio d'amor fixou o duro penedo que abrigava o corpo do seu filho, enchendo o infinito céu d'uma piedade immensa e d'uma dôr immensa ! . . .

• • •

O faminto carniceiro voltou logo com o appetite mais excitado. O corçoso de dois annos, jazia no mesmo logar, a vista cheia de pavores e sombras tristes. As folhas descoradas do outoinno, amollecidas pelo orvalho da manhã, que tapetavam a chan pedregosa, abafavam o andar do lobo que reapareceu de surpresa. N'este lance unico, a offercida victima era só meiguice e resignação. Sentia-se augusta e solemne a paz do ermo ; a festa garrida do sol brilhava nas fendas do arvoredado inculto ; os galhos despidos de folhas choravam gottas de orvalho ! . . . Em todo o corpo da fera

havia uma alegria de



gula, que lhe vinha á lingua babosa. Primeiro lambeu o sangue que ainda escorria da ferida do pequeno veado ; em seguida, com o ventre na chan, pousou-lhe no corpo as patas dianteiras como demonstração de posse. Tinha seu quê de esphingeo esta cabeça erguida, o focinho apontado, o olhar em desvario. Era apparente e momentanea a passividade : das entranhas subia-lhe aos dentes um desejo formidavel e inilludivel de destruição ! Ergueu-se firme nas delgadas pernas. Escancarou as guellas, fundo e vermelho abysmo com a defesa de formidaveis presas á entrada ! Teve um impeto e arremesso de louco, impellido por energia atavica, mordendo com furia o pobre animal na garganta. Lembraria a lição educativa da mãe-loba, quando nos primeiros tempos, tambem com os dentes, estrangulava os laparos que depois lhe dava a comer ? ! O sangue do corçoso esguichando-lhe no paladar, acordou-lhe o v hemente

appetite de féra sanguinosa, gozo que se lhe irradiou pelos nervos até ao cerebro, onde produziu reverberações de incendio. Foi então grosseiro e implacavel: n'um minuto o corpo da victima estava desnudo da fina pelle. Era uma carne rosea, tenra, odorifera e fumegante!... A sua vista, o seu odor, porduziu no carniceiro um tal desvairamento de prazer, que n'este momento ficou igualado a toda a natureza que se nutre. Era estranha e portentosa a força que o dominava! O impeto voráz d'aquelles dentes brancos ao enterrarem-se na carne quente, a satisfação d'aquelle organismo em victoria, o feróz instincto que lhe regia a conservação... synthetisavam a lei que manda que as vidas de vidas se nutram, e que circule a materia no seu giro ininterrupto! Ficava assim assegurada a continuidade de vida, a nullidade da morte, e que aquelle corpo da féra poderia percorrer, dia e noite, alcantis e verdas!...



Sentia-se o lobo em gloria suprema, o sangue do corço circulava no seu sangue, os pulmões respiravam-lhe amplamente as energias da criação, quando o seu esperto ouvido de novo lhe denunciou a proximidade de cães farejando. Ramalhavam arbustos sem que o vento os soprasse?— era signal de inimigo!... O prazer da gula entorpecera-o, tinha-o tornado desprevenido e incauto!... O seu olhar sanguineo empallideceu, retesaram-se-lhe as orelhas, tremiam-lhe as narinas. Cães por todos os lados. Estava cercado, só a astucia, que não a audacia, lhe podia valer. De cima e le baixo, d'um lado e d'outro, vinham-lhe gementes latidos dos rafeiros, quando olfatam proximo da caça. Pensou em fugir, mas para onde?! Pensou em se esconder, mas aonde?! Seguiu um carreiro de tojo alto: estava defendido por um valente cão de Crasto, que n'um olhar irado ia arremetter, mal o viu! Voltou encolhido e tremente. Havia uma cova escura, por baixo do penedo, ao fundo do sitio onde esgarçara o pobre corço... Ahi se metheu diminuindo-se, cosendo-se com a terra para não ser percebido. Mas do lado opposto havia outra porta e a ella se mostrou um cachorro de latir infrene a chamar os companheiros, que logo acudiram. Eram muitos, penetraram na larga caverna obrigando-o a abandonar o esconderijo. Apertado

Lisboa, maio de 1902.

de toda a parte com latidos, adivinhando que muitas espingardas o esperavam nos terrenos descobertos, enfiou por uma ravina aspera e pedregosa, toda enlaçada de silvas e espinheiros, ao fundo da qual grasnavam aguas. Tambem d'aqui muitos cães lhe impediram a passagem, apresentando-se-lhe de frente.

Adeante de todos estava o mollosso de Crasto, animal reforçado e corpulento, que valia bem para um lobo! Retrocedeu; mas já perseguido de perto por toda a matilha, que se reunia n'um formidavel alarme de ladros raivosos. Os batedores espertavam os cães com vozes apropriadas. Já as espingardas de cima dos penedos vigiavam as differentes sahidas. O lobo, habituado a encontrar na corrida o seu modo de salvação e sentindo-se com maior folego que os perseguidores, enveredou ao alto para fugir. O João Picanço, montanhez experimentado nas manhas da féra, conhecendo o estratagemma pela embrulhada dos rafeiros, que se atropelavam, gritou:

— Gentes lá de riba. Ahi vae o lobo!...

Todos os d'este lado redrobraram d'attenção. No cimo d'uma fraga, em mangas de camisa, raiuna aperrada, olhar e aspecto sereno via-se o velho da barba inculta. O seu corpo mediano e solido, a cabeça pequena e escutadora, recortavam-se no claro azul do firmamento. Como a corrida dos cães fosse para elle, o Picanço avisou-o. «O sôr Esteves! La vae!...» O serrano conservou-se imperturbavel. N'um momento metteu a arma á cara, firmou a pontaria, seguiu com ella durante segundos, disparou ficando-lhe o rosto envolvido na fumarada da escorva.

— Cahiu! Cahiu! E' o tal!—gritou elle, descendo da fraga com grande ruido dos seus tamancos ferrados.

Todos os montanhezes e mais caçadores correram para ver. De borco, sobre um macisso de carqueja, estava o grande lobo de lombo preto, arquejante, golfando pela bocca sangue e comida. Em volta formou-se um clamor de vozes, de vozes festivas engrandecendo o caso. Perante todos o velho affirmou:

—Andava-lhe com uma gana, cá mesmo de dentro! Depois que me roubou a ovelha, não dormia com esta scisma de matar o ladrão. Carreguei a arma com tres balas, que deve ter no bandulho. Uma voz do coração me dizia que este maroto m'as havia de pagar. E pagou, caramba!...

Bento Moreno





QUELIMANE — SECRETARIA DO GOVERNO, TRESOURARIA DE FAZENDA E RECEBEDORIA DO CONCELHO

# De Lisboa a Moçambique

POR ANTONIO ENNES

SEGUNDA PARTE

CAPITULO IV

**Quelimane — O Chinde — O Zambeze — As canhoneiras**

A HUMANIDADE é rara, n'aquellas paragens, ainda depois de terem sido postas em voga. Logo á saída do porto passa-se por uma quitanda de *monhé* de palha ennegrecida, encarrapitada n'um trecho da margem alta; depois navegam-se milhas e milhas sem avistar viva alma, a não ser alguma alma de macaco empoleirado em ramo de arvore, a fazer desrespeitosas gaifonas aos viajantes. Lá mais para diante, á direita, largas folhas verdes claras de bananeira servem de bandeiras a aldeolas de indigenas, e, de facto, por entre os córtes feitos no mangal para serviço dos desembarcadouros, onde alguma casquinha está pegada na vara, entrevêm-se palhotas levantadas em andas altas de estacaria, como as *povoações lacustres* da Europa ante-historica, para se não submergirem quando o rio trasborda. De culturas nem vestigio, afóra essas bananeiras e alguns pés de mandioca; tomaram-n'as lá os gulosos cavallos-marinhos! Mangal, sempre mangal, e por detrás d'elle ramarias selvagens, prados de capim, palmeiras bravas, especies que nem terão nome na botanica.

Tambem se andarão horas e horas, subir-se-ha até o Zambeze, sem encontrar no rio uma embarcação *civilisada*. A navegação ainda é caso que traz ás praias negros espantados, sempre olhando atrás a assegurarem-se de que podem fugir. Os inglezes têm só—tinham n'aquelle tempo,—dois pequenos vapores, o celebrisado *James Stephenson* e o *Lady Negassa*, e esses fazem viagens uma vez por semana ou menos; as canhoneiras de guerra, as nossas e as inglezas, creio que tambem duas,—andam quasi sempre lá para o interior, quando não estão encalhadas; e o commercio e o transito de passageiros ainda occupam poucos barcos de vela ou de remos. Pode a gente ter a presumçosa illusão de que vae descobrindo o Chinde, emquanto não chega ao Sombo, a umas dezoito ou vinte milhas da fóz graças ás curvas e recurvas do rio.

O Sombo, ou antes a *luane Esperança*, fundada ao pé d'aquella antiga povoação indigena, é o centro de exploração agricola do prazo Luabo,—o maior prazo da provincia, maior que Portugal—de cujo *mussoco* são ar-

rendatarios Paiva d'Andrade, o conhecido africanista, e um primo seu.

O *luane*, situado na margem esquerda, occupa um terreno aforado por esses arrendatarios, terreno baixo, de estrutura rudimentar, que o Chinde provavelmente trouxe para ali da alta Zambezia, torrão a torrão, grão a grão; receia-se firmar n'elle os pés, não esteja ainda fôfo. Tem a poucos metros da praia, uma vasta casa de madeira e alvenaria, cercada por uma galeria alpendrada, d'onde se enfia a vista até se perder por uma avenida bordada de palmeiras, de mangueiras, de sumauzas, a qual atravessa grandes plantações, cada anno dilatadas, onde já então seis mil coqueiros pulavam da terra desbravada.

A' beira da avenida grupos dispersos de palhotas. Nas cercanias da casa senhorial episodios pitorescos de granja, frescas notas bucolicas: uma horta viçosa como as do valle de Chellas ou da Povia, defendida por canhão das invasões das gallinhas, que vagabundeiam nos eirados em ranchos cocorejantes; officinas com alfaias agricolas arrumadas ás paredes; cevados a grunhirem, estendendo as trombas pelas fendas dos tapumes das cortes; habitações de serviçães, circulares, feitas de palha ennastrada com esmero, a cuja porta negras rochunchudas lavam roupas; no meio d'um terrado, um macaco preso a um mastro, puxando pela corrente para ir contender na passagem com os cabritos, que lhe fogem balindo. O espirito sente-se bem n'aquelle oasis de trabalho encravado no sertão. O europeu, que no meio da natureza selvatica d'Africa extranha-se a si proprio e tem a consciencia de ser um intruso, acha-se ali como em casa sua. Fui lá por poucas horas, e passei lá quasi dois dias a refrescar-me, a descascar a visão de todo o mangue, a lavar da alma as impressões da nossa improductividade colonisadora. Alegrei-me, remocei-me, joguei o chinquilho, tive vontade de tambem ser fazendeiro, de transformar mattagaes em pomares, lameiros em cearas, selvagens em obreiros; de semear ás mãos cheias de trabalho, civilisação, luz, consciencia, iniciativas, riquezas, sociedades, entranhas palpitantes n'aquelle mundo virgem. Oh! que se em Africa se podesse ter familia!

O Sombo tambem é agora um arsenal naval. Paiva d'Andrade (João) projectou construir, perto do porto do Chinde, uma doca de reparações especialmente destinadas ao serviço das embarcações que navegam no Zambeze; mas as difficuldades da obra e, ainda mais o receio de concorrências officiaes ou particulares aconselharam-n'o a desistir do projecto, ou antes a substituir-lhe outro

mais comesinho. De acôrdo com o commandante da esquadilha do Zambeze e Chinde e governador de Tete, o capitão tenente Eugenio Andrea — um dos funcionarios mais sizudos e prestantes que a metropole tem mandado a Moçambique, — emprehendeu antes montar na praia de *luane Esperança* um plano inclinado onde os vasos d'essa esquadilha e quaesquer embarcações de porte não muito superior ao d'esses, podessem ir limpar e concertar o fundo.

Este emprehendimento realizou-se. O plano inclinado foi feito no nosso arsenal de marinha, por contracto com o emprezario da sua exploração, e estava sendo assente na praia de *luane Esperança* quando eu visitei o Chinde. Ao mesmo tempo sob vastos telheiros levantados á borda do rio, acabava-se de montar uma lancha-canhoneira sob a direcção d'um machinista enviado para isso pela casa constructora Yarron, e outras recebiam beneficiação.

Procedia-se a uma reparação completa do material da esquadilha que hoje se compõe das lanchas *Sabre*, *Carabina*, *Obuz*, *Coama*, *Cherina* e *Maravi*, e por isso tinham reunido quasi todas ellas no Sombo.

Um dos maiores serviços recentemente feitos ao dominio portuguez na Zambezia e á ordem e segurança do paiz foi lançar nas aguas dos seus grandes rios estes pequeninos vapores, que, todavia, ainda são pouco numerosos. Não que elles amedrontem com o aspecto. São microscopicos, estão para as athleticas machinas de guerra que as potencias europeas tanto receio têm de experimentar a serio, como o rato para o elephante; lembram modelos de museu naval. Quando encalham, saltam as tripulações á agua, e quasi lhes pegam aos hombros para as pôrem a nado. Um Alcides de Colyseu dobra-lhes entre os dedos as chapas de ferro do fundo. Ao seu armamento, uns canhões-revolver, chamam os artilheiros assobios; faz menos estrondo do que as bombas do foguetorio do Minho, e com as balas que dispára caçam-se batárdas sem as estrafergar muito. Nos alojamentos só cabem numerosas guarnições de soldados de chumbo. Os proprios commandantes dormem nos beliches com os joelhos á bôcca, e deviam ser escolhidos entre os officiaes de menor craveira para não haver risco de arrombarem com as cabeças os tectos das camaratas; só a *Coama*, tem uma camara em que já coube um casal, que não era positivamente de pombos, no tamanho. As machinasinhas por pouco não cabem n'uma caixa de realejo, mas ainda assim, como os paioes pouco mais capacidade têm do que as carvoeiras das co-

sinhas da Baixa, é necessario, volta e meia, ir a terra cortar lenha para combustivel. Dá vontade de brincar com ellas, de as fazer navegar n'um tanque de quintal, de as dar de presente a um menino que já revele vocação para ministro da marinha; pergunta-se sem querer offendel-as, se aquillo anda, dando-se-lhe corda. E não podiam ser maiores, só poderiam ser mais solidas. Mesmo assim só chegam até Cabonbassa depois das grandes chuvas, e na estiagem até as mais pequenas lhes custa ir a Senna ou ao Gumgu.

A *Sabre* e a *Carabina*, unicas que se atrevem a sair para o mar, quando elle está como a palma da mão e consta que Boreas e companhia juraram não soprar, essas só dão algum passeio no Zambeze quando elle deita por fóra. Andam sempre com os queixos amarrotados das topadas que dão nos bancos, esmerilam as chapas do fundo na areia, e de quando em quando cravam-se no leito do rio e para ali ficam até Deus ser servido. Na quadra da secca, quando vão d'uma para outra parte, não se lhes calcula o tempo que levarão a navegar, mas o que gastarão a encalhar, porque é esse o seu fadario.

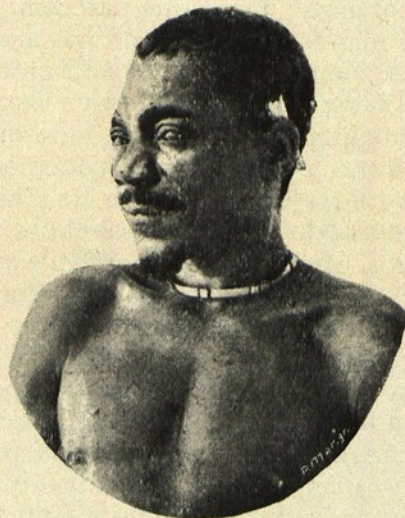
Mas com tudo isso, se toda a provincia fosse sulcada por vias fluviaes, só separadas umas das outras por terras que não tivessem largura de mais de dois tiros das pecinhas d'essas lanchas, só ellas bastariam para a trazerem mais policiada do que Regent Street, ainda que todos os seus habitantes fossem ogres.

Desde que ellas por lá andam a chapinhar com as pasitas, nunca mais os povos do Zambeze interceptaram duradouramente a navegação, como d'antes faziam a cada hora, nem aguentaram revoltas e sedições nas suas margens. Quando se quer fazer diabrura, manda-se saber primeiro se *os paquetes* estarão perto; e se elles apparecem de improviso, pernas para que te quero! Cada uma d'aquellas casquinhas de noz com o seu *assobio* e meia duzia de homens, vale mais, para a prevenção e para a repressão, do que um batalhão inteiro de caçadores carapinhosos, que tenham de vir por longos caminhos deixando as cuecas em farrapos nos espinhos do matto, e que, quando chegam, demons-

tram praticamente que uma espingarda pode ser, como arma de guerra, inferior a um cajádo. E o valor real das lanchas armadas ainda é menor do que o valor... *estimativo* que os negros lhes dão. Não está mais na mão d'elles; os navios *de fogo*, obra de *feitiço* do branco, que correm sem serem puxados nem empurrados, de brancos que trazem ás costas *mechingos* que se carregam uma vez e dão muitos tiros de enfiada, bolem-lhes com os nervos e inspiram-lhes um desejo doido de terem azas nos pés, que tambem deve ser coisa de feitiçaria.

Mesmo em paz podre e tendo a consciencia lavada, gostam de vêl-os, sim, mas sempre guardados os respeitos; vêem ás margens uns magotes, fallando e gesticulando uns com os outros, apontando com os dedos, ás vezes

batendo palmas e rindo alvarmente, mas percebe-se que estão ali com a fuga engatilhada, olho atrás, olho adiante, e ás vezes basta um silvo inesperado da machina para os fazer sumir como se os engulisse a terra, como se some n'um muro velho um conclave de lagartixas ao sol, se as surprehende uma pedrada. Os sabios das tribus já hão de ter decidido de si para si, que, afinal de contas, a verdadeira e unica superioridade dos europeus é terem *paquetes*; fóra d'isso está provado que o gume d'um machado entra tanto á vontade



INDIGENA DE QUELIMANE

por um pescoço branco como por um gasete negro.

Além de ser arma de guerra, a esquadrilla faz serviços impagaveis á administração, e sem o seu auxilio não poderia haver uma sombra de policia fiscal no Zambeze. Actualmente tem uma organização sensata e d'essa sensatez só destôa a disposição que permite ao seu commandante commandal-a dentro da residencia de Quelimane, não sei se pelo telegrapho. O seu material, que chegou a estar prestes a ser totalmente inutilizado por falta de limpezas e concertos, foi todo atamancado em 1892-1893, e o plano inclinado e as officinas do Sombo podem prolongar-lhe a duração; entretanto já é necessario ir pensando em renovar-o augmental-o. Precisa ser tão numeroso que possa sempre haver uma lancha das de maior tomo, no porto da Chinde, e outra em Chimange, e uma ter-

ceira perto de S. Vicente; que se estabeleça de facto a secção de policia fluvial do Zumbo; que todo o Zambeze e todo o Chire portuguez, tanto quanto permittem as suas aguas sejam constantemente rondados, sem que os povos das suas margens e as embarcações, que n'ellas navegam, saibam nunca quando passam as rondas. Para isto não chegam sete lanchas; não chegariam ainda que podessem estar sempre todas em serviço activo.

O pessoal da esquadilha tem um serviço que só é talvez igualado em dureza e no melindre pelo das lanchas da Guiné. Sujeitos que em terra blasonam de lobos do mar, desde-nham d'esse serviço, porque no Zambeze e no Chire não ha tufões, desencalha-se levantando os navios com a palma da mão, não se tomam alturas, não se mexe no aparelho, não se mandam muitos papeis rabiscados para a secretaria do almirantado. Effectivamente, os rios não são escolas de marinheiros; mas essa verdade aconselha a não mandar para a esquadilha rapazes de escola, nem a despreciar ou a deprimir os que lá servem. Só o passar mezes e mezes mettido n'uma caixa de lata, ora aquecido n'um forno ora immerso n'um banho, a beber lodo, a aspirar febres, a ralar a paciencia nas areias dos baixics e nas relações com os negros, é uma tortura physica e moral que se não compára com o viver trabalhoso, sim, e alguma vez perigoso, mas sadio, desafogado, variado, que dá a navegação no mar alto ou na costa. Os navios chegam a não ter condições essenciaes de habitabilidade para qualquer, quanto mais para a Zambezia, o que aliás não é vicio de construcção mas dura necessidade do seu modo de ser organico. Só marinheiros, e marinheiros portuguezes, acostumados desde aspirantes ou grumetes, ás incommodidades, ás vezes barbaras, de quasi todos os nossos navios de guerra, onde se fazem estações inteiras a dormir sobre o convez, podem aguentar muito tempo de fluctuação entre pantano e sol tropical n'um armario do *Marravi*, por exemplo. Depois, se no Zambeze não ha naufragios, ha inimigos, se não ha problemas nauticos, ha operações de guerra; se faltam momentosas questões de etiqueta naval que fazem suar o topete aos praxistas, apparecem complicadas negociações diplo-

maticas com os negros, e até com brancos e com estrangeiros de responsabilidade temerosa. Nunca se falte, pois, com honra e galardão aos officiaes que no grande rio são como os portas-bandeiras da sua patria. São dos poucos portuguezes que ainda servem Portugal com abnegação de si, que escrevem linhas de historia cavalheirosa e aventurosa, que desempenham deveres que arruinam e occupam postos em que se morre. Trouxe d'elles, dos bravos marinheiros do Zambeze, recordações com que ainda agora pacifico o espirito dos ascos, dos despresos e dos azedumes em que elle se embalou na nossa Africa. D'elles e dos seus navios! Encontrar em Africa, na solidão d'um interminavel rio, em que as correntes impetuosas e os mangues invasores, o sol que nos estonteia e os lodos que exhalam ameaças de morte, os jacarés que nos mostram as fauces e os monos que parecem guinchar de escarneo arlequinando nas arvores, as vegetações possantes que nada produzem para a cubiça dos dominadores e os negros que se espriguiçam nas praias, todo mostra repellir e desconhecer a nossa soberania e posse; encontrar especialmente no Chinde, em cujo porto estrangeiros pavilhões tremulantes recordam offensas de hontem e projectos de occupação talvez, só addiada para amanhã, encontrar de subito, fluctuando na popa d'um navio, altiva a bandeira azul e branca, com as côres avivadas pela luz intensa e pelos fundos escuros do arvoredado, como se nunca tivessem sido manchadas ou desbotadas, produz em quem é portuguez tão profundos e expansivos alvoroços d'alma como avistar terra da patria depois de saudosa ausencia. Razam-se os olhos de agua tem-se vontade de beijar aquelle trapo sacrosanto como se elle sentisse a caricia, de lhe florear a haste, de a cravar nas nuvens, de chamar toda a gente para vêr que elle ali está, como ha tres seculos; ama-se, adora-se essa bandeira, como os crentes as aparições celestes dos seus delirios piedosos! Mais d'uma vez tive commoções, misturadas de enthusiasmos e amarguras, e em memoria d'ellas hei de sempre honrar essa pequenina mariinha que ainda é no interior da Africa a representação mais briosa, mais digna e mais respeitada da soberania de Portugal.



# A Architectura

## da Renascença

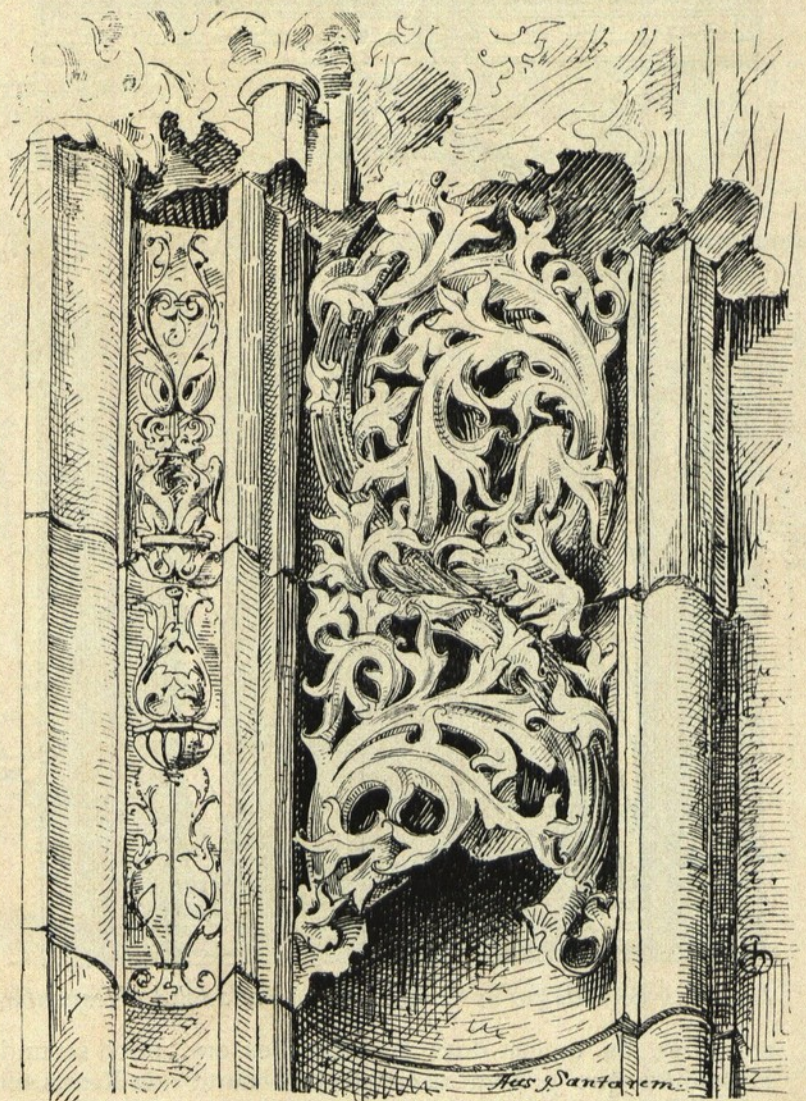
### em Portugal POR ALBRECHET HAUPT

SUMMARIO: — *Estylo manuelino. Sua origem, relações, diferenças e característicos. Seu desenvolvimento, evolução e transformação. Artistas francezes chamados a Portugal. Sua influencia. A historia do paiz e a progressão architectonica.*

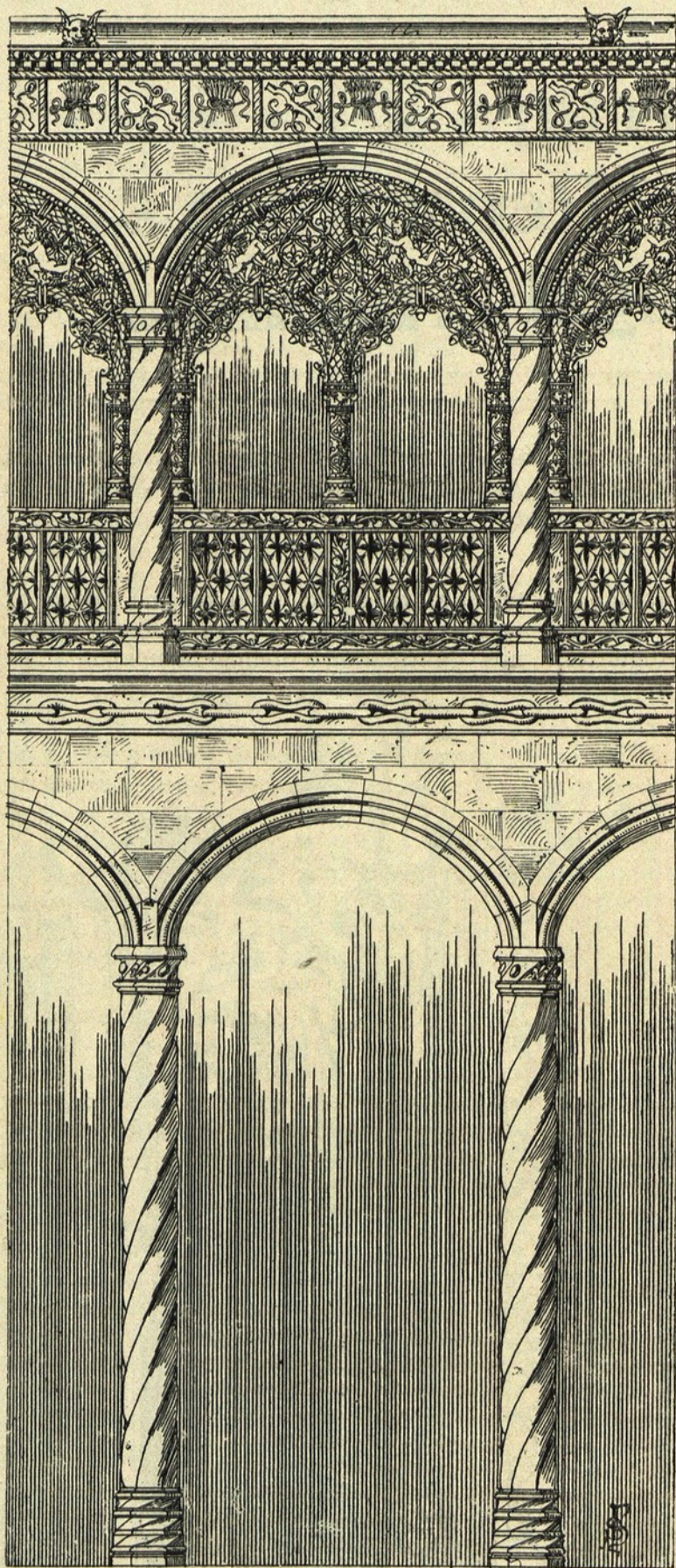
**D**E TODAS estas contribuições promanou aquelle singular estylo na historia da architectura, a que os portuguezes, desde Garrett e Herculano chamam estylo manuelino. Muito se tem discutido sobre a justeza d'esta denominação, como em geral sobre a questão da independencia essencial d'este grupo architectonico. Joaquim de Vasconcellos, em especial, affirma que elle depende inteiramente da architectura dos paizes vizinhos, e tem apontado a falta, que não se pode de todo negar, d'uma progressiva formação architectonica, como tambem o caracter arbitrario dominante n'aquella, mesmo barbaro, que por vezes confina com o extravagante. Ao mesmo tempo, não se pôde negar que o caracter do estylo nas diferentes provincias varia muito conforme a preponderancia de decisivas influencias, bem como não se pôde negar que nas provincias do norte as construcções apresentam grande relação com as da Galliza, sua vizinha hespanhola.

Por outro lado Vasconcellos chegou áquella final conclusão, comparando minuciosamente as construcções nacionaes com as dos paizes vizinhos relacionadas com estas; para o que era inevitavel estudar a Hespanha, com referencia á exis-

tencia ali de edificios da mesma época e do mesmo genero. Mas estas investigações nunca nos confirmaram a opinião mencionada; pelo



*D'uma moldura de ombreira de portal em Santarem, existente no Museu Archeologico de Lisboa*



Do pateo do collegio de S. Gregorio, Valladolid (Hespanha)

contrario, as unicas duas construcções em Hespanha que podem dizer-se um tanto aparentadas com as manuelinas—o pateo do Collegio de S. Gregorio em Valladolid com

thico secundario, para as formas mouriscas e da Renascença, ora se define n'uma maneira naturalista, toda arbitraria. Pode observar-se mais facilmente a mudança de estylo nas

o seu portal, e o esplendido pateo do palacio ducal del Infantado em Guadalajara—teem uma differença tão distincta, tanto no caracter geral, como na execução dos *detalhes*, que póde concluir-se procederem d'uma tendencia em absoluto parecida, mas nunca que os trabalhos portuguezes dependessem dos hespanhóes. Dever-se-hia antes suppôr que estes trabalhos isolados, e n'este genero, em Hespanha, tivessem sido inspirados pelos portuguezes.

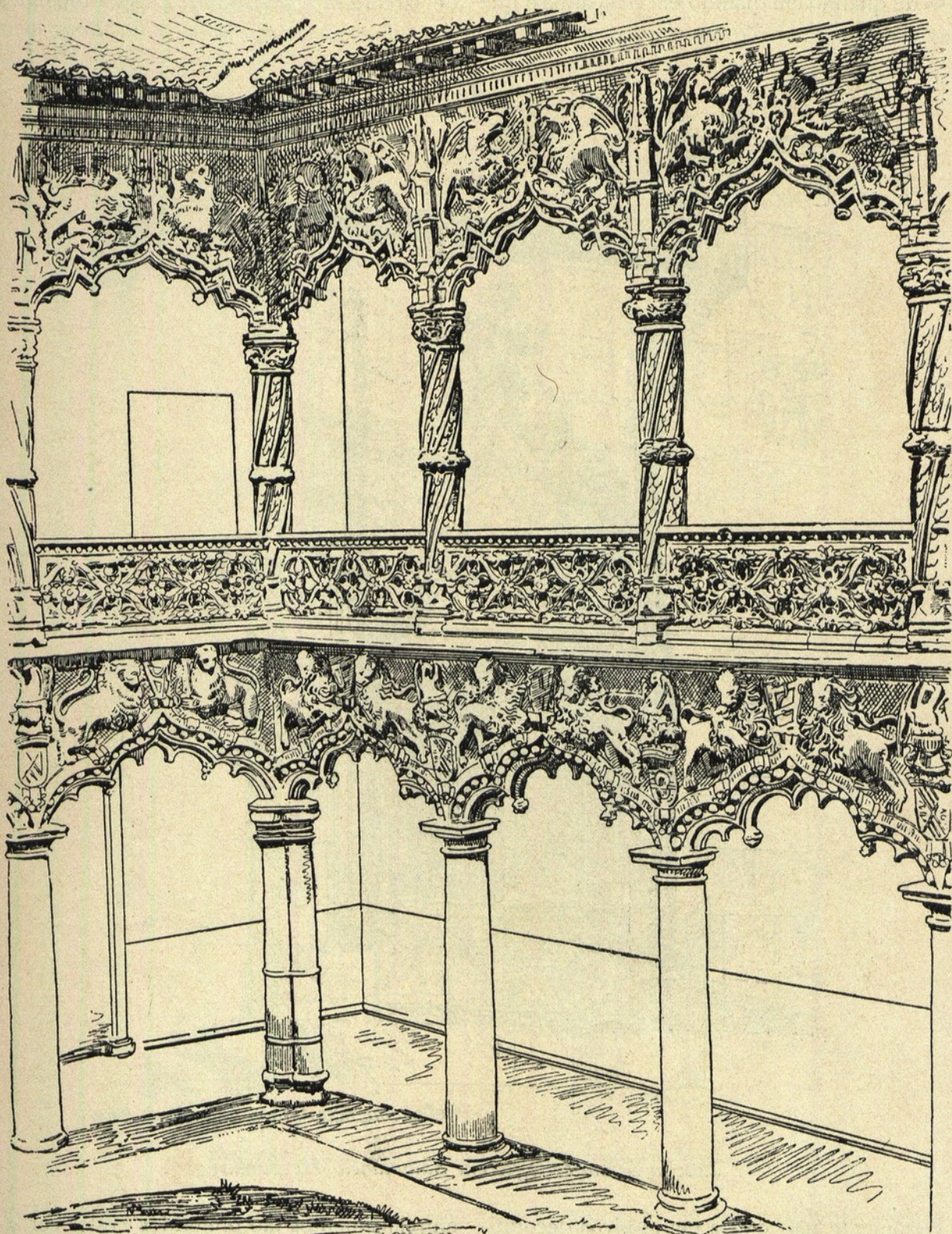
De mais, o mesclado estylo hespanhol que por pouco tempo, sob o dominio dos reis catholicos, se apresentou entre o gothico e a renascença, foi de tão curta duração e cedeu com tanta brevidade, e ainda sob o dominio dos mesmos soberanos, o seu lugar á primeira e caracteristica Renascença, o estylo platero-plateresco, que n'este ponto existe tambem differença visivel entre a Hespanha e Portugal.

Uma outra prova da independencia, ou da essencia propria d'esta arte em Portugal póde reconhecer-se no facto de se encontrarem no centro do paiz, em Lisbôa, e seus arredores, até Coimbra ao longo da costa, os mais caracteristicos e os mais importantes monumentos, ao mesmo tempo que a peculiar arte nacional diminuc consideravelmente do lado da fronteira e, como já dissemos, mostra em especial ao norte uma estreita approximação dos modelos dos vizinhos hespanhóes.

A caracteristica das fórmarchitectonicas do estylo manuelino não é muito facil de expressar, porque, como já dissemos, encontra-se no centro do paiz toda uma serie de grupos differentes, nos quaes prepondera um ou outro aspecto, que ora propende para o go-

evoluções transitórias. Em exemplos mais antigos, como na igreja de Christo em Setubal, vê-se aparecer bem claramente um novo

çados imagináveis, curvados, quebrados e entrelaçados; apesar de se empregar qualquer outra forma de arco mais antiga, são



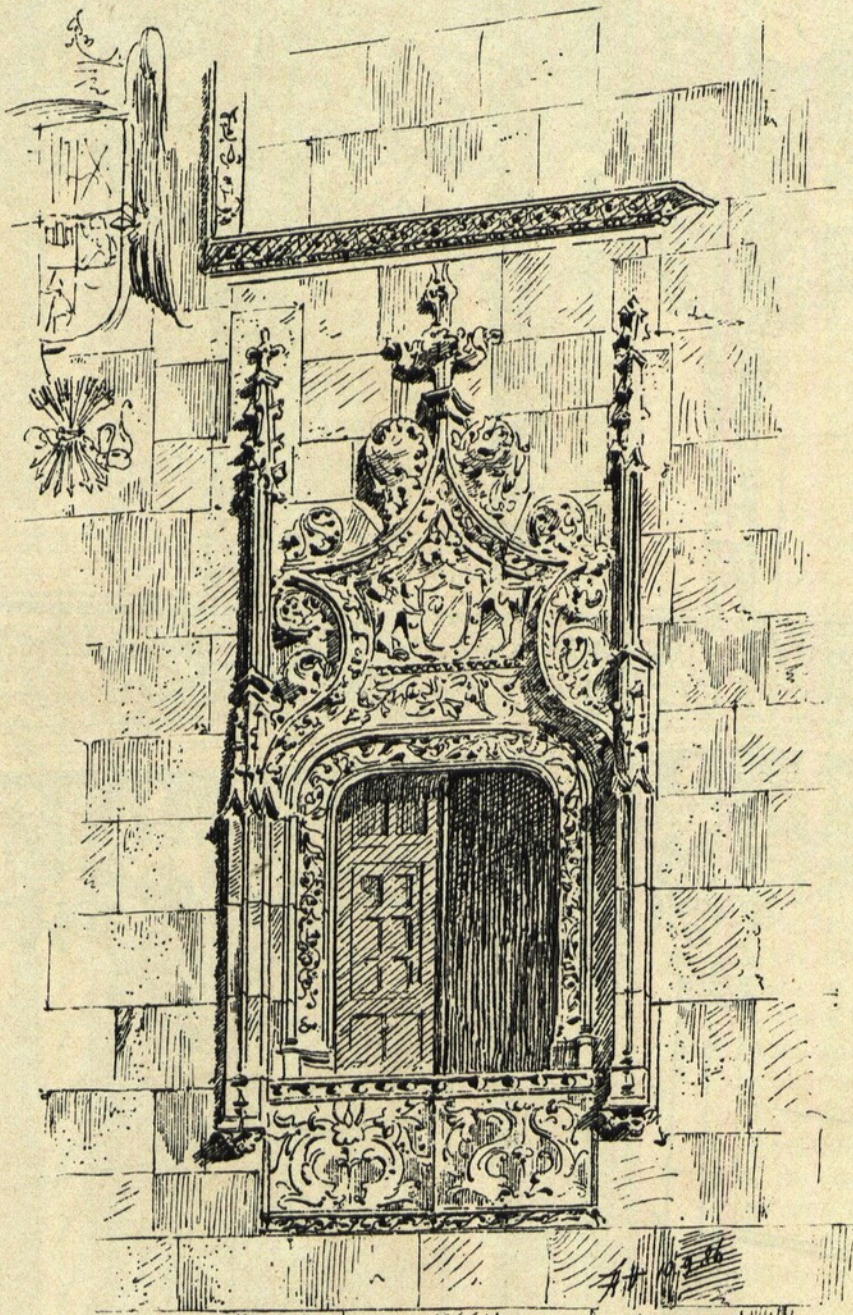
*Do pátio do palácio ducal do Infantado, em Guadalajara (Hespanha)*

gosto no gothico das ultimas épocas. Desaparecem das aberturas as formas simples de arcos, mas são substituidas por todos os tra-

muito preferidos os arcos de fôlha de trevo, de cortina, de quilha e de querena. Começa o enroscamento das diferentes partes

ornamentaes, principalmente das molduras, que se assemelham a grossos cabos ou calabres, das agulhas, mesmo das columnas, das nervuras de abobada (*liernes*), forma indicada só de quando em quando em Hespanha e que

ral crácas, aqui consistem quasi sem excepção em astrágalos como tambem em geral é predominante a ornamentação de molduras redondas cujo perfil é de tres quartos de circulo (*dreiviertelstab*). Esses diferentes



*Salamanca. Praça da Madalena.*

*Janella de um collegio em Salamanca (Hespanha)*

certamente não é rara em motivos decorativos do gothico septentrional das ultimas épocas, especialmente no gothico flamengo. Este distinctivo particular apparece regularmente em todo o estylo e constitue uma marca caracteristica dos seus monumentos. Se n'outras regiões as peças torcidas apresentam em ge-

entrelaçamentos tão preferidos e estes corôamentos de portas e de janellas formam-se quasi sempre de astrágalos lisos, e raras vezes são canelados ou ornamentados.

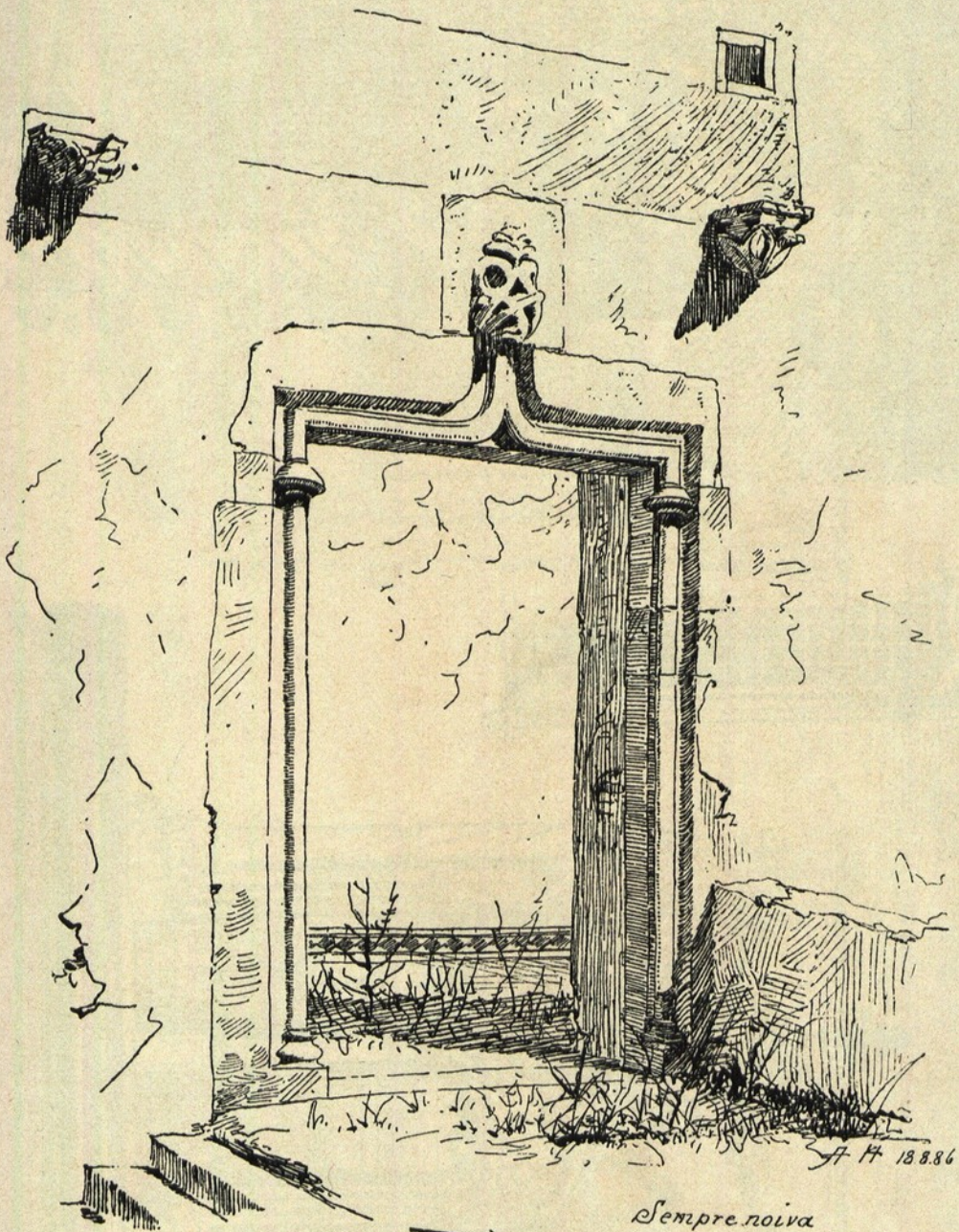
Este modo de applicar os elementos do gothico das ultimas épocas, tornando-se sempre mais rude e energico, mas cahindo frequen-



temente no tosco, e que por outro lado se compráz em empregar certas ornamentações pomposas, como por exemplo crácas plenas de folhagem aberta ou de cogulhos e flores magnificamente trabalhadas, passa pouco a pouco para um naturalismo vigoroso, o qual transforma os astrágalos, as agulhas, os

As molduras dos pedestaes geralmente usados, que constituem um conjuncto de forma pyramidal pela indefinida penetração dos seus membros polygonaes, só pouco a pouco se ennastram de raizes, rotulas ou motivos semelhantes.

Este naturalismo aperfeiçoa-se depois, bem

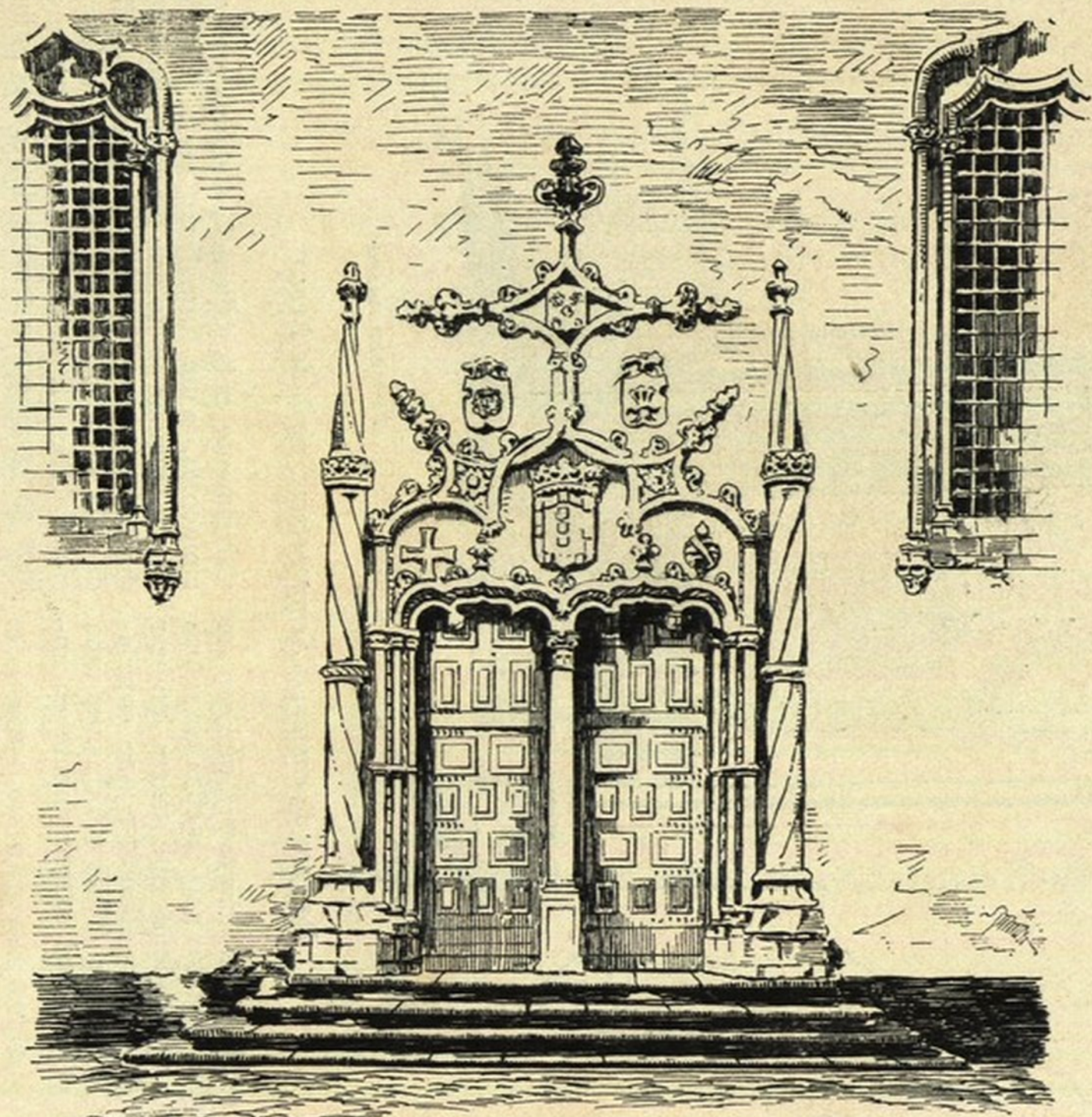


*Sempre-noiva*

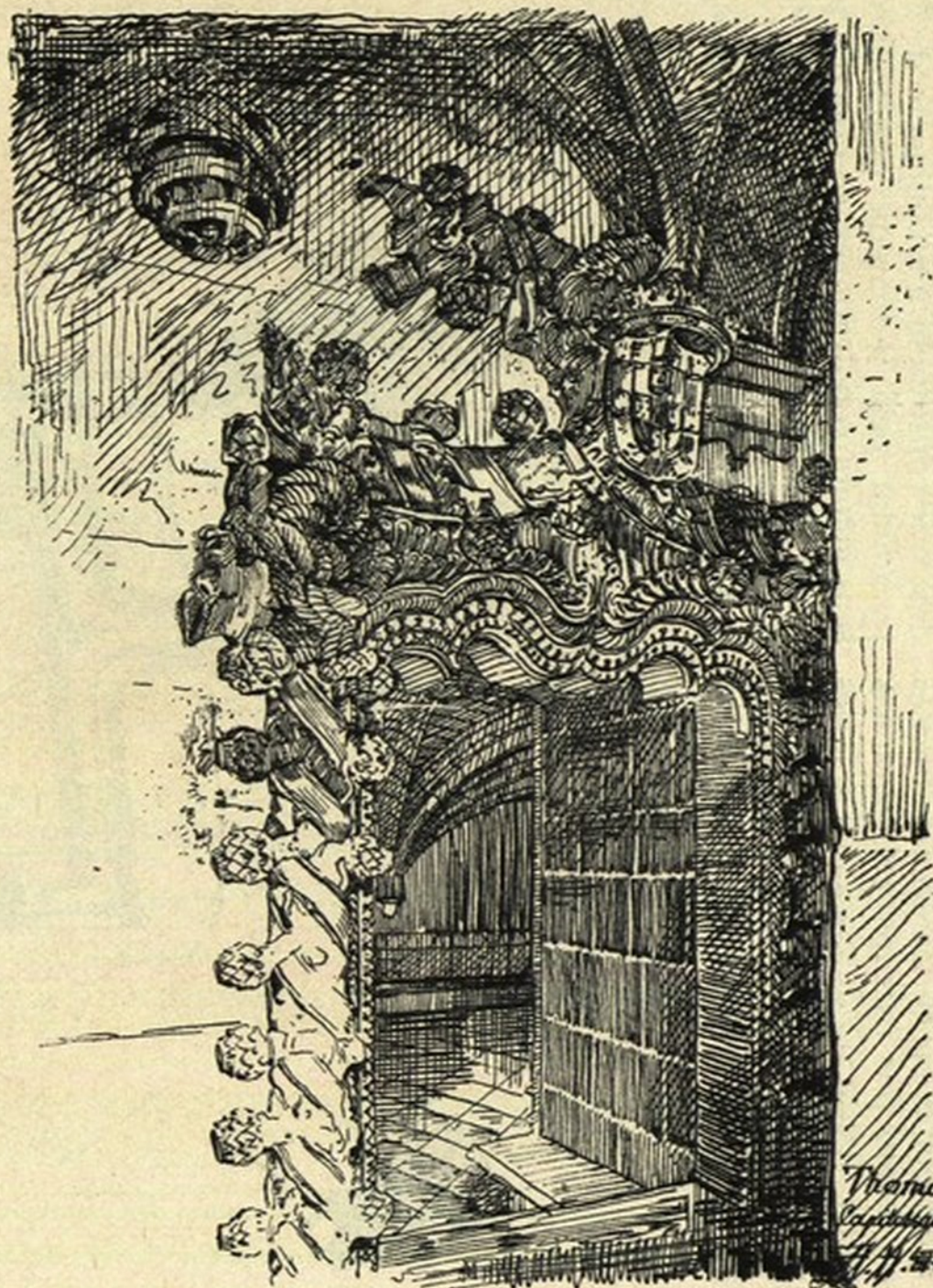
*Da casa de campo, a Sempre-noiva, perto de Evora*

frontões rendilhados (*wimperge*), que cercam ou encimam as portas e as janellas, em ramos e arvores, de maneira que fazem lembrar exemplos do gothico allemão e que entrelaçam seus troncos e folhas a formarem uma folhagem ornamental extremamente encantadora.

visivelmente, pela influencia d'alguns artistas eminentes, n'um formalismo muito expressivo e singular, posto que forçado, como tão distinctamente se apresenta na celebre janella da sala do Capitulo em Thomar, e n'outras construcções. E' aqui precisamente que melhor se reconhece a mescla de fórmias india-

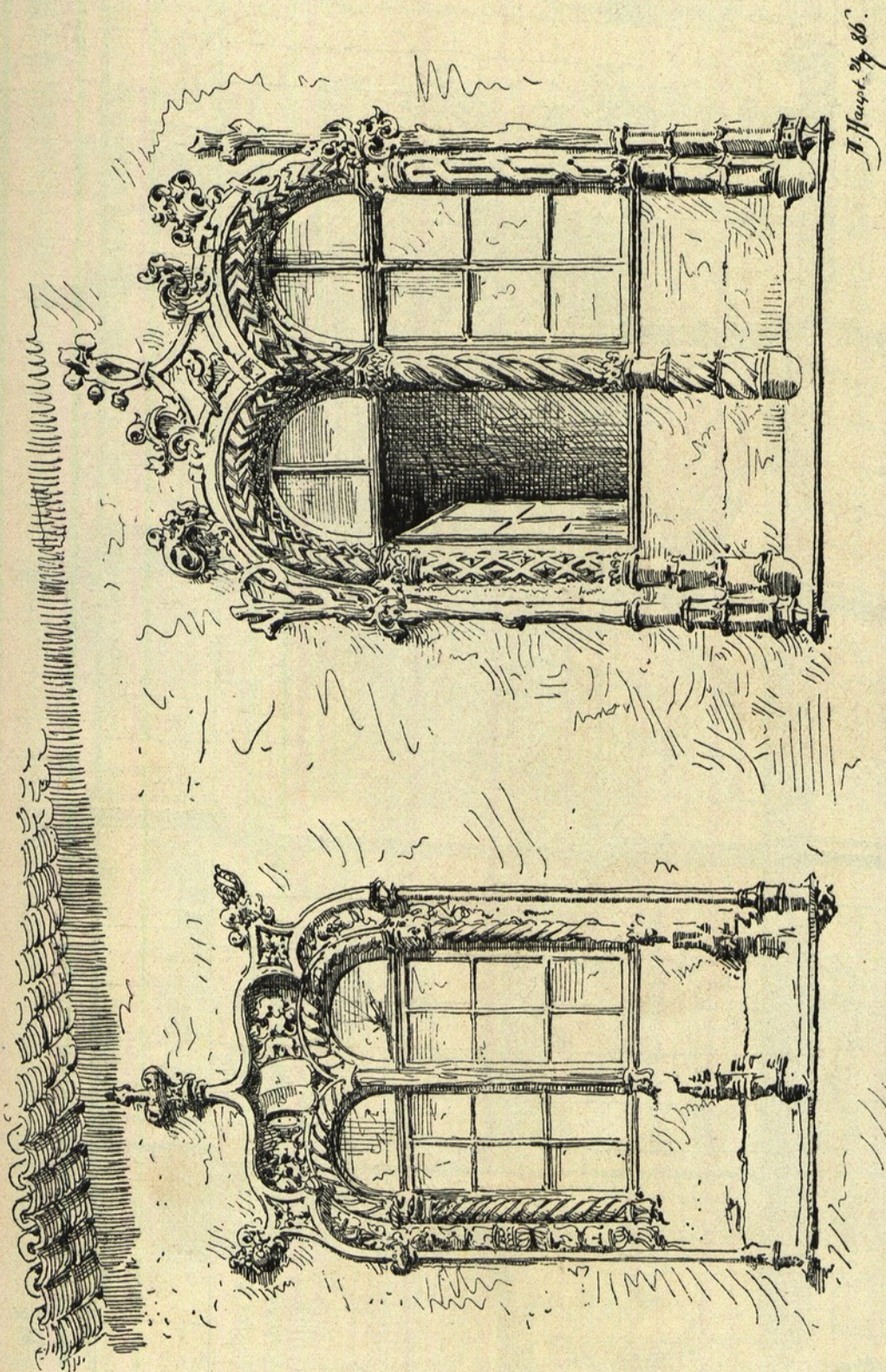


*Portal da Igreja da Universidade de Coimbra*

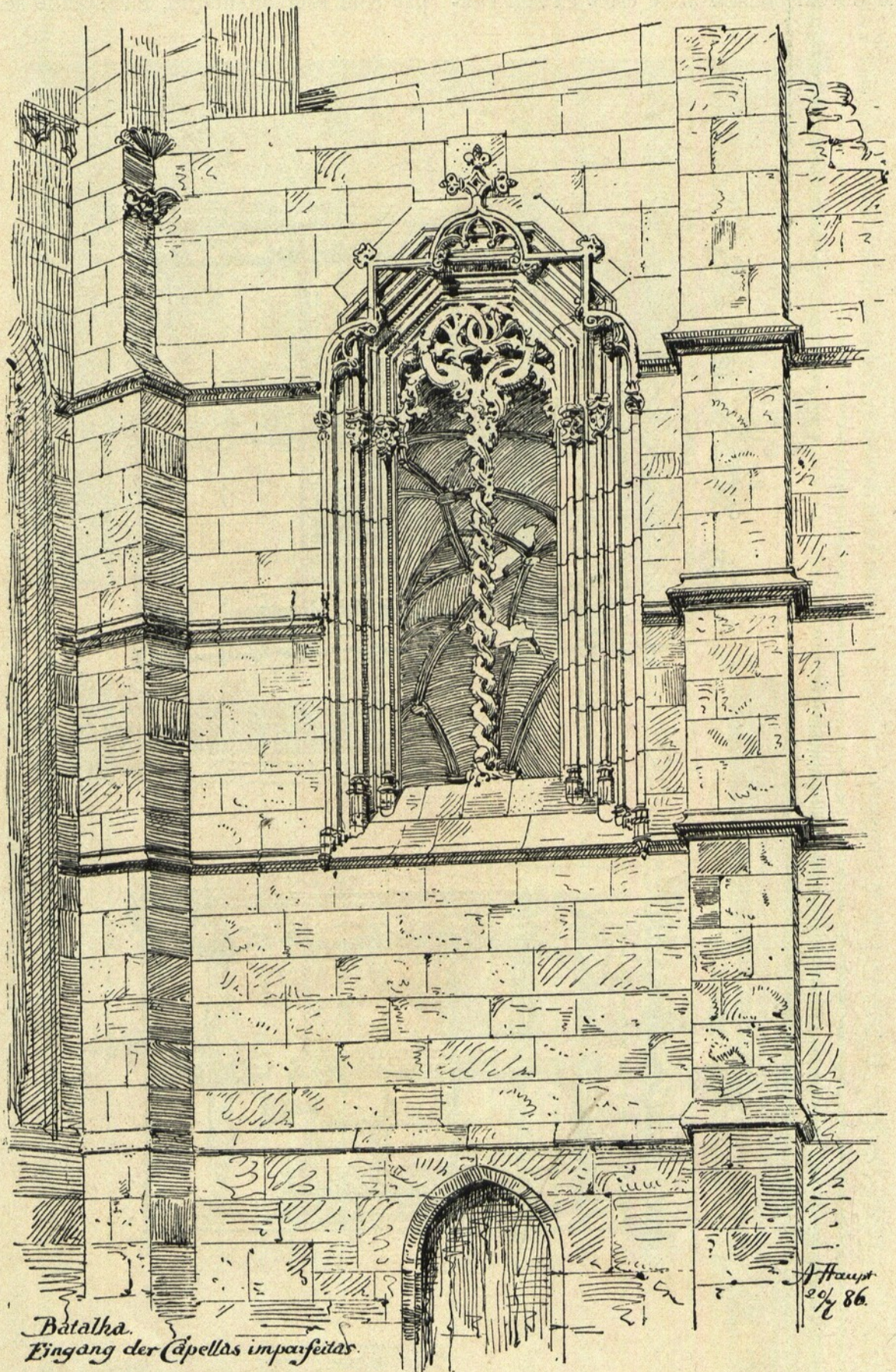


*Porta para a sala do Capitulo do convento de Christo, Thomar*

nas, *detalhes* realmente copiados, de maneira tremo sentida das construcções levantinas. De que devem considerar-se estes extraordinarios par com esta orientação, misturando-se por



rios trabalhos decorativos como deliberadas tentativas de imitar a magnificencia em ex- vezes com ella, corre esta outra bem caracte- ristica, mas technicamente menos importante

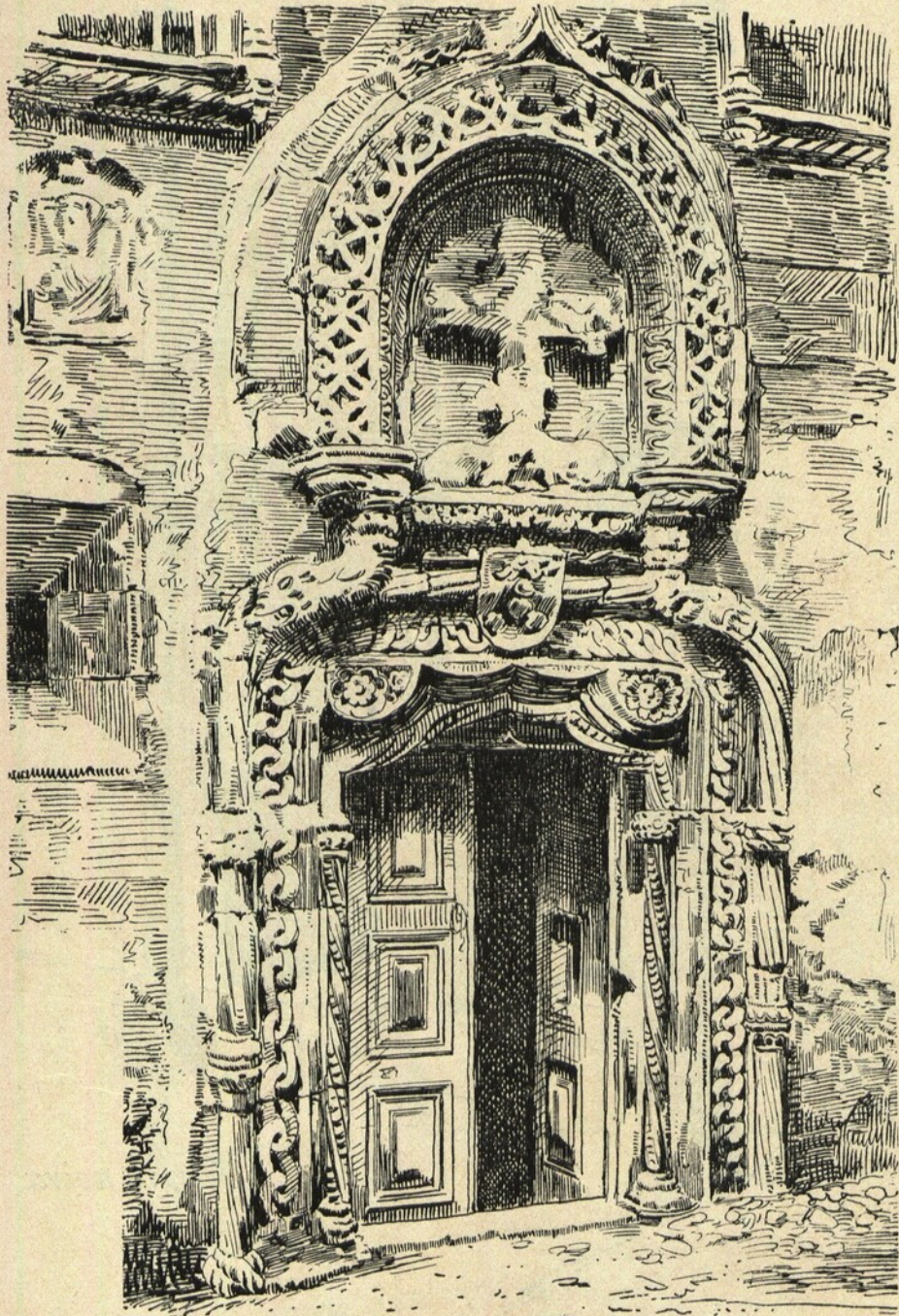


Batalha.  
Eingang der Capellas imperfeitas.

Janella sobre a entrada das capellas imperfeitas, na Batalha

a qual emprega simultaneamente, com o gothico das ultimas épocas, fórmas de origem mourisca, em especial arcos de ferradura e dentados, columnellos, ameias, etc., principaes motivos d'este estylo architectonico. Representa aqui o ornato principal a mol-

não motiva, como n'outras partes, a substituição das antigas fórmas, antes concorre para aumentar a riqueza das já existentes; assim introduz-se com toda a regularidade na composição pitoresca e realça os contrastes pelo seu emprego calmo e muitas vezes artistica-



*Portal de uma casa particular de Coimbra*

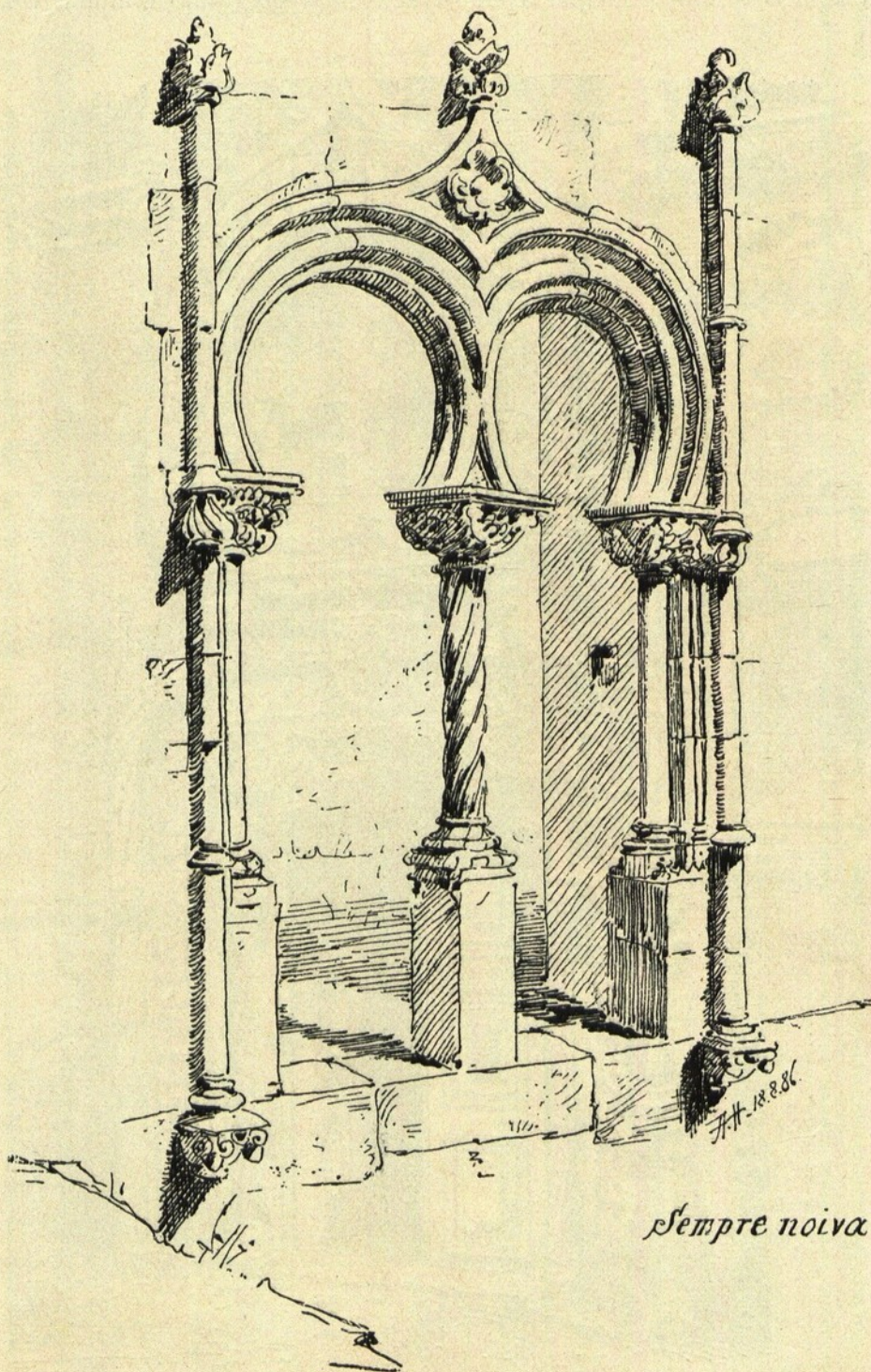
dura redonda cujo perfil é de tres quartos de circulo (*dreiviertelstab*).

Esta architectura progride rapidamente desde que aceita as fórmas da Renascença, recentemente introduzidas, em primeiro lugar o ornamento. Mas esta transformação

mente executado. Ao mesmo tempo torna-se evidente em toda a parte que o modo de composição é gothico das ultimas épocas e este constitue uma grande moldura na qual a ornamentação da Renascença se enquadra pouco a pouco e progressivamente. Os verda-

deiros elementos da construcção da Renascença, como columnas, pilastras, entablamentos, faltam por completo; e predominam, até a extincção do estylo, as pequenas co-

sobrecarregada. Nos sôccos e bases d'estes pilares ha penetrações de fórmulas polygonaes, de molduras e de corpos arredondados, uso que se encontra tambem em Hespanha, mas



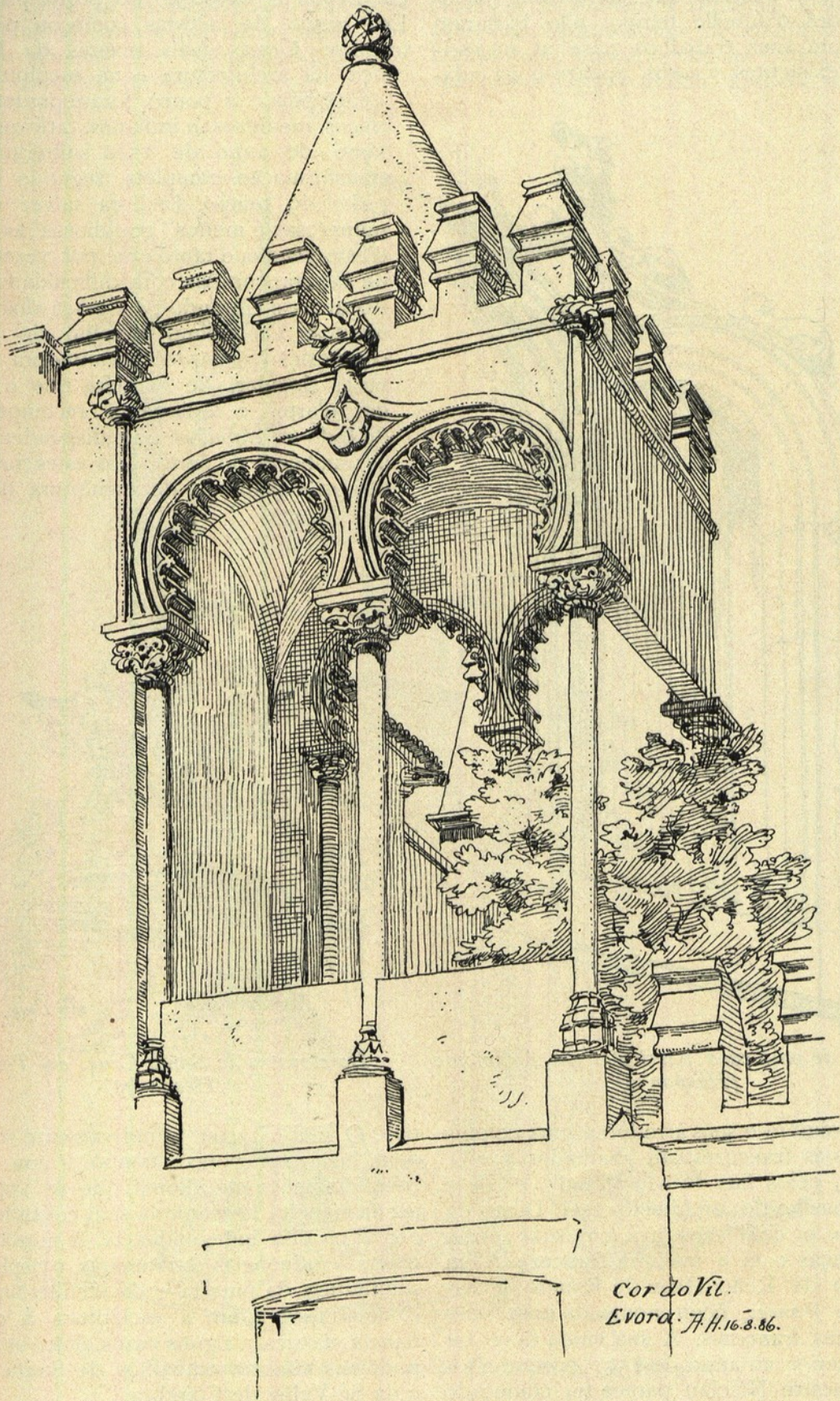
*Sempre noiva*

*Da casa de campo, a Sempre-noiva, perto de Evora*

lumnas delgadas do gothico das ultimas épocas, com capiteis de folhagens.

Em caso de necessidade empregam-se como botareos, pilares polygonaes ou quadrados que recebem em seu contorno membros delgados e riqueza de ornamentação

do qual apresenta grandes e reconheciveis differenças. Nas illustrações que acompanham esta descripção, em paralelo com a Hespanha e para servir de termo de comparação, com muita difficuldade poucos exemplos se encontraram que fizessem lembrar a maneira por-

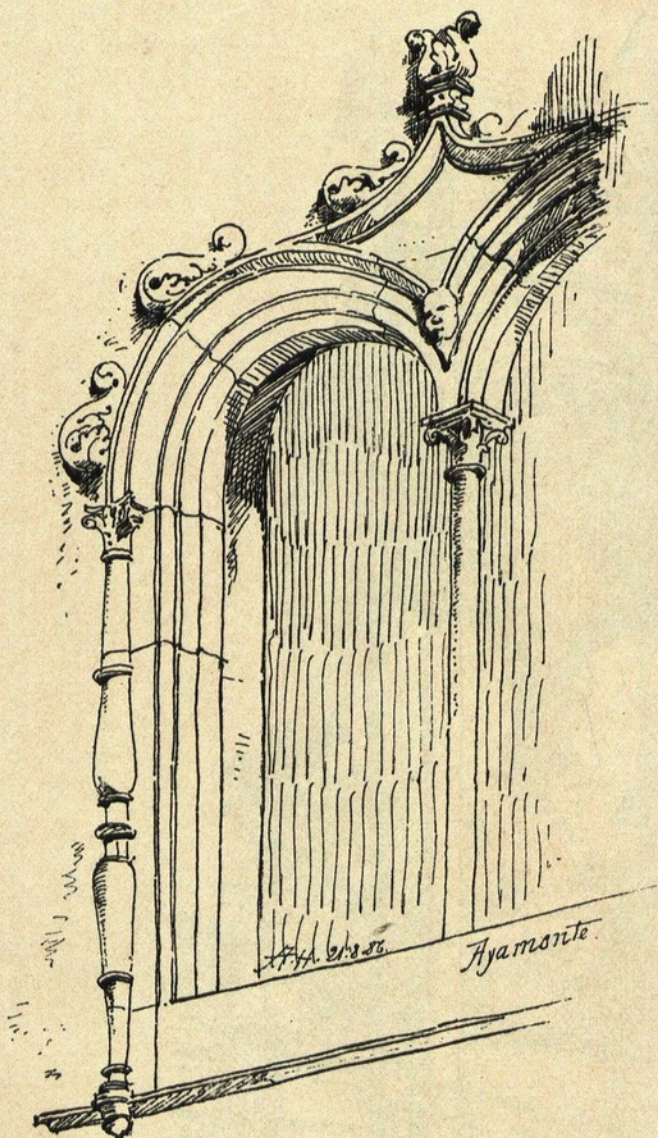


*Pequeno alpendre de uma casa particular, em Evora*

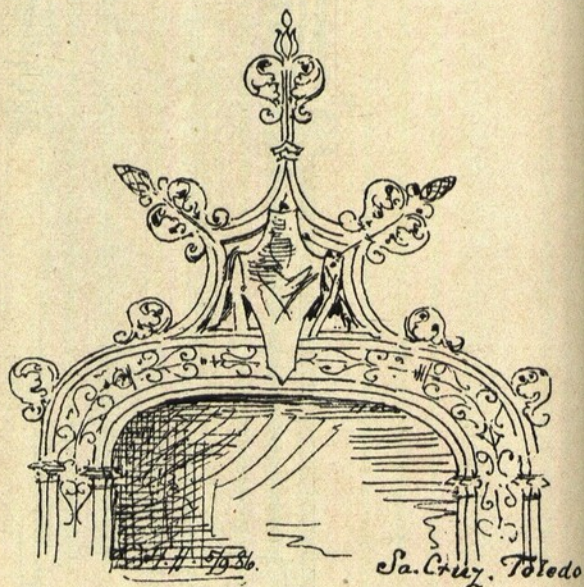
tugueza. As diferenças, accentuando a base não poderão ficar occultas a olhos experi-  
preexistente do caracter dos dois povos, mentados.

PARACE todavia que os artistas nacionaes d'aquelle tempo, não bastaram com seus trabalhos para as necessidades existentes, e assim apparece na cida-

em Belem a execução do portal principal. Este grupo de artistas começou por introduzir fórmulas mais severas da Renascença na architectura e na escultura, as quaes pouco a pouco foram perdendo os traços medievos e indianos, até que proximo do anno de 1540 soffreram uma transformação completa, segundo o espirito do tempo. Embora talvez menos numerosas e menos grandiosas as obras d'este genero, e tanto que por vezes tem de ser procuradas com difficuldade, distinguem-se comtudo pela graça dos ornamentos, habilissimo trabalho de cinzel, composição sempre encantadora e por vezes singular, de maneira que o amator d'arte, é fartamente recompensado de todo o trabalho que dispendeu para as conhecer de perto. Mas estes trabalhos são principalmente de escultura decora-



Janella de uma casa particular em Ayamonte  
(Hespanha)



Do claustro de Santa Cruz, em Toledo  
(Hespanha)

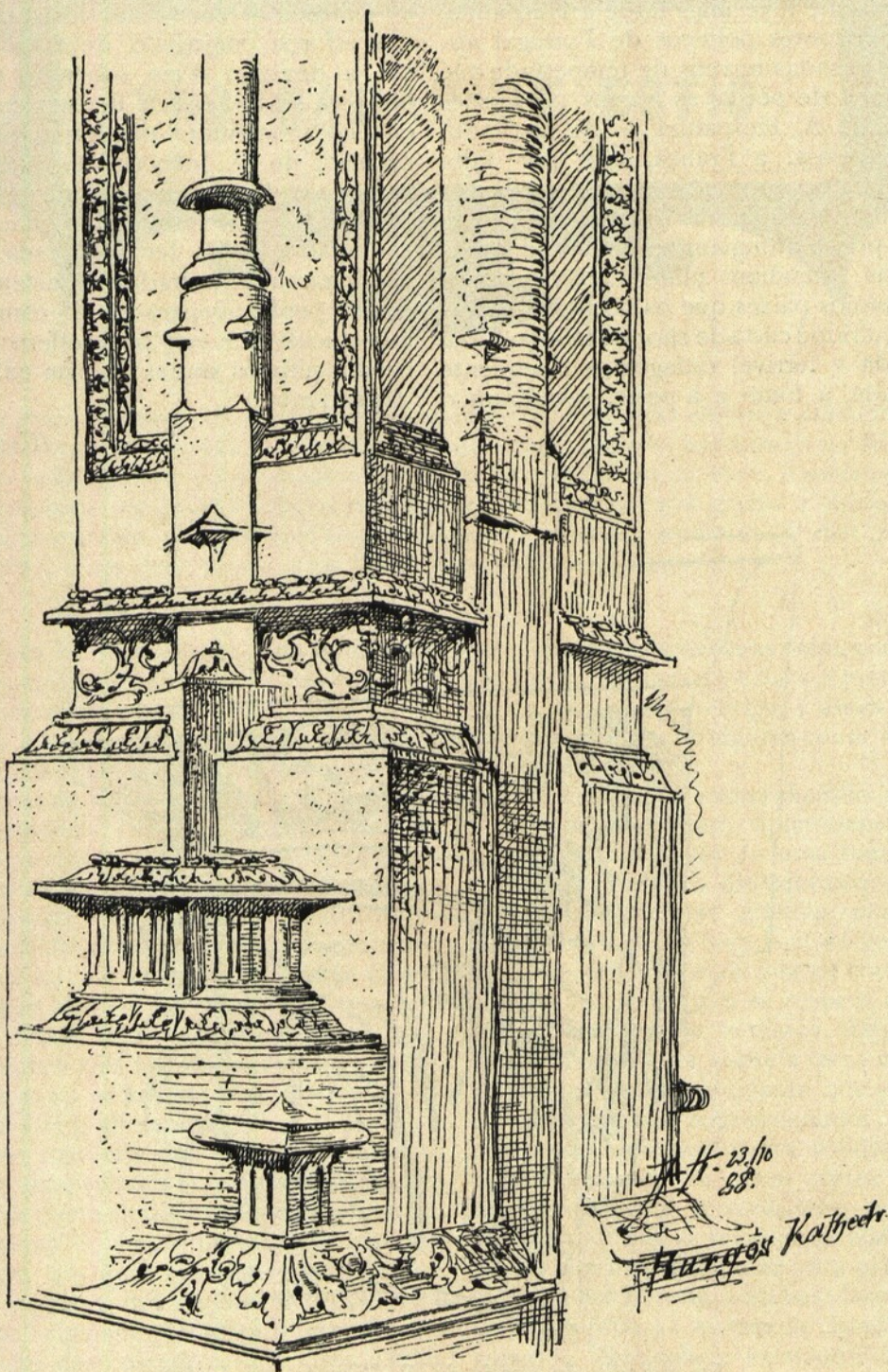
de de Coimbra e seus arredores uma colonia de artistas francezes, ali chamados por D. Manuel, pelos fins do seu reinado, e talvez por conselho do architecto real Diogo de Castilho, o qual mostrava em suas obras similhanças com a maneira franceza. Além de João de Ruão (Jean de Rouen) e Nicolau, o *francez*, ficou nomeada uma serie de artistas francezes. A sua vinda deve ter sido anterior ao anno de 1517 porque n'este já mestre Nicolau parece ter começado

tiva. O seu caracter primitivamente francez deu lugar em pouco tempo a um outro completamente meridional, que se aproxima da maneira hespanhola sem contudo perder a propria independencia. A mescla das diversas influencias estrangeiras, o esplendor simultaneo da pintura e da architectura ancionaes levantaram a escultura á culminancia classica n'alguns casos, entre os quaes podemos citar os trabalhos de Santa Cruz e da Sé Velha de Coimbra.



ESTA evolução da architectura portugueza, assim como a que se lhe segue, pôde sómente ser comprehendida pelo estudo conjuncto da historia.

generosa as immensas riquezas trazidas de além-mar. Annos houve de abundantes colheitas como nunca se vira em Portugal. Com sua morte (1521) findou tambem este tão



*Sóco ornamentado de um pilar da cathedral de Burgos*

O reinado brilhante de D. Manuel fôra, com effeito, d'uma maneira assombrosa bem favorecido da fortuna. Tudo quanto o rei apprehendeu teve bom exito, e até a natureza veio com sua contribuição accrescentar

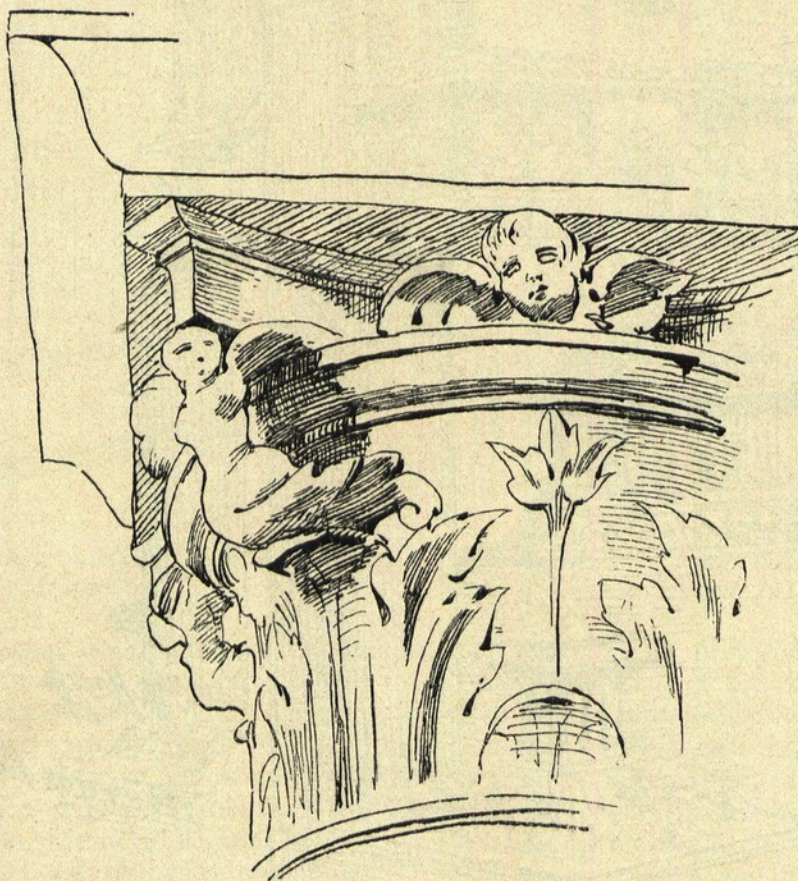
brilhante desenvolvimento do paiz. A immensa quantidade d'oiro que das conquistas chegava com largueza singular, a constante emigração dos homens mais validos e capazes para a defesa das extensas colonias, a con-

sequente desorganisação administrativa, suspenderam por completo a actividade productiva da lavoura e das industrias. A suppressão e a expulsão definitiva dos industriosos mouros e judeus contribuíram para acelerar a ruina interna do paiz, destino que similhantemente teve mais tarde a Hespanha.

Nos horizontes politicos de Portugal appareciam pesadas nuvens de tempestade que ameaçavam de perda as vastas possessões d'além-mar. A Hespanha já de ha muito tempo invejosa, a França, que por falta de iniciativa opportuna se sentia prejudicada na partilha, a Hollanda e a Inglaterra que pouco a pouco attingiam ao poderio dos mares, todas estendiam mãos cubiçosas para os riquissimos paizes que os portuguezes haviam adquirido á custa de enorme esforço. Uma inesperada e terrivel estiagem, consequente esterilidade, a fome e a peste, invadiram o

paiz que até então fôra excepcionalmente abençoado, e que não podia agora já adquirir o necessario, o indispensavel apesar de todas as suas riquezas. Mas talvez toda esta situação houvera sido levada de vencida pela primitiva força, pelo plasma activo e excellente do velho Portugal; talvez um esforço conjugado de todas as forças, sob a direcção d'um soberano esclarecido, houvera sido capaz de lhe suspender a marcha no precipitado pendor que seguia, se a cegueira de D. João III não tivesse deixado apparecer dois terriveis inimigos internos: a Inquisição e os jesuitas, os quaes, tendo-se apoderado, como feras, da sua victima, a precipitaram, dilacerada e agonizante no abysmo da perda irreparavel. E' commovedor o espectaculo que este povo offerece nos cincoenta ultimos annos da sua existencia independente.

(Continua).



*Do palacio do conde de S. Vicente, em Lisboa*

## TROVOADAS DE ESTIO

*N' esta época do anno tornam-se mais frequentes as perturbações electricas atmosphericas; todos se recordam de ter assistido, no mez d' agosto, quer nas campinas ardentes do sul do paiz, quer no alto das montanhas ou na profundeza dos valles das provincias do norte, a medonhas trovoadas acompanhadas em geral de chuvas torrencias e passageiras cujos effeitos a lavoura lastima mui justamente e cuja magnificencia sinistra apavora os menos sensiveis. D' estes phenomenos atmosphericos, n' um caso curioso, e em balão, se occupa o artigo seguinte.*

**N**O VERÃO, ha alguns annos, uma formidavel e excepcional trovoadas se desencadeou rapidamente sobre Elvas. Pela tarde escureceu o céo, e após curta ameaça as nuvens aglomeradas arrebutaram sobre a cidade, mantendo a pequenos intervallos e com a maior violencia, por espaço de tres horas e meia, um pavoroso canhoneio de aerea batalha. O fuzilar era incessante, o trovão ribombava medonho e em menos de quatro horas a chuva cahida marcava talvez no pluviometro quantidade tal que attingiria a media de um mez. Depois cessou a tempestade, que não passou a outro lugar. Apparentemente tambem parecera não ter vindo de outra parte. Originada quasi na propria area da cidade, viveu sobre ella e ali expirou.

Foi uma trovoadas de verão, perfeitamente typica. As tempestades que são technicamente conhecidas como cyclones secundarios, ou pequenas areas de baixa pressão, podem formar-se em qualquer momento ou lugar nos limites exteriores das maiores depressões; e quando se originam por entre o interminavel redomoinho das correntes superiores, então, se fôr em mezes de verão, é certo seguir-se uma perturbação electrica.

Infelizmente, como se póde imaginar, não ha ainda meio de predizer com certeza onde um *secundario* poderá desenvolver-se ou sobre que porção da sua area poderá rebentar uma trovoadas; e inutil é accrescentar que não pode tambem predizer-se onde ella ha de fin-

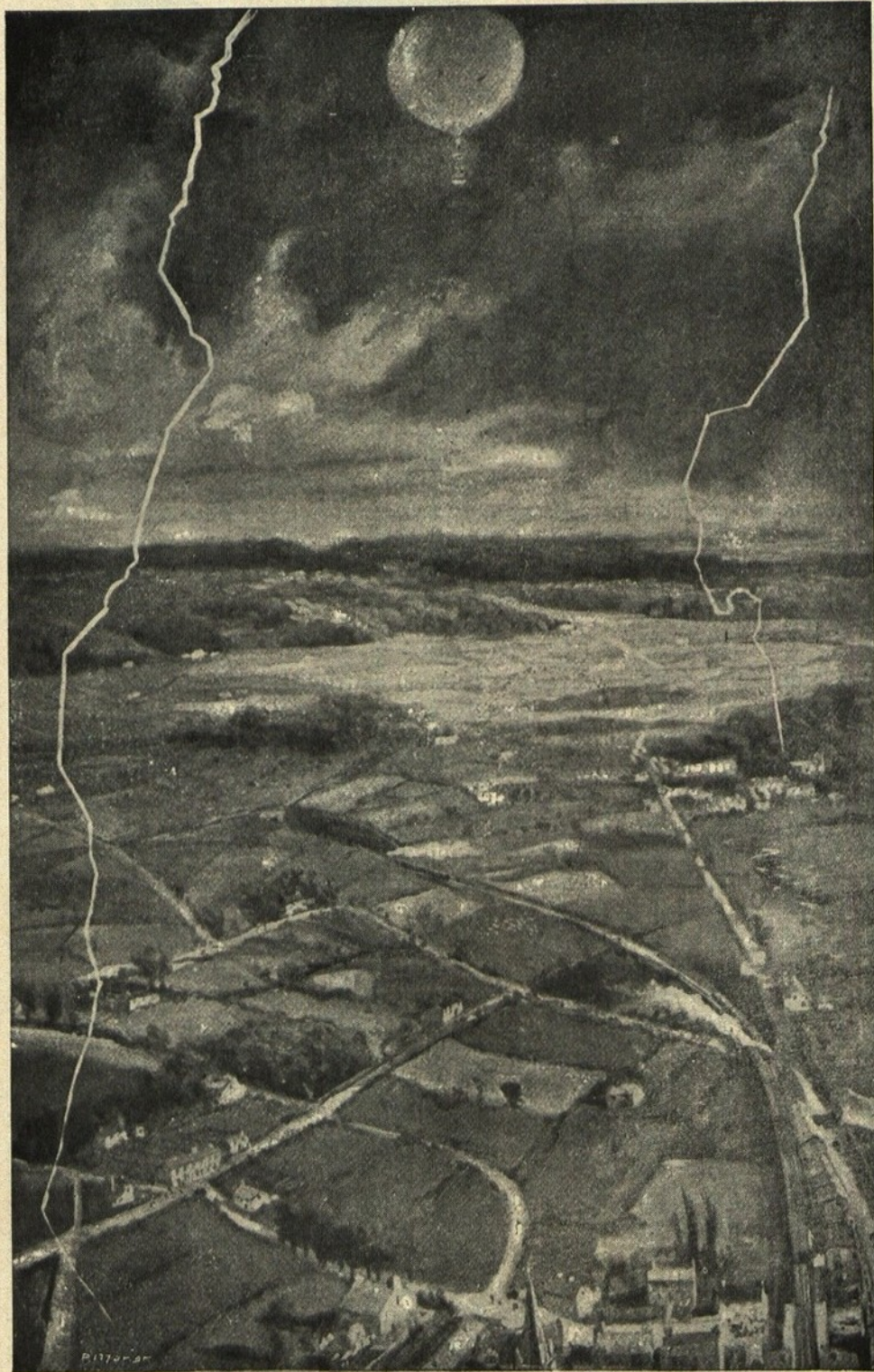
dar. Todavia as trovoadas teem, como as feras das selvas, as suas especies e predilectas tocas de refugio e de abrigo, e assim será ainda possivel conhecer-se alguma cousa do seu módo de proceder.

Para facilitar a comprehensão das descrições que se seguem, apontaremos algumas condições essenciaes de uma tempestade de estio. Nos primeiros momentos que as precedem, estabelecem-se grandes mudanças de temperatura, facto bem facil de verificar. Todos se recordam sem duvida de como é quente e suffocante o ar que se respira quando commecam ameaças de borrasca. Depois geralmente desdobra-se sobre a terra uma cortina de nuvens tenue, emquanto que por cima se elevam pesados e negros cumulos acastellados parecendo completamente solidos, em cuja massa compacta se vêem cortes claramente traçados. Este é o verdadeiro envolucro da trovoadas, a que o relampago põe invariavelmente a marca distinctiva; e a propria configuração das nuvens, com base larga e diffundida e com brancas massas de cumulos na parte superior, denuncia a existencia de uma camada mais fria e elevada da atmospherica que as condensou e na qual permanecem.

Porém talvez o seu mais notavel caracteristico seja o movimento, o qual é completa e constantemente opposto á direcção das correntes aereas inferiores e junto da terra. Assim as nuvens apparecem vindas do lado opposto ao vento; e ainda mais alto, muito mais alto,

vêm-se geralmente nuvens extensas, em regiões onde por congelação se forma o grânizo que, pouco depois de abatida a violência

rer, gota a gota, a agua que foi electrizada, então a carga escoá-se a cada gota. Além d'isso qualquer corpo carregado de electricidade contem-n'a só na superficie.



Portanto, admitindo que a terra seja um grande deposito de electricidade, é facil conceber-se que no tempo de verão, á medida que o vapor da agua se vae elevando invisivelmente do solo, a electricidade pôssa ir passando copiosamente para a atmosphera, transportada sobre a superficie das pequeninas gotas d'agua, as quaes principiam a tomar a fórma de nuvem. Depois continua a condensação e as pequeninas gotas de agua depressa se encorporam em grossas gotas carregadas de electricidade; e por este processo, a electricidade em breve trasborda das nuvens, rompe em relampagos, causando violenta impulsão no ar, cuja vibração se transforma nas formidaveis ondas sonoras do pavoroso trovão, repercutindo-se de ecco em ecco em reflexões successivas.

da tempestade, cahe trazendo para a terra o frio d'aquelles planos superiores.

Convem ainda, para entendimento do que vae ler-se, recordar dois ou tres factos conhecidos relativos á electricidade. Se se electriza uma substancia humida e depois se aquece, a sua carga electrica rapidamente desaparece com a vaporisação. E tambem, se se deixa cor-

Em geral, presencêa-se o espectacular phenomeno athmosphérico cá da terra, bem longe do centro de formação da tempestade. Cômto, occasionalmente, viajantes de altitudes tem sido testemunhas da descarga d'uma trovoada, e, tendo escapado de morrer de assombro imminente, tem descripto as sensações que experimentaram.

Nos Andes do Equador, um explorador achou-se uma vez em plena trovoada tropical que se agglomerara e rebentara em volta d'elle no cume elevado das montanhas. Elle e os seus guias estavam então a mais de quatro mil metros acima do nivel do mar, com céo claro e limpido, quando subito veio, diz elle, — sabe Deus d'onde — açoutal-os uma saraivada medonha. Procuraram abrigo protector junto dos penhascos da escarpa, e ali foram metralhados cruelmente. O volumoso granizo faceta do feria-lhes as faces, molestava-lhes o corpo e com tal violencia era arremessado pela mão invisivel da tempestade, que arrancava estilhaços ás arestas vivas dos rochedos.

Seguiu-se depois uma calmaria de momentos, e, quando recommçou a tempestade, a saraivada foi substituida pelos relampagos que principiando de fuzilar intermittenmente depressa se produziram sem intervallos, dando-se n'um unico instante multiples descargas; mas o trovão que segue a cada relampago, conta o explorador, reduz-se a um unico som secco como d'uma forte martellada, que é, accrescenta elle, tudo quanto se ouve quando se está perto da descarga.

Ha numerosas e simillhantes narrativas de tempestades electricas no alto de montanhas em latitudes temperadas. Os phenomenos repetem-se da mesma forma e sentem-se os mesmos effeitos apenas o granizo é substituido algumas vezes pela queda de neve espessa. Na nossa provincia de Tras-os-Montes são frequentes, e raros serão os que lhes teem percorrido as alcantiladas montanhas que não presenceassem um ou outro d'estes surprehen dentes espectaculos, mais ou menos duradouros, mais ou menos completos em todas as suas phases.

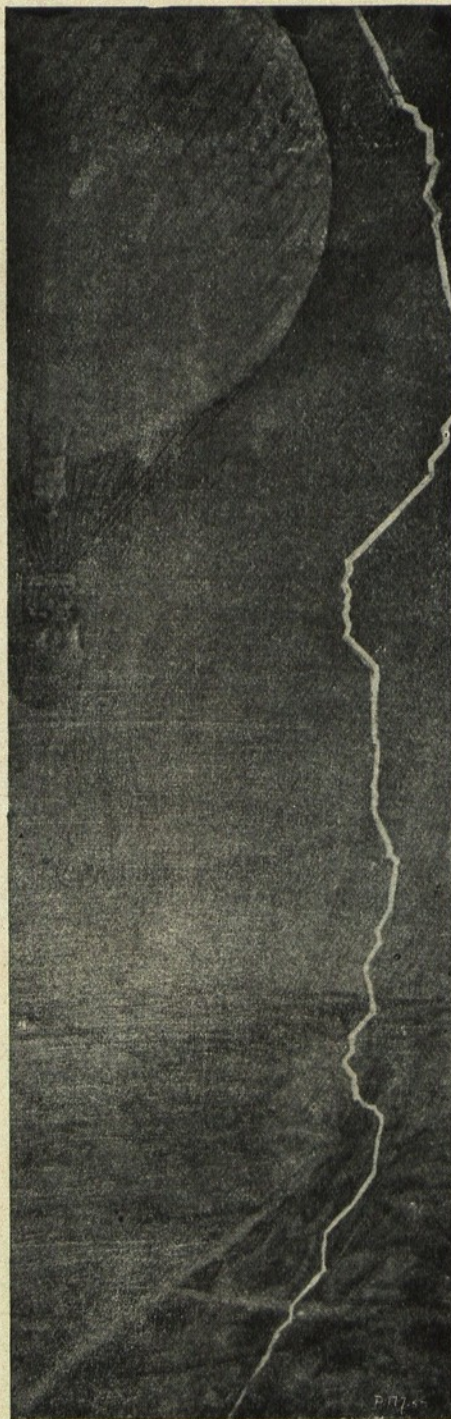
Teem-se recolhido tambem muitas narrativas sensacionaes de aeronautas colhidos em suas ascensões pelas trovoadas. Porém entre

outras encontra-se recentemente a do sr. Green que teve uma vez a rara fortuna de subir através da tempestade electrica e emergir em cima na região calma e limpida. A sua observação, instructiva sob diferentes aspectos, provou claramente o facto, sobre o qual se tem insistido, que simillhantes tempestades se deslocam mais vagorosamente sobre a terra do que poderia deduzir-se da intensidade do vento que as tráz.

Foi n'uma tarde de agosto, soprando impetuoso vento de sudoeste, que o sr. Green subiu no seu balão em Frankfort sobre o Maine, e n'uma altura de 1.300 metros achou-se nivelado com pesadas nuvens que despejavam sobre a terra chuva torrencial, como a queda d'uma cataracta, acompanhada de relampagos amiudados e de trovões. Entranhando-se através d'ella, o balão chegou livre á região superior onde uma briza de nordeste o levou salvo da tempestade.

Do resultado d'esta observação poder-se-ha concluir que o aeronauta tem o recurso de se elevar, quando em frente veja approximar-se uma tempestade electrica, atravessal-a resolute e descer livremente outra vez pelo lado opposto.

Todavia, n'uma outra occasião, não tendo recorrido a tempo a esta manobra, um outro aeronauta teve de empregar todos os meios para descer á terra no mais culminante momento d'uma medonha tempestade electrica e além d'isso, ainda foi obrigado pelas circumstancias occasionaes a ficar tempo bastante n'aquelle meio revoltado, o que lhe forneceu ensejo de observar aquelles phenomenos extraordinarios.



«Era no mez de julho, conta o aeronauta, e n'esta época do anno e n'aquelle clima é vulgar cessarem pela tarde, repentinamente, as violentas trovoadas, ainda que voltem de novo pela noite. Portanto eu e os meus companheiros de excursões aereas, embora de noite tivesse havido trovoadas, sentimo-nos justificados de arriscar uma ascensão que tinhamos determinado. Com effeito pareceu-nos que não haveria risco em a effectuar, tanto mais que o céo estava sereno e limpido, e se tinhamos de viajar com o vento parecia-nos natural supôr que no caso d'alguma nuvem se elevar no horizonte, ella seguir-nos-hia simplesmente na viagem e guardaria de nós a relativa distancia tocada, como o balão, pelo mesmo sopro de vento. Foi este justamente o nosso erro».

E' curiosa a narrativa do aeronauta, descrevendo as diversas phases da tempestade que o assaltou em plena carreira aerea.

Ao cabo das primeiras dez milhas, percorridas em breves vinte minutos, notaram os aeronautas que por sobre as terras cultivadas que em baixo iam passando, crescia indistincta, indefinida, uma neblina azul, depois acinzentada, que escurecia o panorama e se alastrava no espaço, parecendo approximar-se do balão. Contudo, o facto real era que a tenue nuvem não estava sendo trazida, mas formada ou condensada n'uma camada de ar mais frio que se estabelecera em baixo, no valle, cujas sinuosidades a força da corrente atmospherica os fazia percorrer.

«Olhando para cima, — diz o aeronauta — vimos o céo já todo coberto tambem de um manto negro e denso do qual algumas pedras de saraiva desgarradas vinham cahindo e resfriando o ambiente.

«Era-nos difficil vêr a parte do céo logo

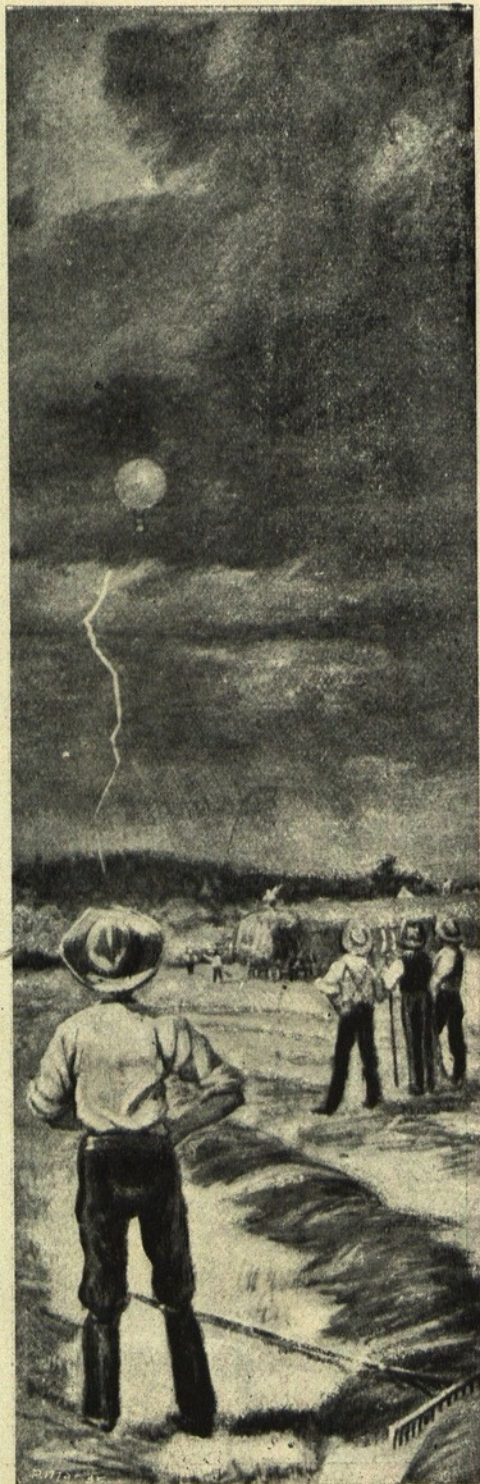
por cima de nós por causa do enorme globo de seda que nos levava ; a barquinha pendia do cordeame muito junta do balão. Portanto

a nossa observação sobre a formação da trovoadas, apparecendo de subito, envolta na neblina, foi muito restricta ; porém muitos espectadores da terra houve que a viram avançar para o balão cercandolo completamente, elevando-se muito acima d'elle, n'uma medonha massa de nuvens negras e ameaçadoras de gigantescas dimensões.

«Em terra a trovoadas foi pavorosa e durou longas horas, provando o que já se tem dito, que a tempestade se desloca bem mais devagar do que o vento que a conduz e que n'este caso conduzia o balão. De todos os lados a tormenta destruidora, que se ouvia ao longe, causava verdadeiro pavor. Os raios listravam continuos e mediam a distancia da terra á nuvem que rasgavam d'alto a baixo ; uma casa foi incendiada ; subitamente do lado opposto cahiam fulminadas diversas pessoas. O espectáculo era profundamente sinistro.

«Devido em parte á vista circumscripta do céo sobre a nossa cabeça, ou em parte, talvez, devida á velocidade com que o balão viajava, não pudemos reparar na nuvem que se approximava ameaçadora, como viram os que estavam a distancia em terra. Porém parece que na realidade a cortina de neblina característica do principio do phenomeno se formou sobre nós justamente antes que nos apercebessemos das nuvens tempestuosas e portanto occultou-nos os enormes cumulos amontoados.»

Dá-se cousa parecida com aquelles que, navegando no alto mar, se encaminham para o nevoeiro. Ficam envolvidos n'uma nevoa geral que nada lhes deixa determinar, em quanto que



para espectadores a distancia poder-lhes-hia parecer que o manto de nevoa, recobrando a nuvem de tempestade, fosse de limites claramente definidos.

«Tão sereno, transparente, era o aspecto dos

golfados n'um cruel assalto de saraivada que nos feria e nos amolgava, retumbando com furioso ruído em cima da seda do balão. O ambiente arrefeceu extraordinariamente; envolveu-nos uma pennugem de neve, contra a qual



O BALÃO. — QUADRO DE DUPRE

campos que durante alguns minutos observamos e tão rapidamente tudo se obscureceu em volta de nós que com verdadeira reluctancia fomos obrigados a admitir que o mau tempo nos envolvera. Minutos depois estavam en-

estavamos mal preparados. Depois arrebentou a trovoada. Até esse momento tínhamos tido poucos ou nenhuns avisos prévios da furia estranha da tempestade que nos ia assaltar breve. Com effeito, a trovoada, com quanto bas-

tante medonha, não apparentava ter um extraordinario aspecto. O ribombo do trovão não era prolongado. Abafavam-se talvez os eccos pela proximidade da descarga. Mas depois seguiram-se estrondos sobre estrondos com breve intervallo, similhando descargas de artilharia abrindo fogo rapido, como nas batalhas simuladas no alto mar.

«Era com effeito uma batalha feroz e aterradora que nos cercava e nos apavorava pela novidade da nossa situação e pelo isolamento em que nos encontravamos.

«Como é natural o incommodo physico que todos sentem, quando ha forte tensão electrica na atmosphera, accentuou-se n'aquellas circumstancias, e, ainda talvez mais pela certeza de desamparo externo. O altivo balão era sem duvida um grande alvo para os raios. E embora os vissemos descer das nuvens á terra, o instincto parecia querer dizer-nos que para segurança qualquer sitio em terra ainda devia ser melhor do que na propria nuvem da trovoada.

«Porém n'um relancear para baixo vimos que não havia opportunidade de descer. Sabe se quanto delicada é a escolha de lugar de des-

cida para o aeronauta, e como ella é perigosa quando não póde ser deliberadamente tomada em cuidadosa manobra. Assim por alguns minutos, longos e anciosos minutos, observamos, admiramos, e tagarellamos mesmo alegremente, embora os nossos corações podessem provar pelo contrario a angustia que os confrangia. Porém repentinamente um acaso deparou-nos na direcção em que eramos levados uma clareira magnifica para deitar ferro, bello porto de abrigo para quem vinha acossado do temporal, uma excellente horta como depois verificamos. A tempestade não tinha diminuido de violencia, nem a trovoada deixara de ribombar pelos espaços.

«Dez minutos mais tarde o nosso balão permanecia deitado sobre a terra, e emquanto indemnizavamos o hortelão dos estragos que lhe haviamos feito na plantação, reuniam-se em roda de nós, em grupo curioso, os camponezes que tinham observado admirados o nosso balão no céo, esperando a todo o momento vê-lo rasgado, e convencidos, no seu ponto de vista, que não conseguiria livrar-se dos raios que o envolviam.»

---

## SCENA CAMPEZINA



AS LAVANDEIRAS



## O SERRALHEIRO DO REI

*Continuamos no artigo que segue a serie de narrativas historicas que temos vindo publicando, nas quaes a mysteriosa sequencia dos factos incompletamente sabidos deixa entrever enigmas crueis do coração humano, motivos de psychologia complexa que desenham caprichosos entrelaçamentos de paixões e de interesses, causas occultas, por vezes minimas, e não raro determinantes, dos mais estranhos e dramaticos casos da historia.*

NA MANHÃ de 21 de maio de 1792 chegou a Versailles, vindo dos lados de Paris, um homem a cavallo, vestido com o uniforme vulgar de postilhão da época. Por aquelle tempo existia n'uma das ruas transversaes da regia cidade uma loja, tendo pendurada fóra da porta, como bandeira de annuncio, uma enorme chave dourada e na qual estavam pintadas as palavras, — *Francisco Gamain, serralheiro*. — O postilhão seguiu direito até a porta aberta, e vendo dentro o dono da loja, sopesou as redeas e chamou-o pelo nome.

Ao ouvir a voz que elle reconheceu, o serralheiro largou a ferramenta e sahio á rua, relanceando cautamente em redor. Parou perto do homem a cavallo, que se inclinou e lhe disse em voz baixa :

— Venho de mandado de sua majestade o qual lhe ordena de ir ás Tulherias. Terá de entrar pela cozinha, porque sua majestade não quer que se saiba da sua ida ao palacio.

A' palavra *ordena* a phisionomia do serralheiro expressou visivel contrariedade, franzindo por momento os sobrolhos como manifestação de desagrado. Havia já passado o tempo em que o infeliz Luis XVI podia dar ordens. Desde a sua infructuosa tentativa de fuga, um anno antes, continuára a viver nas Tulherias mais como um prisioneiro de Estado do que como um rei. Ainda se mantinham as regras da côrte, porém estavam-se tornando fastidiosas para todos com excepção dos poucos dedicados ao regimen ainda vigente. Aos ouvidos d'aquelles que respiravam por qualquer fórmula o espirito revolucionario, semelhante palavra *ordem* começava de ter uma dissonancia desagradavel.

— Sinto muito, Durcy, mas não vou — respondeu o serralheiro, logo que o outro acabou de lhe dar o recado.

O postilhão retorquiu desconcertado com a recusa :

— Porque não ?

— Porque se alguém me vê sahir de Versailles, tornar-me-hei suspeito. Como deveria succeder, o meu antigo conhecimento com o rei é para mim agora altamente prejudicial, e sou vigiado.

O mensageiro mostrou-se muito contrariado. Instou com o serralheiro para que mudasse de resolução, mas tudo foi inutil; e viu-se obrigado a voltar para Paris com aquella desrespeitosa e insolita resposta.

O serralheiro fallára verdade, dizendo que elle era suspeito aos ardentes patriotas de Versailles, por causa do seu antigo conhecimento com Luis XVI. Este, quando era Delphim de França, tivera decidida e especial predilecção pela serralharia e ainda a conservava depois de subir ao throno. Gamain tinha sido seu iniciador nos segredos do officio.

Emquanto Luis XVI residira em Versailles, Gamain tinha ido regularmente ao palacio todas as vezes que o rei precisara de auxilio em seus trabalhos de amator. Quando tres annos antes, no principio da Revolução, a familia real fôra levada para Paris, Gamain havia ainda sido chamado por diversas vezes, porém as suas visitas tornaram-se cada vez menos frequentes, até que depois da fuga para Varennes o serralheiro deixou de ter quaesquer relações com o seu antigo aprendiz. No entanto, era natural que elle fosse apontado, com certa suspeita, pelos amigos da Revolução como um antigo mercenario da realleza.

N'este caso, era immerecida a suspeita. Francisco Gamain, ao que parece, não era feito do mesmo polme de que eram feitos os servidores devotados. Homem pouco amavel e colerico, não nutria affeições, nem mesmo pelo principe aprendiz. Parece tambem que o proprio Luis XVI difficilmente inspirava amizade a alguém. Em primeiro lugar

era fraco e volúvel de caracter; e se fazia tão bem fechaduras como sabia governar povos, deveria ter sido um discípulo que não honrasse em extremo a habilidade do mestre. Desprezado comigo proprio em cousas grandes e graves, era todavia muito teimoso em cousas insignificantes. Desfallecia perante as investidas da população revolucionaria, e comtudo irritava-se com a sua joven e intrepida mulher.

Não tinha má indole, nem intenção, porém não possuía tambem nenhuma generosidade.

Gamain não fôra mais bem pago, no palacio real, pelos seus serviços do que se tivera trabalhado para um simples burguez; e para homens do genero de Gamain, que consideram aquelles que lhes estão superiores em posição social, como a sua natural preza nas batalhas da vida, semelhante tratamento fez-lhe o effeito de uma injuria.

Sentindo intimo resentimento contra o rei, o serralleiro achou duplamente duro que tivesse de soffrer por causa da supposta affeição á causa da realeza. Declarou-se portanto republicano e fez tenção firme de não voltar mais a vêr o rei.

Pelo seu lado, o proprio Luis XVI não mostrára grande desejo de conservar aquelle conhecimento. Em geral, os reis, e sobretudo reis d'aquelle regimen e d'aquellas tradições, difficilmente admittem a possibilidade de não ser, sob quaesquer circumstancias, acolhida com enthusiasmo a sua benevola protecção; mas pouco a pouco entranhara-se no espirito de Luis XVI a convicção intima, talvez antes um sentimento indefnível, de que Gamain não lhe era inteiramente affeioado. Tinha-o substituído no seu mester de auxiliar nos regios trabalhos pelo homem que partira para Versailles n'aquella manhã, a quem Gamain reconheceu através do seu disfarce de simples postilhão. Comquanto Durcy pu-

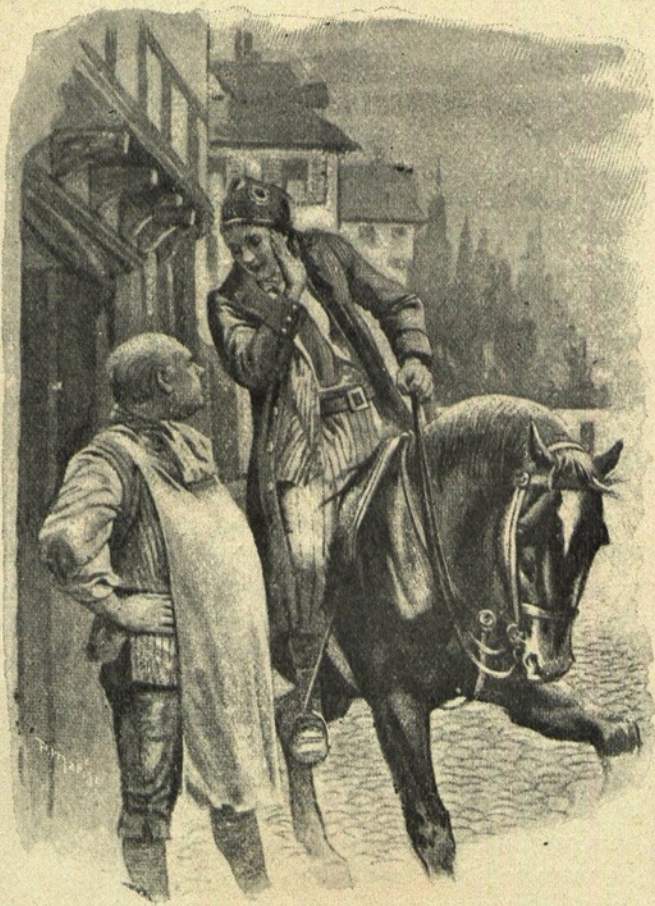
desse auxiliar efficazmente o rei em trabalhos ordinarios, não era todavia um serralleiro mestre como Gamain. Quando lhe surgia uma difficuldade verdadeira em cousas do officio, os pensamentos de Luis XVI dirigiam-se naturalmente para o homem brutal, mas experiente, que lhe ensinára tudo quanto elle sabia. Similhante difficuldade estava n'aquelle momento preocupando o rei, como Gamain em breve iria descobrir. Apesar das compridas dez leguas que separam Versailles de Paris, tres horas

apenas se tinham passado, quando de novo Gamain viu apparecer á sua porta o mesmo mensageiro disfarçado. Fôra mandado outra vez com novas instancias do rei, mostrando carer em absoluto da presença do serralleiro nas Tullerias.

D'esta vez, Gamain notou com satisfação, que não se fallava já em ordens. Mas sollicitações tão apertadas levantaram-lhe então no espirito suspeitosos receios. Perguntou a si proprio que qualidade de trabalho seria aquelle para o qual tão anciosamente procuravam o auxilio do seu experimentado saber e habilidade

manual; e á falta de qualquer explicação, as razões que o levaram a recusar a primeira vez redobram de força. Depois de ter esgotado todos os meios de persuasão, Durcy, o mal succedido correio, viu-se de novo constringido a retroceder para Paris com uma recusa formal.

Afinal tornou-se evidente que o motivo do auxilio do serralleiro não era vulgar, e que no fundo havia interesses muito mais importantes do que um mero capricho real. Na manhã seguinte, bem cedo, Gamain foi acordado com a presença de Durcy, sempre disfarçado, o qual d'esta vez não trazia recado verbal, mas vinha munido d'uma carta escripta pelo proprio punho do rei. N'esta



... Parou perto do homem a cavallo

Luis XVI tratava-o em tom familiar, de amigo velho, pedindo ao serralheiro que viesse auxiliar ao menos uma parte d'um trabalho, que nem elle, nem Durcy tinham a habilidade de completar. Bastante explicita a carta, não continha comtudo allusão alguma á verdadeira natureza da obra entre mãos.

A disposição azêda de Gamain não foi superior a estas demonstrações de affecto e de deferencia. Uma carta autographa do rei, apesar de rei impopular e ameaçado, escripta em linguagem tão amiga e supplicante, era sufficiente para abrandar os furores do republicano, como a justiça feita á sua superior habilidade, lisonjeando-lhe a vaidade, o enterneceira no seu orgulho de mestre no officio. Desatou o seu avental de couro, pôz o seu melhor casaco, e disse á mulher e aos filhos que não o esperassem de volta senão noite fechada. Pouco depois, Gamain e Durcy seguiram juntos o caminho de Paris.



Chegados ás Tulherias, evitaram passar pela entrada principal, sempre vigiada pelos guardas nacionaes, que escortinavam qualquer visita para o rei, na esperança de descobrir espiões austriacos ou prussianos. Por aquelle tempo, convem recordar, estava declarada a guerra, e um exercito allemão, reforçado pelos principes e nobres que tinham fugido de França, depois de longo rondar pela fronteira, preparava-se para marchar sobre Paris, libertar o rei da oppressão de seus proprios subditos e derogar pela força das armas a nova constituição.

Pelo seu lado, Luis XVI em seu vacillante e a um tempo temerario proceder, estava fazendo todo o possivel por destruir a constituição que havia jurado manter, e illudir todas as medidas decretadas para fortificar a causa nacional. Não era de admirar, portanto, que os partidarios da Revolução comesçassem de suspeitar de uma qualquer combinação secreta entre o rei dos francezes e os invasores da França, e vissem em sua mulher, austriaca de nascimento, a altiva, e irreconciliavel Maria Antonietta, uma verdadeira representante do estrangeiro, trahindo em defesa dos proprios interesses as aspirações nacionaes.

Comtudo se os guardas nacionaes podiam desconfiar de algumas das visitas do rei, não tinham razão plausivel para suspeitar da de Francisco Gamain.

O gosto do rei pela serralharia era perfeitamente conhecido, e devia ser occupação mais natural para ganhar o respeito dos homens que se propunham reivindicar as regalias populares e entrar no poder do

que para infundir suspeitas. Gamain era homem astuto, mas os menos astutos ou habéis deveriam ter principiado por sentir desconfianças bem justificadas quando se vissem introduzidos no palacio pela porta trazeira e conduzidos pelos corredores particulares até a forja real.

Cada vez se tornava mais evidente para Gamain que a necessidade do seu auxilio na obra principiada, não era de vulgar importancia. O mesmo motivo que suggerira aquelles repetidos e instantes pedidos para elle vir ás Tulherias, deveria agora tambem determinar o segredo, para toda a gente, da sua presença ali, como guardar d'esta a mais profunda discrição.

Deixado só na régia officina, em quanto Durcy ia anunciar a sua chegada, o serralheiro olhou em redor com anciosa curiosidade. Os seus olhos praticos cahiram breve sobre duas peças de recente manufactura.

Era uma porta de ferro, redonda como um prato, tendo uma fechadura de mola de grande complicação, e uma pequena caixa de ferro, cuja tampa estava segura por uma mola de segredo, tão habilmente imaginada que o proprio Gamain não a poude descobrir.

Estava ainda analysando estes objectos quando Luis XVI entrou apressado, seguido de Durcy. Os cumprimentos do rei ao seu antigo mestre foram verdadeiramente ternos.

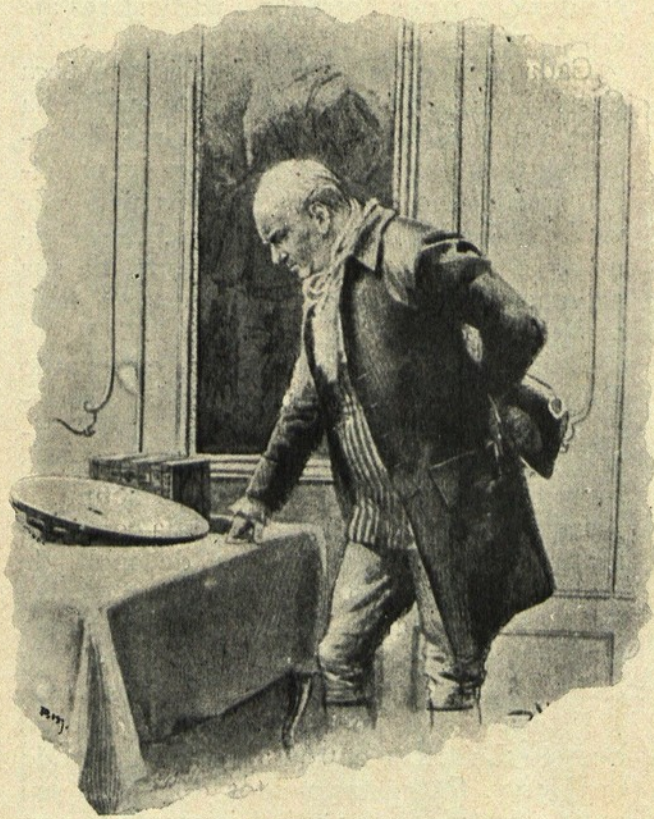
— Olá, meu pobre Gamain, ha um seculo que não nos viamos — exclamou, assentando familiarmente a mão sobre os hombros do serralheiro. — O que me dizes dos meus progressos? — começou de perguntar, designando expressamente a porta circular e o pequeno cofre. — Fiz estas duas obras em dez dias. Bem vês que sou teu aprendiz, meu Gamain!

Logo que julgou ter posto o serralheiro de bom humor, Luis XVI conduziu-o ao lugar onde seu trabalho era indispensavel.

Deve notar-se que o rei não pediu juramento de segredo a este homem, a quem não tinha visto durante um anno, que duas vezes se negara a cumprir as suas ordens, que apenas accedera com custo á solicitação de auxilio insubstituivel, e de cuja dedicação pessoal não tinha motivo algum para se fiar.

Acompanhados por Durcy, levando um candieiro accêso, entraram no quarto de dormir do rei. No canto d'esse quarto havia uma porta que deitava para uma especie de passagem occulta, a qual communicava na outra extremidade com o quarto de dormir do pequeno Delphim. Esta curiosa separação era enquadra de madeira e muito escura. A um signal de Luis XVI, Durcy le-

vantou um dos quadrados do seu lugar, e, á luz do candieiro, o serralheiro admirado viu uma funda cavidade por trás na parede. A bocca do buraco era redonda, e correspondia



... o proprio Gamain não a ponde descobrir.

exactamente á medida da porta de ferro que estava na officina do rei.

Então Luis XVI explicou a situação. Elle e Durcy haviam escavado a parede, deitando á noite o entulho no Sena. Imaginára fazer aquelle esconderijo para guardar dinheiro, na eventualidade de ser o palacio das Tulherias invadido e saqueado pela populaça. Fizera a porta de ferro para fechar a abertura, e apenas precisava agora fixal-a com firmeza no seu lugar. Neste ponto as habilidades reunidas de Luis XVI e do seu ajudante haviam falhado, e o rei então pensara n'elle, no seu antigo mestre.

Foi esta a explicação do mysterio. O serralheiro aceitou-a sem commentarios. Principiou a trabalhar. Primeiro aperfeiçoou a fechadura da porta, limando-a convenientemente para a tornar mais facil de correr e reforjando a chave, para a tornar de mais difficil imitação. Depois a porta foi levada para a pequena passagem, onde se fixaram os gonzos á alvenaria emquanto que do lado opposto se metteu a chapa de caixilho para receber a lingueta da fechadura.

Era n'esta parte do trabalho que existia a principal difficuldade. O rei, que estava aju-

dando a obra, mostrava-se nervoso e impaciente todas as vezes que se ouvia maior ruido, e instava continuamente com Gamain para que trabalhasse menos de rijo.

Como ao mesmo tempo lhe pedia tambem urgencia, parecia ficar de mau humor pela menor perda de tempo. A tarefa não foi facil para o habil serralheiro. Tentára usar do málho, mas o rei quasi lh'o prohibira e comtudo sem alguma violencia era quasi impossivel unir os gonzos de ferro ao rebordo da abertura. Accrescente-se ainda que o trabalho era feito á luz de candieiro, n'um pequeno e apertado recinto, e sob a constante apprehensão de ser descoberto por qualquer guarda que andasse na pista d'uma supposta traição real.

Tendo despido o casaco e desapertado a gravata, o serralheiro entregou-se á sua tarefa horas após horas; corria-lhe o suor pela face; quasi exhaustas as forças por falta de alimento. Era já noite quando finalmente se completou o trabalho. A porta ficou aberta, prompta, com um simples e rapido impulso, a ser cerrada pela fechadura de mola e de segredo tão depressa se collocasse dentro o famoso thesouro. A chave unica que a podia reabrir foi guardada na caixa de ferro que Luis XVI fizera de ante mão, a qual foi tambem escondida de baixo de uma lage n'uma das extremidades da pequena passagem.

Tanto quanto podia fazer a precaução humana, parece que tudo se realizara para que o dinheiro, pelo qual o rei se mostrava tão extraordinariamente afflicto, devesse ficar bastante seguro. A chave do cofre de segurança aberto na parede ficara guardada n'uma caixa, da qual só talvez, Luis XVI soubesse o segredo. O proprio lugar onde fôra occulta era só conhecido por quatro pessoas, tres que se limitaram a uma parte da sua construcção e uma outra, aquella, talvez, que suggestionara a feitura da obra. Mas seriam bastantes estas precauções? Não aconselharia a prudencia maxima a que fossem tomadas outras mais efficazes?



Quando Gamain, exausto por oito horas de incessante trabalho, sahiu da estreita passagem para o quarto do rei, estava quasi desfallecido; o proprio Luis XVI apressou-se em lhe offerecer uma cadeira para elle se sentar, ao mesmo tempo que lhe pedia desculpa de lhe ter imposto tão ardua tarefa. Depois o rei e Durcy abriram as gavetas d'uma secretaria, donde tiraram quatro sac-

cos de couro, cheios de luizes de oiro, e pediram ao fatigado Gamain que os ajudasse na contagem.

Cada um dos quatro saccos continha um milhão de francos, de módo que a totalidade de mais de oitenta mil moedas de oiro tinham de ser contadas. Gamain começou de os ajudar; porém, não obstante attento á contagem, não estava tão absorvido que deixasse de notar que Durcy tirara da mesma secretaria uns maços de papeis.

O serralheiro tinha ido para o palacio sob uma disposição suspeitosa no seu espirito. As extraordinarias precauções de que fora testemunha, levaram-n'o a estar de olho vivo e imaginação desperta e agora perante o facto que notára em Durcy, suggeriu-lhe no animo a idéa de que todo aquelle contar de dinheiro era simples comedia, imaginada com o intuito de lhe distrahir a attenção e de lhe deixar ficar a impressão de que o verdadeiro motivo que levára o rei a fazer aquelle cofre de segurança era apenas o de guardar o thesouro.

Na realidade, o seu malicioso instincto insinuou-lhe o presentimento de que o cofre se destinava a receber e occultar cousa bem mais importante, cuja guarda segura era caso de vida ou de morte para o ameaçado rei. Tal seria o conteudo d'esses documentos para que o montão de moedas que estava contando fosse simples disfarce? E por quê teve o rei tanto cuidado em lhe occultar a verdadeira applicação do cofre e do esconderijo?

Gamain continuou contando o dinheiro com estes pensamentos a trabalhar-lhe na imaginação. N'aquelle momento o rei, notando só então que elle nada comera desde manhã, propôz-lhe que ficasse no palacio para cear. Julgando pelos passados costumes que aquella offerta significava ter de cear com a criadagem e cheio das falsas idéas de egualdade, o serralheiro recusou o convite. Luis XVI propôz-lhe ainda de o mandar paracasa n'uma das suas carruagens. Gamain recusou. Não queria ser visto chegar a Versailles de fórma que podesse levantar suspeitas aos patriotas da vizinhança. Tinha além d'isso outro motivo, o seu mau humor. Julgava-se illudido e tratado com menor confiança do que a aparentada, chamando-o para um trabalho secreto. Esta suposição punha-o n'um estado de desasosiego e de irritação, em que havia aquella heterogenea mistura de medo e de despeito que na psychologia dos caracteres mediocres se transforma a revezes em odientas perversidades vingativas. O seu desejo era sahir d'ali, quanto mais depressa melhor.

Finalmente acabára-se a contagem do oiro que foi reposto nos saccos de couro, promptos para serem armazenados no secreto armario e Gamain levantou-se para se retirar.

Até aquelle momento elle não vira nem fallára a ninguem no palacio, exceptuando Luis XVI e Durcy. O rei tinha-o informado de que ninguem, além d'elles tres, nem mesmo a rainha, sabia da construcção d'aquelle esconderijo. Porém quando Gamain se dispunha a sahir, abriu-se repentinamente uma porta dissimulada na tapeçaria, ao pé da cama do rei, e entrou no quarto Maria Antonietta.

Gamain cumprimentou todo atrapalhado, suppondo naturalmente que esta inesperada apparição era tão perturbadora para o rei como para elle proprio. Qual foi o seu espanto ao vêr dirigir-se para elle a formosa e altiva rainha, segurando com as suas proprias mãos reaes uma pequena bandeja, e fallar-lhe n'um tom não somente gracioso, mas quasi de sympathia.

— Gamain, meu amigo, você deve estar bem fatigado; beba este copo de vinho e coma esta *brioche*. Tem uma grande caminhada a percorrer e isto ha-de confortal-o certamente.

A rainha collocou n'uma mesa ao lado



... o rei ajudava o trabalho.

d'elle a bandeja onde havia apenas um unico copo de vinho e uma pequena *brioche*. O serralheiro, que ainda estava em mangas de camiza, gaguejando em seus agradecimentos,

confundido pela excepcional amabilidade da altiva princeza austriaca, que n'outro tempo nem sequer notára na sua existencia, pegou no copo, e respeitosa-mente bebeu á saude de sua majestade. Depois enfiou o casaco, e mettu a *brioche* na algibeira para levar para casa para os filhos.

Luis XVI renovou-lhe os agradecimentos despedindo-se amigavelmente do seu mestre serralheiro, e finalmente Gamain sahiu das Tulherias.

Tal é a primeira parte da narrativa que d'este caso fez o proprio Gamain, á qual Luis XVI, em seu processo, oppoz uma negativa formal, até o desconhecimento da existencia do famoso armario, o que, contrariando a evidencia, impressionou desfavoravelmente o tribunal. Ha n'esta exposição minudencias que revelam bem o cuidadoso resguardo com que Gamain se defende de qualquer suspcita de affecto á realza: como ha tambem uma natural sequencia de factos que motivam a sua veracidade, até o momento de apparecer de subito a rainha. Aqui principia a duvida. A scena prepára evidentemente um effeito dramatico.

• • •

Tres semanas depois, Luis XVI, exercendo o seu poder real nos termos da nova constituição, recusa terminantemente a sancção ao decreto da Assembléa Nacional, auctorizando o alistamento de vinte mil voluntarios para a defesa de Paris, e demitte o ministerio popular.

Em 20 de junho, a populaça invade sem resistencia o palacio das Tulherias; mais curiosa do que hostile percorre os salões, sem se lembrar talvez de que está commettendo uma violação de domicilio. Chega á porta do quarto do rei, o qual manda abrir e deixa entrar os invasores, homens, mulheres, até creanças, uns armados bizarramente, outros

levando flores e ramos verdes. Dirigem-lhe conselhos e ameaças. Apresentam-lhe um barrete vermelho, que o rei põe na cabeça, Expludem os applausos. Offerecem-lhe uma garrafa de vinho; o rei bebe á nação. Novos e estrepitosos applausos. Finalmente chegam os deputados enviados pela Assembléa para proteger a pessoa do rei. A multidão dispersa-se e evacua o palacio. O rei mantivera firmemente a sua resolução. Não fizera perante a manifestação atrevida a minima concessão. Todavia o povo pedira-lhe que sancionasse os decretos.



... segurando com as suas proprias mãos reaes...

A 11 de junho, na assembléa, perante um silencio profundo e solemne, o presidente Dubayet levantou-se gravemente e pronunciou a formula que propuzera Vergniaud — *cidadãos, a patria corre perigo*. Em 22 de julho, justamente um mez depois da construcção, bem opportuna, do celebre *armario de ferro*, aquella resolução suprema da Assembléa era lançada em pregão festivo a todo Paris.

Em 25 de julho, o commandante das forças alliadas da Austria e da Prussia pôz em marcha

o seu exercito em direcção á fronteira e fez divulgar aquella fatal proclamação, ameaçando Paris de execução militar, se fosse tocado um só cabello da cabeça do rei. Em 10 de agosto appareceu a replica de Paris. N'aquelle dia a populaça novamente invadiu as Tulherias, mas d'essa vez foi a côrte que sahiu. O rei foi suspenso das suas funcções e preso no Temple com a familia real.

Em 20 de setembro, o exercito da Revolução ganhava a sua primeira victoria contra os invasores, e começava a marcha triumphal que havia de arvorar a bandeira tricolor em todas as capitães europêas, desde S. Peterburgo até Lisboa. Um dia depois implantava-se a republica em França e a brochura narrando o — *Julgamento de Carlos I de Inglaterra* — era vendida profusamente nas ruas de Paris.

Em 6 de novembro, Valazé, em nome d'uma commissão especial da Convenção Nacional lia um relatorio sobre os crimes imputados a Luis XVI, classificando-o de traidor. Durante quinze dias agitou-se a questão, absorvendo a attenção geral.

No dia 19, Francisco Gamain levantou-se da cama onde jazera doente e dirigiu-se a Paris.

O ministro do interior n'aquelle momento era o marido da celebre madame Roland. Estava trabalhando no seu gabinete, quando o informaram de que um serralheiro de Versailles lhe queria fallar, porque tinha de lhe communicar um assumpto grave e de alta importancia.

Gamain foi mandado entrar, e então fez ao surprehendido ministro a narrativa dos factos com que abrimos este artigo, denunciando a existencia do secreto armario no palacio real agora abandonado, dentro do qual, lhe parecia, se encontrariam papeis da côrte, confidenciaes e sem duvida importantes.

Roland ouviu-o até o fim; e depois levantou-se e seguiu logo para as Tulherias, imprudentemente, sem se prevenir das necessarias testemunhas, apenas um architecto; o que permittiu ser accusado mais tarde de ter sonegado alguns papeis. Gamain encaminhou-se sem hesitação para a passagem escura entre os dois quartos de dormir, levantou o quadrado de madeira e descobriu a porta de ferro. Abriram-n'a em seguida. As suspeitas de Gamain foram plenamente justificadas. Os saccos de ouro tinham desaparecido, mas em seu lugar estava um maço de documentos, provando fóra de toda a possibilidade de duvida ou de controvérsia que Luis XVI e sua mulher tinham tomado parte activa no convite aos austriacos e prussianos de invadir a França e que a propria recusa do rei em sancionar os decretos do governo fóra adoptada em conselho com o estrangeiro.

Passados dois mezes, a cabeça de Luis XVI cahia cortada pela guilhotina, e antes d'um anno a desgraçada Maria Antonietta seguia seu marido no mesmo horroroso e fatal destino.

Que motivo levou Gamain áquella compromettedora denuncia? Que sentimento de perversidade calculada lhe determinou a revelação? O resentimento de injurias recebidas e abafadas a corroer surdamente as fibras d'alma? O odio, esta paixão tão natural como o amor, que vae buscar raizes no instincto de conservação para defeza propria e legitima? Ou a vingança, esta outra paixão humana, sequiosa, enebriante, tocada de volu-

pia, toda *musculosa*, no dizer energico d'Albert?

• • •

Gamain explicou o seu proceder. Continuemos agora a narrativa do que lhe succedeu depois de sahir das Tulherias, n'aquella memoravel noite de 22 de maio.

N'essa occasião já estava escuro. Gamain tinha promettido voltar para casa ao cahir da noite, e achava-se ainda no centro de Paris, com um longo caminho adiante de si. Apesar de estar com fome, não quiz deter-se a comer antes de partir, seguindo logo pelos Campos Elyseos. Os candieiros da illuminação da avenida estavam apagados, e o serralheiro tropeçava a cada passo na escuridão.



... Roland ouviu-o até ao fim.

Chegara perto do Sena quando de subito se sentiu atacado de tremendos espasmos anxiosos, acompanhados da sensação de ter as entranhas em fogo. As dores eram tão agudas que o desgraçado dobrava-se na caracteristica contorsão da colica, e por fim cahiu exausto junto d'uma das arvores, gritando dolorosamente.

Felizmente para Gamain aconteceu passar n'aquelle momento, uma caleça e ao som dos seus gritos desesperados a pessoa que ia no vehiculo deitou a cabeça fóra da portinhola e ordenou ao cocheiro que parasse.

Apeou-se, e dirigiu-se para o lugar onde estava cahido Gamain, seguido pelo cocheiro que levava uma das lanternas da carruagem. Gamain tivera a sorte estranha de encontrar por acaso providencial um medico, o qual logo se persuadiu que o serralheiro tivesse sido envenenado.

Levantaram-o do chão caridosamente e transportaram-o na carruagem á botica mais proxima, situada na rua do Bac. Ali o medico, que se diz ser inglez, ministrou um poderoso vomitorio, e gradualmente foram passando os peores symptomas. Pela madrugada o compadecido doutor levou-o a Versailles e restituiu-o á familia que afflicta o esperava desde a vespera.

Foram chamados dois outros medicos residentes em Versailles, e confirmaram o diagnostico de envenenamento. Trataram do doente e só ao cabo de tres dias o declararam livre de perigo; porém continuava a ser grave ainda a doença e muito vagarosa deveria ser a cura completa, se chegasse a tel-a, visto que o systema nervoso fôra particularmente affectado, tendo-se manifestado paralias parciaes, e dores vivissimas e erraticas pelo corpo todo.

A horrivel crise por que passou varreu da imaginação de Gamain a lembrança da *brioche*.

Emquanto esteve suspenso entre a vida e a morte, uma criada de casa, ao es-

covar o casaco que o serralheiro levára a Paris, encontrou por acaso n'uma das algibeiras aquelle bolo. Trincou um bocadinho, mas como o achasse com um sabor desagradavel deitou a *brioche* ao pateo onde foi comida por um cão, o qual morreu instantes depois. A criada foi atacada dos mesmos symptomas da doença do seu patrão, comtudo com menos gravidade. O cão foi autopsiado por um dos medicos que lhe reconheceu no estomago grande quantidade de sublimado corrosivo.

Durante todo o tempo da doença, Gamain

recusou terminantemente responder ás perguntas que lhe faziam para se determinar como lhe fôra ministrado aquelle veneno, e proceder nas consequentes averiguações do crime. Proviria este silencio de hesitação que houvesse no seu proprio espirito sobre os auctores e o motivo do crime?

Os acontecimentos d'aquelle dia nas Tulherias tinham-n'o feito, a despeito da sua vontade, cumplice e sabedor d'um dos taes se-

gredos de estado, que tantas vezes são fataes para quem os conhece.

Se no seu espirito desconfiado alguma duvida se suscitara sobre a applicação do cofre de segurança que fôra completar ás Tulherias, suspeitando de que era para guardar outra cousa differente de dinheiro, ainda que a somma attingisse quatro milhões de francos, agora para elle essa duvida desaparecêra. Os papeis que Gamain vira nas mãos de Durcy, evidentemente, continham promenores de qualquer negociação tão importante, como perigosa, quando descoberta, para a segurança do rei e da rainha.

A conservação do

segredo era motivo sufficiente para qualquer sacrificio, ainda que fosse da vida d'um homem que por necessidade entrasse na confidencia. E elle vira muito, mesmo demais.

A historia está repleta de casos semelhantes, crueis mas necesarios, justos até, na logica do despotismo, quando a vontade pessoal é lei, desde o tempo em que os escravos que cavaram a sepultura de Alarico foram sentenciados á morte pelos chefes visigodos, para que a sepultura do heroe ficasse desconhecida e tranquilla para todo o sempre.

Gamain soffreu e esperou. Elle bem sabia



... dirigiu-se para onde estava Gamain...



que não tinha testemunhas para chamar á corroboração da sua historia extraordinaria. Sedento de vingança, luctou durante longos cinco mezes com a morte e no momento em que pela apresentação dos papeis do famoso armario, unica prova em justificação do seu depoimento, podia influir sobre o destino do rei desthronado e preso, levantou-se tropego e arruinado de saude e fez a denuncia.



Seriam positivamente exactos os factos contados por Gamain? Porque motivo poderia ter elle inventado o drama politico? Qual a razão de calumniar cobardemente o seu antigo aprendiz? Com effeito teria Gamain sido envenenado? E n'este caso por quem?

Como é sabido, dois annos depois o governo da revolução concedia a Gamain uma pensão annual de mil francos, como soccorro a uma victima do antigo regimen, e da qual viveu até a sua morte em 1800. N'essa occasião apresentou a sua petição justificada e houve o parecer favoravel ao pedido. Tanto um como o outro documento foram publicados e impressos. Para instruir o processo havia outras peças essenciaes, e entre estas os relatorios dos dois medicos de Versailles que trataram Gamain e que tinham reconhecido o veneno. Ficaram manuscriptos e no tempo da Restauração estes papeis todos desapareceram dos archivos. Em 1836, Pierre Lacroix, que não pode ser suspeito ao realismo, fez inquerito em Versailles junto de pessoas que haviam conhecido ainda o serralheiro, o Gamain filho, mestre de Luis XVI, como Gamain pae o fôra de Luis XV; e perguntado sobre o assumpto em consulta particular respondeu em carta que na sua narrativa não tinha incluido tudo quanto sabia.

Subsistem portanto para corroborar a historia de Gamain dois factos: — a indubitavel descoberta dos papeis depois da denuncia d'elle, e os horriveis effeitos da doença sobre o seu organismo.

Gamain viveu ainda oito annos, portanto, quem quizesse refutar tão grave accusação contra a memoria do infeliz rei e da desgraçada rainha tinha tido sobeja oportunidade para examinar e verificar as declarações do serralheiro.

Nunca foi refutada a accusação; como tambem nunca foi seriamente investigada.

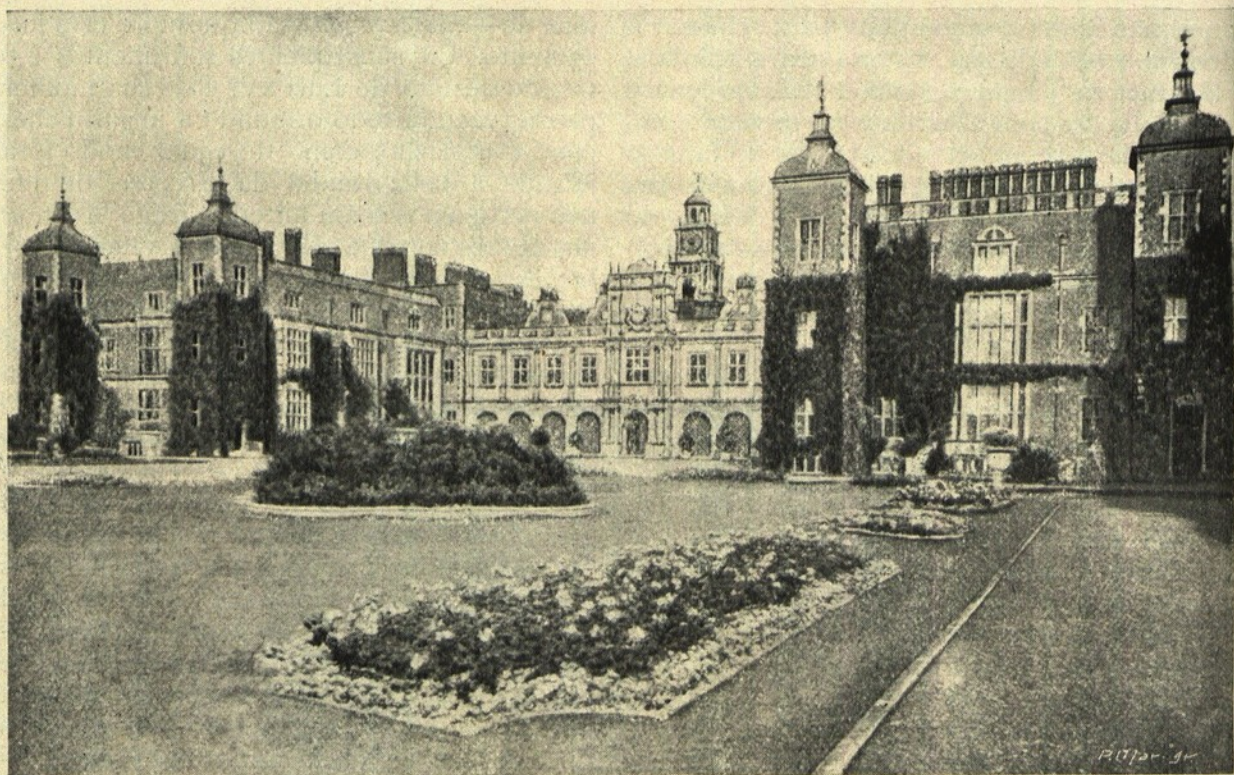
Os historiadores preferiram relatar o caso, appondo não um veredicto de *não provado* —

mas de—*não culpado*—ao quesito d'este julgamento. Os subsequentes soffrimentos e o tragico destino de Luis XVI e de sua mulher predispuzeram todo o mundo a julgar d'elles com compaixão, como de equal modo fôra julgada a bella rainha da Escossia de que nos occupámos n'um anterior artigo. Ao lado dos Robespierres e dos Couthons das Revoluções, o regio par ainda apparece como anjos de luz.

Pouco a pouco em redor da sua memoria formou-se uma lenda sentimental. E' sem duvida tarefa ingrata atacar quem na morte teve cruel expiação. A maioria das memorias dos seus ultimos annos são o trabalho de devotados servidores e de camaristas, os quaes souberam o que era escutar o som das rodas da sinistra carreta, vinda dia a dia para ás portas das prisões. Nos seus livros, em geral publicados depois da Restauração, transparecem bem claramente os effeitos d'aquelle tempo de terror. Na sua linguagem nervosa parece que só havia n'aquelle periodo duas qualidades de seres humanos em França: — d'um lado o rei, a rainha e os seus defensores e protectores, que eram santos immaculados; e do outro lado o povo francez, todos os restantes que eram sem excepção canibaes enfurecidos.

Compreende-se, portanto, a attitude d'estes escriptores de memorias sobre a narrativa do serralheiro Gamain. Para elles não lhes pareceria naturalmente que fosse accusação para ser refutada, mas uma blasphemia demasiadamente grande para ser discutida. Fizeram sobre ella deliberado silencio, que, embora pareça incredulidade, pode tambem significar conveniencia em occultar. Repugna admittir como verdadeira em todos os promenores a narrativa de Gamain. Mas subsiste impenetravel o mysterio de quem lhe offerecera o copo de vinho envenenado e a *brioche* que mata um cão. Negados ainda estes factos por falta de contraprova dos relatorios desaparecidos, mas indubitavel a doença do serralheiro, repugna que houvesse imaginação tão perversa que soubesse inventar e attribuir a envenamento os estragos organicos soffridos só para obter uma pensão, tudo tão calculadamente preparado, que até pede, no momento da denuncia, silencio absoluto sobre o seu nome, como na verdade se fez, para dois annos depois vir solicitar a compaixão do governo revolucionario. Indecifavel enigma.





ASPECTO GERAL DO PALACIO

## *O Solar de Hatfield*

*Com o volver dos annos, evolução das ideas e iniciação do novo reinado, lord Salisbury, primeiro ministro de Inglaterra, chefe de partido, indiscutivelmente um dos vultos mais proeminentes da politica europea, depois nas mãos do rei Eduardo VII a sua pasta de ministro, entregou a successão do seu partido e retirou-se da vida politica activa. Este facto justifica e torna opportuna a resumida descripção, que em seguida se publica, da sua sumptuosa residencia senhorial.*

O SOLAR de Hatfield data do XII seculo em que era sede episcopal, cuja construcção se attribue ao bispo de Lincoln. Levantado sobre uma ondulação do terreno, sufficientemente isolado de povoação, mas rodeado d'uma magnifica decoraçáo rustica, abrigou durante largo tempo numerosos dignitarios e membros de congregaçoes religiosas, até que por inesperada transacção, representando, ao que se diz, o preço d'um bispado, o Bispo Goodrich fez cedencia d'elle ao rei Henrique VIII, o qual o incorporou nos bens da corôa.

O segundo capitulo da historia do solar de Hatfield é todo prehenchido pelas recordaçoes da que foi depois rainha Elisabeth. Foi ali que ella viveu na sua mocidade, onde escreveu as suas cartas mais caracteristicas, os seus versos e livros. Alli recebeu a nova da sua ascenção ao throno, realisou a sua primeira recepção real, e nomeou secretario de estado o celebre lord Burleigh.

A sua ultima visita ao palacio de Hatfield, a que ligava todas as bellas lembranças da sua juventude, foi pelos annos de 1576. Ainda hoje se conservam nas suas galerias os melhores retratos d'esta rainha, constituindo nma preciosa collecção de pinturas dos antigos mestres.

A terceira e ultima época do solar de Hatfield começa quando entrou na posse dos Cecils por uma curiosa transacção. O rei Jayme I encantou-se pela residencia senhorial da familia Cecil, em Hertfordshire, chamado o solar de Theobaldo, e propôz a Robert Cecil, seu proprietario de então, e futuro conde de Salisbury, a troca dos dois solares, e assim Hatfield passou novamente dos bens da corôa para habitaçáo particular.

O seu novo proprietario reconstruiu quasi todo o palacio, impremindo-lhe com o estylo architectonico, chamado de Elisabeth, uma sumptuosidade, vasteza e ornamentaçáo, verdadeiramente notaveis.

Esta reconstrucção suppõe-se ter terminado em 1612, embora se não tivesse realizado todo o plano adoptado pelo conde de Salisbury, ficando apesar de toda a sua imponencia, mescla da renascença italiana e do estylo inglez, muito áquem da grandeza projectada. Na decoraçãõ interior prodigalizou elle tambem os mais custosos trabalhos de talha em madeira, forrando as paredes de magnificos lambris, sobrepujados por tapeçarias originaes; como tambem dedicou o maior cuidado á plantaçãõ dos seus jardins e terraços, e ao desenvolvimento do vasto parque de caça que cerca o solar n'uma extensãõ de mais de dez milhas.

O conde de Salisbury não gosou, porém, muito tempo d'esta residencia, á qual tinha dedicado tão assiduos cuidados. Tem o seu tumulo de marmore na capella de Hatfield, monumento condigno d'um dos mais notaveis homens de estado de Inglaterra, como agora o foi tambem o seu descendente.

Rodêam o jazigo quatro figuras de mulher, symbolisando as quatro virtudes cardeaes—Prudencia, Justiça, Temperança e Fortaleza — e a esculptura do proprio conde recobre o plano superior do tumulo.

Em contraste com a magnificencia d'esta artistica memoria do primeiro conde de Salisbury, repousam agora, cá fóra, no parque, debaixo da relva verde, em sepultura rasa, os restos mortaes da mulher e do filho do actual marquez.

Em 1835 houve um incendio que destruiu parte do palacio, e d'este desastroso acontecimento foi victima a avó de lord Salisbury que morreu queimada. Era uma formosa e elegante senhora que o pincel de Reynolds immortalisou n'um dos seus mais celebres retratos.

A actual residencia de lord Salisbury conserva ainda toda a sua antiga magnificencia. Foi alli que elle nasceu em 1830, filho mais novo do segundo marquez de Salisbury, o que lhe não proporcionava a menor esperança de herdar os titulos e de vir a ser chefe de familia. Seu pae casara duas vezes e tivera nove filhos; porem em 1868 lord Salisbury, cujo nome todo é o de Roberto Arthur Talbot Gascoyne Cecil, bem inesperadamente entrou no titulo e na posse dos bens dos seus antepassados.

E' para o solar de Hatfield que o demissionario primeiro ministro, retirando-se da politica activa, em que tão singularmente predominou, vae repousar entregando-se aos seus trabalhos favoritos no seu *den*, laboratorio chimico. Lord Salisbury é tambem eminente electricista, como habil photographo amator e na illuminaçãõ do seu vasto palacio ha numerosos attestados da sua sciencia e conhecimentos technicos n'esta parte da physica. Na sua installaçãõ muitas applicações e aperfeçoamentos; hoje vulgares tiveram antecipada realizaçãõ.

Na vasta livraria, entre as magnificas colleccões de tropheus e de armaria antiga que guarnecem o vasto claustro do rez do chão, entre as sumptuosas colleccões de quadros celebres e de ricas tapeçarias, que ornamentam as galerias superiores, vae sem duvida continuar a trabalhar por distracção lord Salisbury, o antigo jornalista profundamente satyrico e violento da *Saturday Review*, o concentrado homem de estado, que durante longos annos teve suspensa a paz da Europa dos bicos da sua penna humoristica e innovadora, redigindo as notas da complexa diplomacia ingleza dos ultimos tempos, limitando ora os principios que devem manter em equilibrio as influencias



O MARQUEZ DE SALISBURY

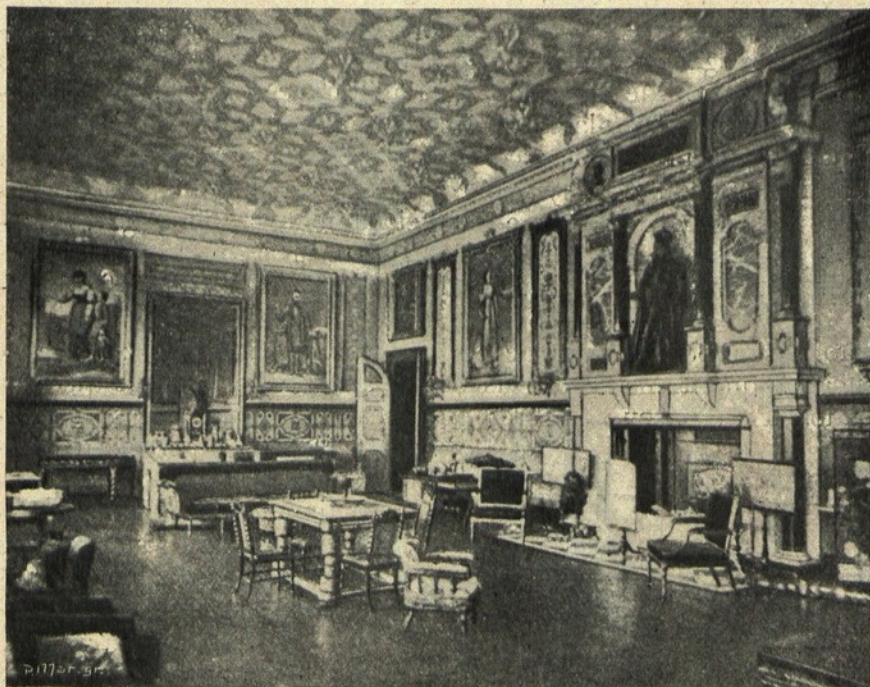
internacionaes, nas suas respectivas espheras d'açãõ, ora designando n'uma transformaçãõ opportuna da sua habil politica de expansãõ os indices que definem as mais modernas espheras de interesse de cada nação na partilha dos continentes.

Foi tambem n'este solar sumptuoso, antiga residencia real, repleta de recordações historicas, que o homem de estado affeiçoou o seu character violento, trabalhador, ás exigencias exhaustivas do cargo de chefe de partido e de governo d'uma nação tão vasta e tão poderosa como é a Inglaterra, e amoldou o seu vasto saber e conhecimento dos homens e das cousas ao difficil mistér de lhes aproveitar as qualidades ou de lhes utilizar os ensinamentos e até os defeitos.

Da sua origem aristocratica, apurada na tradiçãõ e na herança de homens notaveis na politica e nas funcções publicas; da sua educaçãõ; do meio em que se desenvolveu; das suas luctas pela vida no tempo em que filho mais novo d'uma numerosa familia, ca-

sando contra a vontade do pae, que julgava quebra de nobreza a alliança da sua casa com a d'um simples juiz honrado e intelli-

duas vezes se hospedou em Hatfield; o quarto de lord Beaconsfield, o predecessor do marquez de Salisbury na chefia do partido

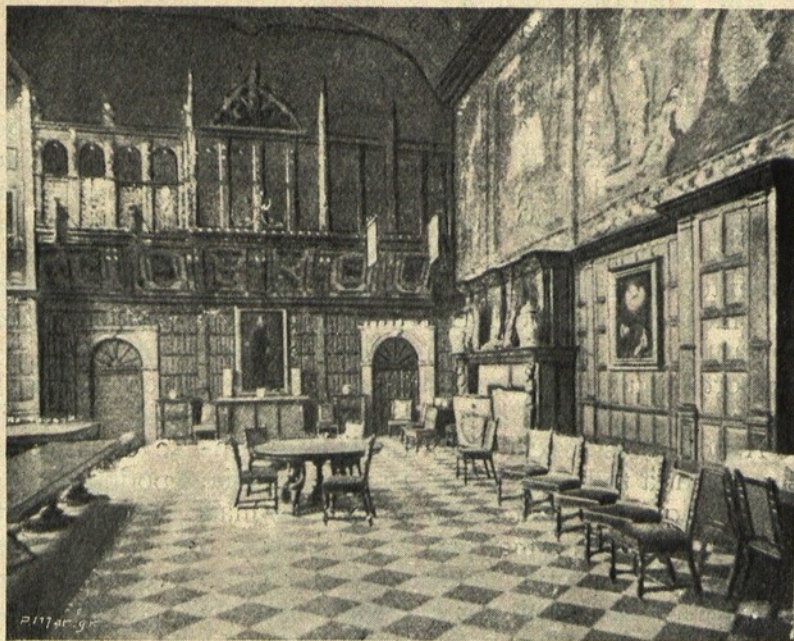


SALA DE RECEPÇÃO

gente, tinha de acrescentar com trabalho o seu modesto rendimento; ou da sua robusta organização, e da visão constante das magnificencias da sua residencia senhorial poderá, quem seguir o systema ou methodo critico de Taine, deduzir as mais elucidativas consequencias e as mais suggestivas apreciações da obra politica de lord Salisbury.

Além do aspecto geral do palacio, n'uma das suas faces, damos nas illustrações apenas a gravura d'um dos salões e d'uma das casas de jantar, a chamada de inverno. Abundam no solar os aposentos historicos: o quarto do rei Jayme I, mobilado ainda á antiga; o quarto de Wellington, onde existe um magnifico retrato do famoso duque-general e onde se vê dispostas em glorioso trophéu algumas bandeiras tomadas em Waterloo; o quarto de Cromwell, nome tradicional d'um dos aposentos, embora não haja noticia de haver ali dormido alguma noite; os quartos da rainha Victoria, que

trioticamente mandou apagar no quadro a cara do duque. Mais tarde, um dos proprietarios do solar mandou pintar na tela a sua effigie aproveitando o restante. Passou-se



SALA DE JANTAR

tempos, houve necessidade de restaurar o quadro, em virtude d'esta reapareceu o antigo retrato do duque.

conservador, e muitos outros ainda. A livraria é riquissima em manuscritos, contendo a mais notavel collecção de correspondencias politicas, diplomaticas, e familiares sobre notaveis periodos da historia ingleza e sobre relações internacionaes. Com o curiosidade, pode vê-se na livraria a celebre geneologia da rainha Elisabeth, que a lisonja cortesã levou de ramo em ramo até o tronco primitivo de Adão e Eva. Ha na livraria uma pintura-retrato do duque de Monmouth, que tem uma historia curiosa. O duque foi accusado de menos lealdade para com a corôa, e o senhor de Hatfield pa-

# GIPSY

VALSA PARA PIANO POR C. L.

*Mod.<sup>to</sup>*

*Introdução*

*p.*

The introduction is written in 2/4 time. The right hand plays a melody of eighth notes, while the left hand provides a simple accompaniment of quarter notes. The key signature has two sharps (F# and C#).

*Valsa*

*cresc.*

*f*

*p*

*Ped.*

The first system of the waltz begins with a dynamic of *f* and a *Ped.* marking. It features a melodic line in the right hand and a bass line in the left hand. A double bar line with a repeat sign is present. The key signature changes to one sharp (F#).

*cresc.*

The second system continues the waltz with a *cresc.* marking. The right hand has a melodic line with some grace notes, and the left hand has a steady accompaniment. The key signature remains one sharp.

*f*

*p*

The third system shows a dynamic shift from *f* to *p*. The melodic line in the right hand continues, with some chromatic movement. The left hand accompaniment remains consistent.

*cresc.*

*mf*

*Ped.* \* *Ped.* \* *Ped.* \*

The fourth system concludes the waltz with a *cresc.* leading to a *mf* dynamic. It features a melodic line in the right hand and a bass line in the left hand. The key signature changes to one flat (Bb). The system ends with a *Ped.* marking and three asterisks.

First system of a piano score. The right hand has a melodic line starting with a quarter rest, followed by eighth notes, and then a half note. The left hand has a bass line with chords and eighth notes. Dynamics include *p* and *dolce*. Pedal markings are: Ped. \* Ped. \* Ped. \* Ped. \*

Second system of a piano score. The right hand continues the melodic line with a long note. The left hand has a steady bass line. Dynamics include *cresc. poco a poco*. Pedal markings are: Ped. \* Ped. \* Ped. \* Ped. \* Ped. \* Ped.

Third system of a piano score. The right hand has a melodic line with a crescendo hairpin. The left hand has a bass line with chords. Dynamics include *f* and *dolce*. Pedal markings are: \* Ped. \* Ped. \* Ped. \* Ped. \*

Fourth system of a piano score. The right hand has a melodic line with a decrescendo hairpin. The left hand has a bass line with chords. Dynamics include *mf*. Pedal markings are: Ped. \* Ped. \* Ped. \* Ped. \* Ped. \* Ped. \* Ped. \* Ped. \*

Fifth system of a piano score. The right hand has a melodic line with a decrescendo hairpin. The left hand has a bass line with chords. Dynamics include *ff* and *mf*. Pedal markings are: \* Ped. \* Ped. \* Ped. \* Ped. \*

Sixth system of a piano score. The right hand has a melodic line with a decrescendo hairpin. The left hand has a bass line with chords. Dynamics include *ff*. Pedal markings are: Ped. \* There are first and second endings marked 1. and 2. at the end of the system.

First system of musical notation. The piano staff begins with a *p* dynamic marking. The bass staff contains several chords. Pedal markings include *Ped.*, *mf*, and *p*.

Second system of musical notation. The piano staff features a *ff* dynamic marking. The bass staff includes chords and a double bar line with first and second endings. Pedal markings include *Ped.*, *\* Ped.*, and *\**.

Third system of musical notation. The piano staff has a *mf* dynamic marking. The bass staff contains chords. Pedal markings include *Ped.*, *\* Ped.*, *\* Ped.*, and *\* Ped.\**.

Fourth system of musical notation. The piano staff includes *pp* and *dolce* markings. The bass staff contains chords. Pedal markings include *Ped.*, *\* Ped.*, *\* Ped.*, *\**, and *Ped.\**.

Fifth system of musical notation. The piano staff has a *mf.* dynamic marking. The bass staff contains chords. Pedal markings include *Ped.\**, *Ped.\* Ped.\* Ped.\**, and *Ped.\**.

Sixth system of musical notation. The piano staff includes *cresc.*, *poco a poco*, *f*, *pp*, and *p cresc.* markings. The bass staff contains chords. Pedal markings include *Ped.\** and *\**.

*poco a poco* *f* *ff* *Coda*

*cresc.* *ff*

Ped. \* Ped. \* Ped. \* Ped. \* Ped. \*

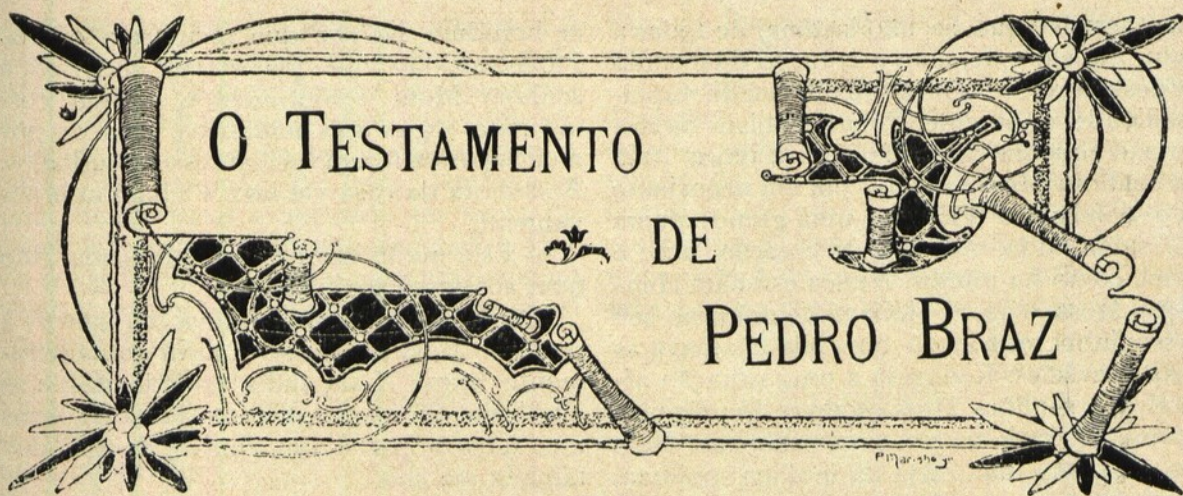
*ppp* *cresc.* *mf*

Ped. \* *una corda* Ped. > \* Ped. \* Ped. \* Ped. *tre corde*

*pp* *ff*

\* *una corda* Ped. *tre corde* Ped. \* Ped. \* Ped. \*





# O TESTAMENTO DE PEDRO BRAZ

## CAPITULO SEGUNDO

*Do que succedeu á senhora Moss, e seu marido, após a morte de Pedro Braz; e em que se relatam as aventuras d'alguns antigos moveis do espolio do velho fazendeiro.*

A SENHORA Moss fôra esmeradamente educada e vivera com seus paes n'uma farta mediania: Aprendera todas aquellas pequenas prendas, todos aquelles delicados labores que compõem em geral a instrução da mulher. O destino foi-lhe, porém, singularmente adverso. Pouco depois da morte de seus paes a quem amára ternamente, casou com Henrique Moss, logista, com armazem de novidades, situado n'um bello local, fazendo excellente negocio. Era um activo e intelligente trabalhador e ganhava muito regularmente com a sua numerosa clientela.

Alguns mezes depois do seu casamento succedeu que uma poderosa empresa de grandes armazens, abrindo succursaes em differentes pontos da cidade, em lucta cruel de concorrência esmagadora veio abrir nova loja defronte da de Moss. Puzeram-n'a a cargo d'um gerente ao qual deram carta branca de despezas pelo espaço de seis mezes.

— O senhor tem só uma cousa a fazer, — disse-lhe o chefe da firma. — Consiga inscrever nos seus livros o nome do publico; sirva-o depressa para que não vá a outra parte. Tire d'elle o menor producto possivel, e Moss terá em breve de fechar a porta.

Durante semanas consecutivas a imaginação reclamista do gerente esgotou-se em inventar meios de attrahir freguezes. Por ultimo, aos sabbados á noite, uma banda vinha tocar defronte das portas da loja, e a multidão que se agglomerava para ouvir, entrava ainda que não fosse senão para vêr os artigos expostos á venda. Por fim acabava por comprar.

O sr. Moss em breve viu desaparecer da

sua loja os habituaes freguezes. Na lucta desigual, ferozmente egoista, fôra vencido. Estava arruinado. Na noite de sabbado antecedente á abertura do novo armazem, elle, sua mulher e empregados tinham tido muito que fazer. Quando fecharam a porta, deram balança á sua caixa, contaram pouco mais ou menos setenta libras. No sabbado seguinte, elle e os seus caixeiros estiveram de braços cruzados junto do balcão deserto, emquanto que a multidão enchia e animava a nova succursal dos grandes armazens.

A desventura attrahe a desventura; e cousa peor do que a perda da freguezia succedeu ao pobre rapaz. Perdendo animo, procurou readquiril-o no estímulo da bebida. Foram baldados os conselhos de amigos; tudo completamente inutil. Em breve se afundou no mar da vida. Teve de fechar a loja e liquidar desastrosamente. Elle e sua mulher procuraram, em Sydney, auxilio entre as antigas firmas com quem negociavam; mas o vicio de beber apoderara-se d'elle cruelmente, violento e dominador. Perdeu empregos após empregos. Na occasião em que os encontramos no decurso d'esta narrativa, elle e a mulher sentiam ter chegado ao ultimo extremo. Por mais de dois annos tinham vindo descendo a escada estreita que leva á peor miseria.

A senhora Moss, corajosamente, tentou toda a sorte de expedientes para conservar a loba faminta fóra da porta. Fazia costura, e outros trabalhos de phantasia, indo vendel-os de porta em porta. Quantos se illudem nas metropoles julgando que as colonias são terras livres de toda a qualidade de pobreza, e apenas plenas de riqueza e de oiro! Tanto aqui, como no Brazil, como em Inglaterra, como na Australia! Se conhecessem bem Sydney, não a vida superficial da cidade, mas os caminhos escuros da existencia humana, encontrariam a pobreza no seu mais cruel aspecto, não só a pobreza que se apresenta á vista,

mas aquella que se não lastima, de todas a peor, aquella que, com o coração dilacerado de desespero, se occulta sob um veu de respeitabilidade apparente. Poucos sabiam da miseria d'aquelles dois infelizes. A unica irmã da senhora Moss, casada com um negociante rico e feliz de Victoria, uma grande dama ali, sabia tudo, mas era de coração duro e cruel, como ha muitos. Nunca estimára Henrique Moss, e agora gloriava-se quasi no seu mesquinho rancor do que ella chamava as suas previsões. Reduzida a uma situação afflictiva, a senhora Moss escreveu-lhe contando-lhe as suas tristes circumstancias. Veio em resposta uma carta da mulher opulenta, dizendo que para ella a sua casa estava sempre aberta, e á sua meza tinha ella o seu lugar, mas só ella. Mais uma vez pegando no seu cestinho de artigos de agulha, a senhora Moss dirigiu-se para um suburbio distante, mas muito populoso, esperando poder vender uma ou outra renda, caprichosamente trabalhada em volutas, como a tortura do espirito amargurado.

Estava um dia quente, e ella apenas tinha dinheiro sufficiente para uma parte da viagem. Andou, portanto, a pé o necessario, talvez umas quatro milhas, para chegar á estação do caminho de ferro d'onde podia completar o transporte e tomou o comboio, esperando com o producto das vendas poder pagar a passagem de volta, e reservar ainda alguma cousa para as mais instantes despesas. Percorreu metade do afamado arredor onde chegara com tanto esforço; porém foi infeliz. Fechavam-se-lhe as portas na cara; e n'aquelle dia o publico, o proximo anonymo, parecia excepcionalmente grosseiro. Com o coração angustiado, ia soffrendo o progressivo desengano. Todo o mundo parecia desapiedado n'aquelle dia.

Longas horas passadas, entrou no terreiro ou pateo particular em volta do qual se alinhavam gentis, dentro de jardins, as casas de aluguel para a estação calmosa. Não tinha vendido ainda um unico artigo, e pedia vehementemente em sua devoção intima que ao menos ali tivesse felicidade. Olhou em volta como para procurar qual seria a casa a que primeiro fosse bater. Nem comprehendia a razão por que as mirava em escolha preferente, se ellas eram apparentemente tão semelhantes.

Empurrando a grade aberta da terceira casa entrou no jardim todo florido e bateu á porta. Apareceu-lhe logo a propria dona da casa. Offereceu-lhe o seu pequeno fornecimento de rendas, porém recebeu a resposta que toda a manhã ouvira.— Não, obrigada, nada preciso hoje.— Comtudo havia uma do-

ce brandura na voz que recusara a offerta. Parecendo-lhe que iria morrer nas ruas, a senhora Moss complimentou, voltou costas para seguir nas tentativas, mas os primeiros passos foram vacillantes e perturbados. A senhora da casa viu isso, e chamou-a novamente.

— Está muito calor e parece fatigada. Não quer sentar-se por instantes?

Na varanda do atrio estava um banco; a senhora Moss sentou-se. Estava verdadeiramente fraca. Nada tinha comido desde as oito horas da manhã, e então tomára apenas uma fatia de pão e uma chicara de agua disfarçada em chá.

— Sente-se mal? — perguntou a boa creatura, amavel e attenciosa, — ia justamente tomar o meu chá da tarde, portanto, se quiser, não me incommoda, terei muito prazer em lh'o offercer.

Foi isto dito com um modo tão bondoso que na physionomia empallidecida da senhora Moss transpareceu visível assentimento.

A boa samaritana apressou-se em dizer-lhe:

— Deixe-se estar sentada aqui, enquanto eu vou fazer o chá. Aqui ha sombra, e frescura — e desapareceu serenamente.

A senhora Moss não era de natureza sentimental, porém a bondade commoveu-a, e desatou a chorar. As lagrimas fizeram-lhe bem, e quando a santa creatura voltou sentia-se muito melhor.

— Queira entrar, venha para a minha casa de jantar.

Sobre a meza estava uma bella e abundante refeição, sem duvida mais do que o habitual para o chá da tarde.

A senhora entreteve-a conversando e offerecendo-lhe desaffectedamente os pratos.

Reconfortada a senhora Moss pegou no cesto e preparou-se para se retirar. Sentia-se out.a, e a perspectiva de ter de voltar a pé para casa não lhe parecia já tão medonha; tal é a influencia poderosa do corpo sobre o espirito.

— Se por acaso vier outra vez aqui, procure-me, e venha vêr-me. Faz-me favor, aceita-me isto? Embrulhei algumas *sandwiches* para si. Não provou d'ellas agora, e eu sou um tanto vaidosa com as minhas *sandwiches* de presunto e lingua de vacca. Dir-me-ha como as achou quando voltar. Juntei-lhe estas rosas; as flores alegam sempre. E' tão suave o perfume. Desejo-lhe mil felicidades, — e apresentou-lhe o sacco de papel com as *sandwiches* e as flôres.

A senhora Moss agradeceu-lhe serenamente, mas com a mais funda gratidão. Percebeu-lhe que a fortuna começou de a pro-

teger, porque vendeu diversos artigos dos que levava, e renasceu-lhe n'alma a luz da esperança. — Os bons desejos da santa creatura acompanham-me — dizia ella comsigo.

Pelas seis horas da tarde seguiu para a estação do caminho de ferro; lembrou-se então de examinar o conteudo do sacco de papel. Não continha apenas *sandwiches*. Havia bolos diferentes e entre estes um pequeno objecto embrulhado n'um pedaço de papel branco. Tirou-o para fóra. Con-tinha duas meias corôas, e sobre o embrulho estas palavras escriptas: — Para a que lhe traga felicidade. — Arrasaram-se-lhe os olhos de lagrimas, e estimou que na estação estivessem poucas pessoas, as quaes nem mesmo notaram a sua commoção.

• • •

Viveu alegremente alguns dias com a lembrança d'esta viva *sympathia*. Em verdade, mal podem calcular-se as consequências que attingem no espirito e na vida dos outros as nossas mais simples acções de bondade ou de

maldade. Vieram, porém, tristes e crueis dias ainda; e ella escreveu uma vez mais á irmã pedindo-lhe que se servisse da sua influencia para lhe obter uma occupação. A irmã respondeu-lhe que, se ella estava resolvida a abandonar de vez o marido, promptamente a auxiliaria.

— Nunca! — exclamou n'uma espontanea expansão de dignidade, quando acabou de ler a cruel carta. — Casei para partilhar com elle da boa ou da má sorte, elle foi sempre para mim bom marido. Não o hei-de abandonar nos seus dias de desgraça.

Foi por este tempo que encontrou Pedro

Braz no Parque Publico, n'aquella nunca esquecida tarde.

— Terão felizmente fim todos os nossos desgostos, — disse comsigo, quando mezes depois o velho Pedro Braz lhe declarou a intenção de deixar a sua fortuna a João Millington e a ella para ser dividida entre ambos. — Henrique terá oportunidade de fazer nova vida, e de se regenerar, o infeliz. Tere-mos a nosso cargo uma das pastagens, e mi-nha irmã con-

vençer-se-ha de que n'elle nem tudo é para desprezar.

Terminado o funeral do velho fazendeiro, João Millington trouxe para fóra a caixa de cartas que estivera sempre n'uma secretaria ao lado da cama, com a plena convicção de que encontraria ali dentro o testamento.

— Não o posso descobrir — dizia elle, emquanto despejava a caixa sobre a meza. Reuniram-se em redor os amigos e procuraram tambem, mas nenhum testamento se encontrou.

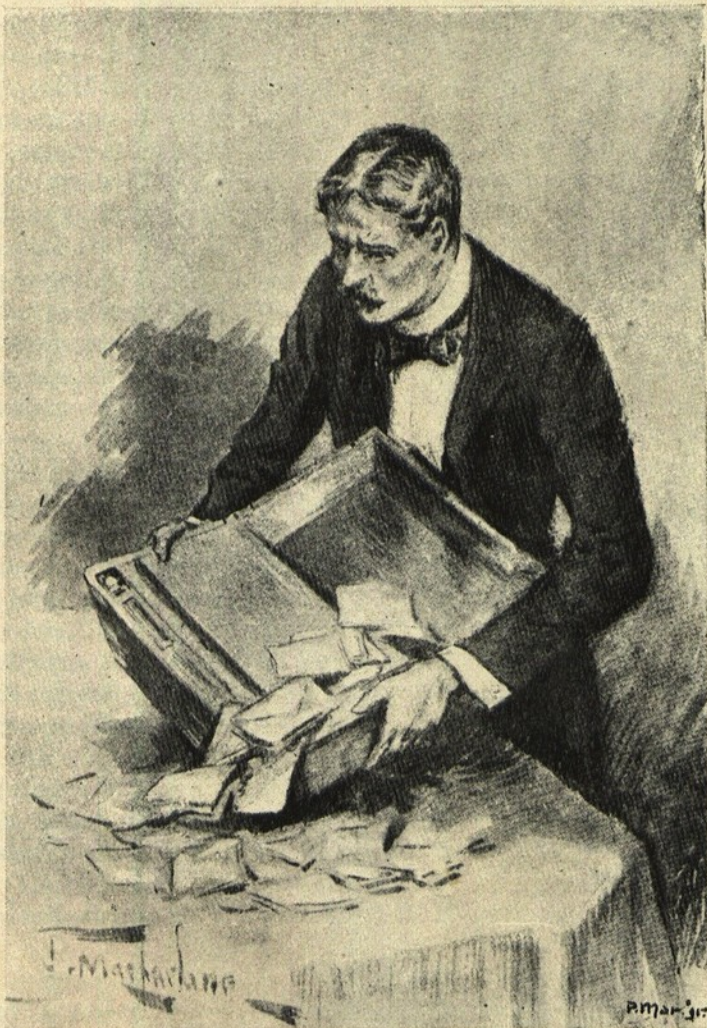
— Que elle o fez — continuou — é certo por-

que conheço duas testemunhas que o assignaram.

— Sabe quem o redigiu? perguntou um dos vizinhos d'uma pastagem proxima, que viera ao enterro.

— Elle proprio, sem duvida, porque perguntou-me como o havia de fazer e dei-lhe todas as indicações.

Procuraram-n'o em toda a casa, de cima abaixo, mas em nenhuma parte foi encontrado. Fizeram annuncios nos jornacs pedindo informações e solicitando a entrega d'elle, se alguem o tinha em deposito; porém nenhuma resposta appareceu. Os dois nego-



cientes da cidade que haviam servido de testemunhas vieram dizer que tinha sido escripto em papel muito ordinario; — tão aspero, que a minha penna pegou-se e resaltou quando assignava o nome — promenorizou um d'elles. Escripto em papel aspero ou macio, nada fazia ao caso; que havia testamento parecia um facto e tanto bastava. Devia es- perar-se simplesmente.

O pobre João Millington todavia soffreu um triste desengano. Ainda que novo na sua profissão e cheio de energia e habilidade, bem sabia quanto era duro, apesar do merito verdadeiro, conseguir ter exito sem dinheiro, mesmo em Sydney. Com habilidade e talento pode ganhar-se fortuna ao cabo de muito tempo; porém, em quanto não chega esse tempo, está-se tristemente embaraçado e estorvado por falta de meios. Via muitos com metade da habilidade que elle possuia, e cujos cofres estavam bem providos, obtendo posições para as quaes eram completamente incompetentes, ao passo que elle, com os conhecimentos e talentos exigidos, tinha de ficar para o lado a trabalhar, e trabalhar rudemente. Pobre rapaz, esperava realizar breve os seus sonhos dourados, e via-os bem depressa desfeitos! Julgou prudente affastar-se para occultar a sua profunda desillusão.

A senhora Moss ficou como que petrificada, vendo destruida toda a sua expectativa de ventura. Voltariam de novo os dias de cruel e torturada pobreza e o seu coração confrangia-se em dolorosa angustia.

Todavia a sua brilhante energia d'alma, que a fé viva fortalecia em doces visões de esperança, reapareceu. — Não importa. Não perca o animo — dizia ella, pousando a mão sobre o braço do moço advogado. Tudo ha de acabar bem, verá.

No quarto de cama do velho Braz havia um antigo movel, meio armario para livros, meio secretaria de construcção artistica, que poderia ser bem estimada por entendedores de antiguidades. Examinaram-n'o detidamente. Não lhe encontraram nada de valor; cõmtudo a senhora Moss não quiz separar-se d'elle. — Hei-de compral-o no leilão — dizia ella — assim como aquella poltrona velha. Como sabe, era de sua especial predilecção; e tambem desejava ficar com o retrato a oleo.

— Não te devem servir para muito — replicou o marido, que viera a Malugalala para assistir ao funeral — Só se fôr para te recordar como o velho vos illudiu, aos dois.

— Não, Henrique, não nos illudiu; ainda has de vêr.

Com effeito no leilão da mobilia, ella comprou os objectos que tencionára adquirir, e por instante pedido de João Millington guar-

dou uma bacia de majolica antiga e uma colher de prata muito amolgada. Porque motivo o velho Pedro Braz estimava estes objectos, nunca ninguem o soube.

As propriedades passaram á administração judicial, para serem entregues a quem de direito pertencessem, antes do periodo de devolução para o estado.



Durante mezes, as economias realizadas em vida de Pedro Braz, foram consumidas na esperança de resolução favoravel, porém não podiam durar muito e um dia chegou em que a senhora Moss e seu marido se encontraram outra vez na antiga situação. Viviam então em Stanmore, e grandes foram as privações que tiveram de soffrer. O inverno foi rigoroso, e muitas noites foram passadas ao lado do fogão da sala de espera da estação do caminho de ferro, porque não tinham meios de poder ter agasalho na propria casa. Voltou á sua peregrinação dolorosa de percorrer as ruas da cidade e dos suburbios até ficar exausta pelo cansaço na venda dos pequenos lavores.

Um dia encontrou João Millington no jardim botanico, — um bello jardim, onde a natureza foi habilmente auxiliada pela arte. Nenhuns jardins na Australia são tão bem cuidados, nem mais bem delineados. Corre fama de que esta collecção de plantas de ar livre e de arbustos excede em variedade as mais ricas plantações dos da Europa. Na extensão de quarenta acres, a belleza do seu copado arvoredo e dos seus talhões de plantas numeradas e etiquetadas, matiza-se com a de fontes, lagos e estatuas classicas que a vista descobre a cada instante entre os massiços de verdura. O panorama que se desfructa é de inexcedivel encanto e formosura.

— Então nada sabe a respeito do testamento? — perguntou a senhora Moss, enquanto se sentava n'um banco do jardim á sombra espessa d'uma arvore cujas raizes grossas e recurvas, á flor da terra, se iam banhar nas aguas limpidas d'um lago. O moço advogado tinha entre mãos uma causa celebre e difficil, e cujo fim esperava levar a exito favoravel coroando-o de fama. Isto occupava-lhe os pensamentos dia e noite, descontando já em satisfação o que o vencimento da demanda lhe daria em provento.

— Estou ás vezes inclinado a pensar que o tio Pedro Braz fez com effeito um testamento; mas por qualquer motivo destruiu-o depois — disse elle quasi para si.

— O senhor Pedro Braz era um bom homem, e elle havia de ter cumprido a

sua palavra, — replicou a senhora calorosamente.

— Assim o espero, mas elle era muito excentrico, e ninguem sabe nunca o que esta gente excentrica quer fazer d'um momento para o outro.

Alguns dias depois d'esta conversa, Henrique Moss voltou para casa com apparencia muito abatida e em extremo afflicta.

— Não houve outro remedio, minha querida — disse-lhe tristemente — Bem podiamos morrer, a felicidade está inteiramente contra nós. Ha tempo, dei para garantia d'um emprestimo, os moveis da nossa casa. Devia tel-o dito, mas esperava que no intervallo algum feliz acaso nos succedesse de fórma que os podessemos resgatar, mas agora já é muito tarde. Veem hoje tomar posse d'elles.

Sem dizer palavra sua mulher, toda tremula, entrou no quarto, pôz o chapeo na cabeça e sahiu de casa. O marido olhava para ella silenciosamente. Nem tentou detel-a na resolução. Helena Moss caminhou direita, sem uma unica vez olhar para trás. Seguiu sem direcção, á aventura, nada vendo, nem sabendo mesmo para onde ia. Um só pensamento se apoderára de todo o seu ser — o desejo de fugir.

— Não tenho casa, não tenho casa, repetia mentalmente — e o seu cerebro n'uma insistencia morbida parecia esfacellar-se. Caminhava sempre sem saber para onde. Parecia-lhe que devia andar até onde encontrasse a morte. Finalmente parou.

Inconscientemente fôra levada a casa d'uma amiga que por ella tivera sempre viva e benevolasympathia. Automatico proceder que a desventura determinara. Contou-lhe o succedido.

— Onde ias? perguntou-lhe para a chamar á realidade.

— Não sei. Talvez para a morte.

— Não sabes? o que queres dizer com isso?

— Quero dizer que não tenho casa, minha querida, já t'o disse. Bem vês vae cahindo o dia, e o sol estava bem alto ainda quando a deixei — disse, olhando em redor, n'um magoado volver d'olhos tristes.



Muito singela e bondosamente a sua amiga procurou consolal-a, incutir-lhe esperança, reanimar-lhe o espirito abatido. Concordeu primeiro com o desespero da desventurada senhora Moss, estimulou-lhe a dôr, aggravando a situação com propositado intento, até a levar pela exaltação e pela aceitação do seu desvairado proceder á crise suprema das lagrimas. Depois foi-lhe pouco a pouco mostrando a insania da deliberação que to-

mára, foi contrariando o primeiro acordo, como quem se convence a si proprio d'um erro pela reflexão insistente, e se admira da sua semrazão evidenciada.

— Oh! minha querida — exclamou com angustia a senhora Moss, — sinto que Deus me abandonou completamente.

— Não. Enganas-te. E' noite, bem vê. A noite é boa conselheira, diz o rifão. A' manhã, ver-se-ha o que se pode fazer.

No dia seguinte a mobilia foi vendida, e os velhos objectos e moveis que haviam pertencido a Pedro Braz, foram parar ás mãos de estranhos.

— Quem compraria a tigela e a colher amolgada — perguntou dias depois a senhora Moss, quando podia já serenamente referir-se ao succedido, n'aquella resignada pacificação de espirito que succede sempre ao facto consumado. — Esses objectos não tinham belleza alguma, em verdade, e todavia eu gostava d'elles. Sabes minha bôa amiga, todas as vezes que por acaso a colher chocava e resoava no concavo da tigela parecia-me ouvir um som de voz inarticulada vindo de dentro.

— Tu sempre foste supersticiosa. Esquece essa illusão. Bem sabes que a nossa imaginação perverte a simpleza das sensações. Mais um erro dos teus ouvidos — replicou sorrindo a amiga da senhora Moss.

Afinal decidiu-se a procurar ainda uma vez o advogado, e pedir-lhe auxilio para conseguir algum trabalho ou occupação.

— Apesar de odiar a vida do matto, no interior, disse ella, vou pedir ao sr. Millington se nos arranja lugar nas pastagens. Meu marido como guarda-livros e eu como governante, talvez. Se podessemos conseguir ir para Malugalala que bom seria. Gósto d'aquelle sitio, e tendo de viver no matto era para ali que eu desejaria ir.

A esperança renascia; a lucta pela vida começava! Com effeito procurou João Millington.

— Sabe — disse elle, apertando-lhe a mão, estava pensando em como havia de a encontrar. Apareceu um pretendente á herança de Pedro Braz.

— Sim? Quem?

— Um rapaz que se intitula sobrinho neto do nosso velho amigo. Diz elle que sua avó era irmã de Pedro Braz. Chamava-se fulana de tal Candler, e se fôra parecida com o neto, deveria ter sido grande falladora, verdadeiramente opposta ao nosso amigo — e sorriu-se. — Este Candler parece-me ser um grande desavergonhado. Dirigiu-se-me, pedindo que tomasse conta da demanda. Quando recusei, dizendo-lhe que tinha interesse na causa,

mostrou-se muito admirado, porém eu tive a suspeita, talvez maliciosa, de que a surpresa era mais um meio de querer levar a conversação a extremos delicados e inconfessaveis, e que vinha ter comigo com algum fim reservado. Não me perguntou que qualidade de interesse era o meu, o que o tornou um tanto suspeito. Elle lembrou que poderíamos guardar os cavallos na mesma cavallariça, usando d'uma pitoresca expressão de creador de gado do interior do matto.

— Não haverá probabilidades do meu marido obter um lugar de guarda-livros ou de administrador de qualquer das propriedades da herança?

— Não, creio que não... por ora, quero dizer — corrigindo-se, tendo notado na tristeza e contrariedade que lhe transparecera na physionomia. — Todos os lugares estão occupados; a justiça proveu-os logo, mas hei de procurar conseguir algum se vier a vagar.

— Obrigada; mas o que havemos de fazer entretanto? perguntou descorçoada.

— Procura tambem lugar para si? E ao gesto affirmativo da senhora Moss, continuou: — Pois bem, um amigo meu, solteiro, precisa de uma pessoa para lhe governar a casa. E' um litterato. Teria duvida em aceitar?

— Nenhuma — replicou ella anciosamente.

— Elle é pobre, como geralmente são os litteratos, portanto não lhe poderá dar grande remuneração.

— Não importa, de toda a forma aceito. Ainda não lhe contei que todas as cousas que comprei no leilão de Malugalala, incluindo mesmo a colher e a tigella foram vendidas?

— Vendeu-as?

— Sim. Foram vendidas ha poucos dias; deixe-me vê, ha quinze dias. Tudo quanto nos ficára dos bens do velho Pedro Braz foi-se agora — acentuou com tristeza.

— Eram cousas muito antigas na verdade, porém nada bonitas.

— Em todo o caso, tenho pena de as ter perdido.

A senhora Moss foi ser governante em casa de Francisco Ciapp, amigo de João Millington; mas seu marido foi com o vicio de beber descendo cada vez mais no abysmo da miseria; por fim tornou-se um *habitué* do Parque.



Em virtude da execução judicial promovida pelo credor do sr. Moss, houve leilão do mobiliario, e a velha cadeira, o retrato a oleo e a estante-secretaria de Pedro Braz passaram á posse d'um eventual concorrente ao leilão, o qual se impressionou pela similitude d'esses objectos com outros de que

tinha lembrança de ter visto na antiga herdade da terra onde passara a sua mocidade, e comprou-os por este simples motivo quasi indifferentemente, como inexplicavel capricho de momento!

A colher e a tigela forão adquiridas pela amiga da senhora Moss, a quem as offertou, ficando encantada de as tornar a possuir.

Não raro a longa duração de certos objectos permite-lhes uma existencia aventureosa, e a sua historia reproduz muitas vezes as vicissitudes da vida de seus possuidores. Têm tambem o seu destino, ora tranquillo e feliz, ora revolto e desventurado. Gosam longos annos da ventura repousada d'um bom e cuidadoso tratamento, e subito acompanhando evoluções imprevistas passam a ser arrastados, de leilão em leilão, de casa em casa, em peregrinações estranhas. Descem aos desvãos escuros dos adelos, ou sobem aos mais elegantes salões; encontram por vezes os seus antigos donos, que os abandonaram por capricho voluvel ou por necessidade inadiavel, testemunhas mudas e impassiveis dos mais extraordinarios successos. A duração dos moveis transforma-se na imaginação de muitos em existencia; a sua utilidade liga-se pelo uso de quem os possui aos proprios affectos e sentimentos. Despertam amizade. Ha-os sympathicos e attrahentes, ou repulsivos e intoleraveis como as pessoas. Possuem physionomia propria; soffrem com o tempo as mutações e os aspectos da vida humana. E pela reciproca influencia das cousas, n'uma inversão psychologica em extremo vulgarisada, moveis ha que na crença popular absorvem a alma dos que os tiveram, abrigam os espiritos que andam penando no invizivel mysterio, e determinam assim pela sua presença, embora inerte e inanimada, singulares destinos aos que os adquirirem. Ha antigualhas fatidicas que os *bric-à-braquistas* conhecem como molestas, cuja historia de desventuras occultam compradores, e de cuja influencia nefasta se arreceiam em supersticioso temor.

Mezes depois do leilão, o comprador dos velhos moveis de Pedro Braz regressou á metropole; porém não se desfez d'elles, ao contrario incluiu-os na sua bagagem, cuidadosamente empacotados, como quem aprecia cousas antigas. Assim os moveis acharam-se de novo no paiz onde haviam tido origem e d'onde tinham sahido muitos annos antes. Pouco depois, o seu novo possuidor começou de sentir inexplicavel aversão por aquellos objectos, e aproveitando o ensejo de renovar a sua casa pol-os em leilão. Os tres objectos, formando um lote, foram parar ás

mãos de novo comprador que os levou para sua pequena mas confortavel habitação.

— Sempre tive um fraco por mobílias antigas, minha querida mulher — dizia Walter Reid, examinando-os detidamente como verdadeiro amator — comprei-os por uma tuta e meia.

Completavam a familia de Walter Reid tres creanças, duas filhas e um filho. Catharina, a mais velha, tinha desesete annos; Luiza, sua irmã, quinze; e Alberto doze annos de idade. Era uma familia que se sentia feliz e contente amando-se mutua e ternamente. Walter Reid era secretario particular de uma antiga casa commercial onde estava desde rapaz. Sua mulher era d'uma compleição delicada, d'uma saude muito fragil, a quem elle amorosamente abrigava das tempestades da vida.

Catharina attrahia em verdade a attenção. Os seus cabellos cahiam em ondas de oiro fulvo em volta do pescoço, emmoldurando-lhe o gracioso oval do rosto. Os seus olhos de um azul escuro tinham lampejos de saphyra e o tom aveludado das faces recordava o timido colorido das rosas esmaecidas. De altura mediana, graciosa e distincta em todos os movimentos, era deliciosa no convivio amavel e attrahente. Paes e irmãos tinham por ella verdadeira adoração. De natureza bondosa retribuia aquelle amor com tudo quanto lhe cabia na alma de affavel e meigo.

Seria fatalidade que acompanhava a mobilia do velho Braz? Seria o seu espirito que não podia descançar, como se diz na supersticiosa linguagem popular, e não deixava descançar aquelles com quem acontecia ter contacto? Certo é que um elemento de desasocego entrou n'aquella serena e tranquilla morada, com a aquisição dos velhos moveis. Pela primeira vez, na sua vida de casado, Walter Reid achou prazer em alterar a disposição do seu *home*, voltou a sua casa de cima abaixo e alterou a decoração de todos os quartos. N'aquellas mudanças cahiu a parte superior da secretaria de Pedro Braz. Saltou para fóra um pedaço de papel, e um sobrescripto velho. Com natural curiosidade tomou d'este onde leu apenas as palavras — Tenha-se cuidado — o resto estava apagado. Investigou miudamente a fenda pela qual tinha sahido o papel; porém sómente tirou d'elle bocados, nos quaes nada podia ler-se, nem ajuntar-se. Seria imaginação? N'aquelle momento pareceu-lhe ouvir um som estranho como d'um suspiro prolongado. Olhou em redor; não estava ninguem no quarto, portanto deveria ter-se enganado.

Mezes depois a sua mimosa mulher começou de perder as forças e a definir-se

com assombrosa rapidez. Elle fez tudo quanto poude para a salvar; breve ficou viuvo. Durante semanas inteiras parecia não poder levantar-se d'aquelle abalo doloroso. Ia para o seu trabalho mechanicamente, com aspecto perturbado e profundamente abatido. Para maior infelicidade o chefe actual da firma era o sobrinho do seu antigo patrão, homem novo não tendo grandes sympathias. O homem a quem Walter Reid tinha sido desde rapaz dedicado morrera e o novo patrão não tinha grandes sentimentos de benevolencia para com o seu empregado. Esperou algumas semanas depois da morte da mulher de Reid para lhe fallar, porém afinal perdeu a paciencia e notou-lhe a sua falta de attenção ao trabalho. Talvez não lhe tivesse fallado com brandura; certo é que Walter Reid mostrou-se resentido.

— E' melhor que eu me retire — disse elle desesperado.

— Tambem me parece melhor — foi a resposta aspera, que completou com um conselho.

O melhor plano de sua vida nova seria experimentar as colonias. Seria ao mesmo tempo uma mudança de scenas e de vida.

A principio Reid recuou horrorisado pela idéa. Separar-se e para tão longe da sepul-

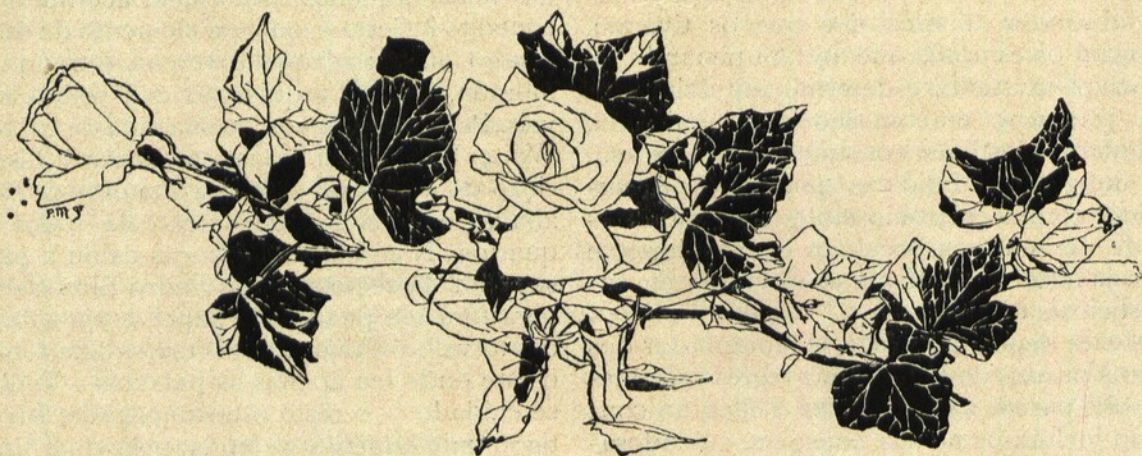
tura da mulher? Não, não podia fazer semelhante cousa. Mas, como se passasse tempo e elle não podesse socegar, decidiu-se finalmente a partir.

Com o coração despedaçado deixou aquella pequena casa, onde passára tão felizes annos. Catharina portou-se corajosamente pelo amor do pae, mas as duas outras creanças deram largas á sua dôr.

A mobilia foi toda vendida, excepto a cadeira e o quadro que pertencera ao finado Pedro Braz. Catharina pedira com tanto empenho que se levassem aquelles objectos como recordações da antiga casa que seu pae accedeu. A antiga papeleira foi comprada por um mercador de mobílias e por muito pouco. Um perito, ligado com uma das grandes casas de mobílias de Londres viu-a, e reconhecendo-lhe o verdadeiro valor comprou-a. Era uma antiguidade genuina, real, e um certo duque, colleccionador maniaco de antiguidades, deu por ella dois mil guineos, e assim ficou occupando um lugar de honra n'um dos mais luxuosos salões. Se a senhora Moss tivesse recebido aquelles dois mil guineos pelo seu velho movel, quanto lhe teria sido bom! A mobilia do velho Pedro Braz ficou d'esta forma dispersada pelas diferentes partes do mundo.

(Continua).

(Adaptado do inglez).





# MODAS

POR muito justa que seja a critica habitual da variaçãõ continuada de modas e de usos, é certo tambem que de mez para mez, na sequencia natural das estações, e correlativa mudança de vida, que o mundanismo elegante impõe, está em grande parte justificada aquella successiva variabilidade de adaptaçãõ. Assim, agosto, marcando a intensidade maxima do estio, a permanencia nas casas de campo ou a frequencia ás terras de aguas e de thermas, em geral no interior do paiz, proporciona ensejo de se usarem os vestuarios leves, em tecidos transparentes abundantes de rendas, profusamente abundantes de rendas, como durante este anno, as *toilettes* frescas, impressionistas, adequadas á paizagem florida dos jardins ou á sombreada espessura dos arvoredos copados.

Mas chega setembro, que inicia a melancolica suavidade dos longos crespusculos outunaes, finalmente repassados da humidade que se evola dos pequenos aguaceiros caracteristicos, e chega ao mesmo tempo a forçada deslocaçãõ dos grupos elegantes para as praias.

É evidente que as *toilettes* tem fatalmente de se adaptar ao novo meio ao ambiente da beira-mar; e se em latitudes temperadas, como no nosso clima, o verão se prolonga, a brisa agreste não resfria completamente as tardes, e portanto ainda se pode prolongar tambem o uso dos vestuarios vaporosos, comprehende-se igualmente que para regiões menos benignas a frescura das tardes faça contraste muito evidente com a

leveza do traje e se tenham de adoptar novas formulas de córte, como novos tecidos e confecções.

Para as dominadoras nas regiões do bom tom, sempre sensiveis á menor desharmonia mundana, são perfeitamente naturaes as exigencias de mudança que as modistas fornecedoras e desejasas de vender rapidamente satisfazem.

Tornam-se necessarios ligeiros abafos para os resfriamentos subitos, requerem-se vestidos cujo tecido suporte o bater da areia fina das dunas moveiças, se prestem ás matutinas sahidas pela hora do banho, que a maré determina, sejam bastante simples e praticos para as rapidas composições, sem espelho de grande formato, sob a incommoda tenda de lona ou dentro da pequena casota de madeira; *toilettes* emfim que facultem o subito embarque na canõa ou no *yacht* de recreio em imprevista excursãõ ou partida de pesca, como o inesperado convite de tomar logar no automovel ou no *break* de amaveis conhecidos que passam em visita á praia proxima ou em exploraçãõ d'um logarejo qualquer que a fama classificou de encantador.

Bem sabemos que no rigor do mundanismo e de elegancias dispendiosas cada um d'estes casos, que compoem a vida das terras de beira mar, com o petexto de banhos, tem a sua *toilette* propria, expressamenie delineada e composta; porém é muito restricto o circulo onde estes rigores e exigencias tem realizaçãõ, e onde as condições de riqueza ou de prodigalidade



permitted sem nota de affectação dispendiosos tão avulhados e quasi inuteis.

Por isso, e para o nosso meio, em que a vida de praias é communicativa, quasi familiar, embora dividida em grupos pelos divertimentos ou pelas selecções forçadas da sociedade, mas tão proxima e conhecida que alcunhas tradicionaes os distinguem, por isso, íamos dizendo, a escolha de *toilettes* obedece áquella multiplice applicação, e na combinação preferida apenas se destaca o intelligente gosto de quem pensadamente a compôz.

N'esta orientação foram escolhidos os modelos que illustram esta secção; e tendo sempre em vista que não estamos fazendo jornal de modas, nem annuncio de determinadas casas, procuramos fixar typos geraes que possam servir de guia nas escolhas ou possam ser utilizados em applicações especiaes.

A primeira illustração reproduz um elegante e muito usado casaco em moiré preto ou castanho escuro com enfeites de renda de Irlanda, denominado *Monte Carlo*, adequado a servir de abafo e de resguardo, podendo vestir-se sobre as blusas, com dupla primeira muito graciosa, e de mangas largas, curto, frente cahindo direita, costas ennesgadas para lhe dar o arredondado e largo da fórma no rebordo inferior.

A segunda illustração reproduz um genero muito simples e elegante que deve predominar durante a estação balnear. O primitivo modelo compunha-se de saia de *piqué* branca com a jaqueta encarnada, enfeites e gola de velludo preto, botões dourados, *toilette* de *mail-coach*; tem depois sido executado com variantes, em *cheviote* azul escuro para se

adequar melhor a bordo de qualquer *yacht*, e n'outros tecidos de côr cinzenta que se apropriem áquelle côrte. A saia composta de sete pannos ennesgados pode fazer-se mais ou menos comprida conforme a applicação deliberada, não tendo cauda, que em nenhum modelo se harmonisa com a praia, onde este anno, no dizer dos que exercem a astrologia das modas, se prevê apparecerem definitivamente as saias bastante curtas. A característica do modelo está nas costuras dobradas que servem de enfeite, tanto na saia, como na jaqueta, conforme indica a gravura.

O terceiro modelo, para ser tambem executado em tecido mais forte do que os usados no estio, como os *cheviotes* dos mais variados tecidos, embora com o mesmo acabamento, que a recente producção da estação apresentou no mercado, offerece o distinctivo de conservar no corpo a fórma geral de blusa ornada d'um bocado de renda em debuxo de medalhões encadeados com pequenas fitas de velludo de côr apropriada á do tecido escolhido, cortada no pescoço em forma de V, fechada por gola e laço separados. A saia em folhos com enfeite de seda applicado ou bordado n'um tom mais escuro do que o tecido empregado. O côrte da saia é redondo e tem uma prega funda que occulta a ligação da saia ao folho circular inferior, o qual permite fazer a meia cauda, modelo ou genero de côrte que se denomina *à du Barry*, e o qual tem uma utilisação economica digna de attenção.



Assim para viagens, em que a bagagem tem de ser reduzida no minimo, ha meio de duplicar o aspecto da mesma *toilette*, de passeio, quando curta, sem o folho, e de interior, collocando o folho movel, que se adapta abotoando-o, em vez de o coer, por meio de botões chamados de pressão.

D'esta conjunção racional da moda com a estação, os accessorios da *toilette* occupam tambem o seu logar especial. Os anneis, continuam em voga, continuam mesmo a usar-se quasi abusivamente, porque chegam a occultar os finos e mimosos dedos afilados, como é de bom tom, e deformam-nos até com os vincos inevitaveis, verdade é que muitas vezes os bons anneis vistosos e de preço em pedras, são um innocente disfarce de pequeninos defeitos que não é necessario tornar evidentes.

As *mitaines* são complementares do uso dos anneis, e n'este genero é preciso ser escrupolosa a escolha, para que tenham uma apparencia distincta e uma transparencia *coquette*.

Os leques voltam, como todos os annos, a uso, mas distinguem-se os de novo fabrico pelo desenho *modern-style*, em grandes flores isoladas, uns grandes lyrios, uns grandes amores perfeitos, algumas linhas grossas sinuosamente traçadas, n'uma semelhança de arborescencias phantasticas; as pinturas invadem egualmente as varetas de madeira.

As sombrinhas claras com forros côr de rosa desmaiado, cujo reflexo sobre o rosto velado produz effeito gracioso de esbraseamento, são tambem accessorios indispensaveis para a praia e para o campo.



Os chapéus, que no principio da estação quente se apresentaram profusamente enfeitados de flôres, começam a ser menos floridos e mais recobertos de caprichosos enfeitos de rendas, de *voiles* e de tules para que não haja contraste frisante com a aridez das praias; conservam, porém ainda os mesmos modelos de palha a qual se torna agora mais apparente, e são muito variados nos pequenos ageitamentos que o

gosto individual prefere e adopta como melhor corôamento á estatura, e á idade ou, para fallar mais correctamente a linguagem lisongeira, ao estado das elegantes.

Na verdade modelos ha de grandeza tal no desenvolvimento de abas que a estatura meã ou a exuberancia de fórmas não comporta; como ha modelos esguios, no sentido do comprimento, que estão mal aos rostos redondos e petulantes. Na escolha do chapéu está a maior difficuldade de uma *toilette* de dama que procure, como todas o devem fazer, apresentar-se de modo a produzir effeito captivante. Sabe-se quanto um chapéu, bem apropriado e distinctamente acabado, realça uma *toilette*, ainda que modesta ou ainda que um quasi nada *demodée* nas suas minudencias.



Nota-se em todas as revistas que por principal assumpto se occupam de cousas femininas um cuidadoso empenho em propagar noções hygienicas, sob a egide de doutores especialistas, em relação a vestuarios ou em particular a peças d'elles; entre outras, é claro, o collete tem sido assumpto predilecto de conferencias e de artigos, renovando-se uma propaganda activa e resoluta contra o abuso d'este ainda indispensavel atavio para conseguir harmonia das formas, dentro d'um ideal estheta mais ou menos convencional, como foram todos através dos seculos, até remontarmos á plena exhibição grega das esculpturas impeccaveis.

Ha quem defenda tambem a indispensabilidade do colete na moderna vida com a anemica e depauperada constituição physica, toda nervos e quasi nada musculos; mas o colete apenas destinado a *sustentar*, e não a *adelgaçar*.

Apresentam os inimigos do colete, d'este instrumento de voluntaria tortura, em sabias



demonstrações, completadas por espectaculosas projecções luminosas, as deformações horrorosas que soffrem todos os órgãos internos, a compressão do estomago e dos pulmões, o estrangulamento dos intestinos, a espalmação

do figado, a deslocação de todos os órgãos; e d'aqui deduzem, sem esforço a origem de quasi todas as doenças modernas, a causa primordial de toda a degenerescencia, que por herança morbida se perpetuam.

---

## SCENA DE SALÃO



A APRESENTAÇÃO DO NOVO VIZINHO — QUADRO DE J. WEISS

Julho Agosto	Barometro		TEMPERATURA						Chuva		Ozone	
	Nivel do mar		às 9 h. da manhã		maxima		minima		Millimetros		Graus	
	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902
1	766,6	764,4	19,4	19,3	24,5	19,6	14,6	16,1	0,0	0,0	7,0	9,8
2	759,8	763,5	16,8	17,5	22,7	21,9	14,8	15,7	0,0	1,5	7,3	7,5
3	761,8	762,5	18,0	19,5	21,4	23,1	14,1	15,6	0,0	11,2	4,5	10,0
4	764,1	762,8	20,0	19,4	24,4	23,0	15,2	17,1	0,0	22,2	5,2	7,5
5	763,3	763,8	23,8	19,4	30,2	22,3	17,5	16,9	—	13,1	5,5	9,7
6	761,4	764,9	28,1	19,1	31,5	20,7	20,0	16,9	0,0	0,3	3,0	8,0
7	759,0	764,4	22,0	20,3	26,7	23,2	16,3	16,2	0,0	0,0	6,8	7,5
8	760,2	765,7	21,0	21,6	25,2	27,0	16,7	16,8	0,0	0,0	5,0	7,6
9	762,0	764,0	20,7	21,0	23,6	24,6	16,7	18,0	0,0	0,0	8,0	7,2
10	763,3	763,0	17,5	19,6	20,9	22,3	16,6	17,6	0,0	0,0	7,5	6,5
11	763,1	757,1	19,4	24,2	25,4	27,5	16,4	18,0	0,0	2,0	7,7	9,0
12	763,0	760,0	21,1	21,2	20,1	22,0	16,4	18,0	0,0	0,0	0,6	5,3
13	761,7	763,5	18,9	20,1	25,1	21,0	15,7	18,2	0,0	0,0	8,0	6,5
14	760,8	765,7	21,3	20,0	28,2	22,7	16,9	17,8	0,0	0,0	6,8	6,5
15	761,7	766,5	22,0	20,3	27,9	22,7	17,3	16,8	0,0	0,0	6,2	5,0
16	763,2	763,8	22,9	22,7	31,5	27,1	16,8	17,9	0,0	0,0	5,0	6,2
17	763,1	760,3	25,2	24,7	35,4	31,7	19,0	19,7	0,0	0,0	3,5	3,5
18	762,4	759,6	26,8	24,0	34,7	29,3	21,2	22,5	0,0	0,0	1,8	2,5
19	761,4	760,9	29,1	21,6	35,9	26,6	22,6	17,8	0,0	0,4	2,0	7,5
20	760,0	762,1	29,8	18,7	34,0	21,9	25,0	17,0	0,0	0,0	0,5	6,5
21	761,6	763,3	29,3	18,9	36,5	21,2	23,1	16,8	0,0	0,0	7,5	4,8
22	763,5	764,9	23,7	19,4	28,3	22,1	17,5	15,6	0,0	0,0	3,5	4,0
23	760,6	764,1	22,6	19,5	29,3	23,5	16,5	15,7	0,0	0,0	3,2	6,5
24	759,4	760,9	24,6	20,5	26,8	25,9	16,8	15,7	0,0	0,0	2,5	4,5
25	760,3	761,9	20,5	21,2	24,9	32,7	15,4	17,1	0,0	0,0	4,8	4,5
26	760,9	763,7	26,6	21,0	25,7	25,7	15,9	17,9	0,0	0,0	3,8	4,2
27	762,1	765,7	19,0	20,8	22,3	23,5	15,8	16,9	0,0	0,0	8,0	4,5
28	762,6	765,4	16,2	23,0	20,9	29,9	15,1	16,8	0,0	0,0	4,0	4,0
29	763,0	765,9	19,4	25,1	22,2	31,9	16,1	20,5	0,0	0,0	7,0	6,8
30	764,8	765,3	24,4	24,6	27,5	31,0	17,4	19,6	0,0	0,0	7,0	2,2
31	764,3	763,2	24,2	23,0	30,6	27,8	20,4	17,3	0,0	0,0	1,2	3,8
1	764,3	761,9	25,4	21,6	31,9	23,2	22,4	17,3	0,0	0,0	0,5	7,0
2	761,5	763,9	27,4	21,2	34,2	24,8	22,4	17,5	0,0	0,0	1,2	4,7
3	761,6	763,3	26,7	21,6	31,2	27,0	23,9	14,8	0,0	0,0	1,0	0,3
4	761,3	762,5	20,3	20,1	33,5	25,3	23,2	14,8	0,0	0,0	0,0	5,0
5	761,4	763,3	26,3	20,9	34,8	26,6	21,6	17,6	0,0	0,0	2,6	6,5
6	760,8	762,4	29,7	21,5	35,8	26,6	22,8	16,7	0,0	0,0	1,3	4,0
7	761,9	763,0	26,0	21,5	30,3	26,7	21,4	18,9	0,0	0,0	4,3	5,5
8	762,6	763,0	19,9	20,6	22,8	25,3	16,7	16,8	0,0	0,0	6,2	3,7
9	763,2	763,3	19,1	22,7	24,2	29,4	17,5	17,0	0,0	0,0	7,8	3,5
10	763,4	763,8	19,9	23,3	23,8	27,2	17,2	16,5	0,0	0,6	6,7	4,5
11	764,9	764,2	19,1	22,4	21,9	26,4	15,9	17,1	0,0	0,0	6,5	4,5
12	764,7	764,6	19,0	24,5	23,3	29,7	15,4	17,1	0,0	0,0	4,3	3,7
13	763,9	763,8	20,8	24,4	26,5	20,8	15,4	16,5	0,0	0,0	4,2	3,0
14	764,0	763,6	23,2	18,0	27,8	25,5	17,7	16,0	0,0	0,0	4,5	5,0
15	765,7	761,4	21,1	19,1	26,6	24,9	18,5	14,9	0,0	0,0	5,0	6,2
16	762,4	760,7	25,5	21,3	34,5	22,9	18,3	16,9	0,0	0,0	3,8	5,2
17	761,8	764,6	25,5	20,2	30,4	25,9	19,9	17,0	0,0	0,0	3,2	6,5
18	764,0	762,7	20,2	20,8	26,0	30,1	17,5	16,8	0,0	0,0	5,8	3,3
19	763,9	762,6	20,2	23,0	23,7	27,0	17,8	20,0	0,0	0,0	7,0	4,0
20	764,3	764,1	18,7	23,9	24,9	28,3	18,1	19,3	0,0	0,0	5,7	6,5
21	761,6	763,9	20,1	24,5	22,6	32,3	18,0	21,0	0,0	0,0	6,0	3,3
22	763,7	763,7	19,6	27,3	22,8	33,8	17,6	21,4	0,0	0,0	6,8	1,7
23	763,8	764,5	19,9	23,4	22,5	28,9	17,5	18,2	0,0	0,0	5,7	1,3
24	763,6	765,5	20,3	21,7	22,4	26,4	18,4	18,2	0,0	0,0	8,3	4,2
25	764,3	764,6	21,0	20,2	24,9	21,9	18,0	16,8	0,0	0,0	6,7	5,5
26	766,5	761,6	20,9	19,1	25,8	21,9	17,4	16,2	0,0	0,0	5,5	5,3
27	766,0	760,0	20,2	18,8	25,1	19,5	17,5	16,9	0,0	0,0	5,8	8,0
28	764,6	757,9	22,8	19,8	28,0	22,2	18,2	16,1	0,0	4,5	4,0	8,0
29	763,3	759,7	22,2	19,6	28,2	21,0	17,1	16,9	0,0	0,7	3,0	10,0
30	762,2	765,8	20,8	19,7	27,4	22,2	16,3	16,7	0,0	1,4	7,2	3,0
31	763,4	765,1	21,0	19,2	25,4	24,3	16,7	16,2	0,0	0,0	6,8	0,2

# VARIEDADES

## MEMENTO ENCYCLOPEDICO

**JUNHO. — 20 Italia.** — Dá-se uma colisão de dois comboios electricos entre Bissuschio e Porto Ceresio, ficando feridas 15 pessoas.

**21 Chile.** — O senado chileno approva por unanimidade, em sessão secreta, o tratado com a República Argentina.

**22 China.** — Produz-se uma explosão a bordo do cruzador chinês Kaiclu, fundeado em Yangtse, morrendo feridos e afogados 150 homens e salvando-se apenas 2. — A Companhia Oriental dos caminhos de ferro chinezes assigna um convenio com a Companhia Internacional dos Trens de Luxo para o estabelecimento de um serviço rapido semanal entre Londres Pekim, via Moscow, Siberia e Mandchuria, devendo a viagem durar 20 dias. — **Grecia** — Os gregos residentes nos Balkans formam uma liga para combater a influencia do comité revolucionario macedonico.

**23 Portugal.** — E' assignado em Paris o convenio com os credores externos. — **Estados Unidos** — As auctoridades de Patterson descobrem um trama que tinha por fim assassinar os principaes manufactureiros e destruir a fabrica de fição. — **Russia** — Rebenta um grande incendio no bairro tartaro de Kasan, comunicando-se a mais 8 bairros.

**24 Allemanha.** — E' mettido a pique em Kiel por um vapor inglez o torpedeiro allemão 42, perecendo o commandante e tres marinheiros. — **Hespanha** — Em Pineiro, provincia de Orense, cae um raio na igreja que estava cheia de fieis, matando 25 pessoas e ferindo gravemente 35. — Celebram-se varios comicios operarios em Jerez assentando em que se manifeste a greve geral.

**25 Marrocos.** — O governo marroquino encarcera varios governadores por não lhe darem o dinheiro que lhes pedia. Alguns deram 20:000 duros e, apesar d'isso, foram tambem encarcerados, por ser considerada essa quantia como insignificante. — **Turquia.** — E' preso o principe Jussot, accusado de conspiração contra o sultão — **Chili** — Na occasião da passagem de um comboio sobre a ponte do rio Chero em

Talca, desaba esta, morrendo bastantes passageiros.

**26 Hespanha.** — Ao sahir uma procissão da igreja de S. Nicolau, em Alicante, é acolhida com assobios por um grupo de anti-clericaes dando vivas á democracia e a Canalejas e morras á reacção e aos jesuitas. — Produz-se uma violenta explosão de polvora no paiol de Carabanchel, em Madrid, destruindo varios edificios. — **Estados Unidos** — A comissão interparlamentar approva por unanimidade o projecto Spooner relativo á construcção do canal inter-oceanico de Panamá. — **Venezuela** — Os rebeldes venezuelanos derrotam perto de Fuerte a columna commandada pelo vice-presidente da republica que se rendeu com 1744 officiaes e soldados.

**27 Portugal.** O rei Eduardo VII de Inglaterra agracia o principe Real de Portugal D. Luiz Filippe com a ordem da Jarreteira. — Declaram-se em greve os descarregadores de carvão de pedra que trabalham na descarga de bordo dos vapores em Lisboa, exigindo augmento de salario. — **Estados Unidos** — A camara dos representantes approva por 252 votos contra 7 o projecto de lei relativo ao canal inter-oceanico de Panamá.

**28 Estados Unidos.** — O governo americano decreta a amnistia aos prisioneiros politicos filippinos, inclusivamente o ex-generalissimo Emilio Aguinaldo. — **Allemanha** — E' assignado pelo chanceller diplomatico conde de Bulow e pelos embaixadores da Austria e da Italia o instrumento diplomatico para a prolongação da alliança entre estes tres paizes. — **Brazil** — A mesa do congresso approva a eleição do Dr. Rodrigues Alves para presidente da republica e do sr. Silviano Brandão para vice-presidente. — **Republica Argentina** — O senado argentino vota por unanimidade a acceptação dos tratados internacionaes celebrados *ad-referendum* com o Chile.

**JULHO. — 1 Estados Unidos.** — A camara dos representantes approva o parecer da comissão mixta do projecto de lei relativo ao go-

verno civil das Filipinas. — *Noruega* — Re-benta um violento incendio em Lanewick, destruindo uma quinta parte da cidade.

**2 India.** — Um cyclone derruba um comboio perto de Ramprochat, ficando mortas 13 pessoas e feridas 15. — *Estados Unidos* — O presidente Roosevelt assigna a lei que estabelece o governo civil nas ilhas Filipinas. — Declaram-se em greve 2:000 constructores da poderosa casa Brillworms, reclamando augmento de salario. — *Hespanha* — Declaram-se em greve 2:500 operarios fundidores de Gijon. — *Inglatterra* — Mais de mil officiaes regressados da Africa do Sul e que, durante a guerra, não obtiveram promoções a que se julgavam com direito, dão a sua baixa collectiva. — *Suissa* — Os tribunaes suissos processam o abbade Burrval, chefe das missões apostolicas do Cantão de Schwyz, por se provar ter feito uma grande fortuna com a venda a crentes credulos de bilhetes directos para o ceu.

**3 Russia.** — Numerosos grupos de camponezes percorrem em estado de rebeldia, a região do Rostow saqueando fabricas, quintas casas e destruindo machinas e alfaias agricolas. — *Hespanha* — Cessa a greve agraria em Jerez. — *Inglatterra* — O governo inglez compromette-se a conceder a amnistia geral aos boers no dia da coroação do rei Eduardo VII.

**4 Russia.** — O ministro do interior prohi-be que os judeus se estabeleçam nas povoações maritimas do imperio. — *França* — Manifesta-se um violento incendio nas officinas deapparelhos electricos da sociedade Postel Vinay, destruindo-as, calculando-se os prejuizos em dois milhões de francos e ficando 800 operarios sem trabalho. — *Estados Unidos* — O presidente Roosevelt declara que a ilha de Cuba fará parte do systema dos Estados Unidos e que o governo americano lhe concederá privilegios economicos que não possuem outras estações.

**5 Estados Unidos.** — Um comboio electrico esbarra com outro em Utilia ficando feridas 29 pessoas e mortas 18. — O ministro plenipotenciario da China, entrega ao sr. Hay, secretario de estado, uma proclamação de Yan-Chi Kae, governador do Chi-Li, pedindo-lhe que obtenha das potencias a evacuação de Tien-Tsin. — *Turquia* — Sente-se um violentissimo terremoto em Salonica destruindo 180 casas e matando 10 pessoas. — *Hespanha* — Inaugura-se em Barcelona o congresso de machinistas mercantes hespanhoes. — Assignala-se novamente em alguns pontos da Catalunha a agitação carlista.

**6 França.** — Um violento incendio destroe os vastos armazens de alfaiateria *La belle Jardinière*, em Bayona, calculando-se os prejuizos em 500 mil francos.

**8 Estados Unidos.** — Declaram-se em greve, reclamando augmento de salario, 9:000 empregados dos carris de ferro de Chicago. — *Hespanha* — O rei assigna a lista de novos governadores civis para nove provincias. — Produzem-se erupções vulcanicas nas montanhas entre Santander e Asturias. — *França* — A ca-

mara dos deputados approva o projecto de lei da conversão de  $3\frac{1}{2}\%$  em  $3\%$ . — *Cuba* — Sente-se em Mellila um violentissimo tremor de terra que durou 10 segundos. — *Turquia* — Dá-se um conflicto entre a Inglaterra e a Turquia a proposito da occupação de Dali ao norte de Kowelt.

**9 Dinamarca.** — E' inaugurado no palacio do Senado, em Copenhague, o Congresso Internacional Maritimo. — *Italia* — Restabelecem-se as relações diplomaticas entre a Italia e a Suissa. — *Republica Argentina* — A Republica Argentina e o Chili assignam uma convenção esclarecendo o fim do tratado relativo á arbitragem e á limitação dos armamentos, afim de se evitar a possibilidade de complicações futuras. — *Inglatterra* — O governo inglez concede a liberdade a todos os prisioneiros allemães que combateram ao lado dos boers. *França* — Manifesta-se um violento incendio em um deposito de petroleo em Bologne propagando-se aos predios contiguos e produzindo estragos consideraveis. — O senado approva o projecto de lei das contribuições directas; concede uma pensão annual de 10:000 francos ao sr. Sanorgnan de Brazza, a titulo de recompensa nacional e approva o projecto de lei da conversão do  $3\frac{1}{2}\%$ . — *India Ingleza* — Sente-se um violento terremoto em varias provincias, tendo desabado em Bunderabbas os principaes edificios, incluindo os palacios do governo e da alfandega e fazendo grande numero de victimas.

**10 Portugal.** — Inauguração official do elevador de Santa Justa ao Carmo em Lisboa. — *Canada* — Manifesta-se um violento incendio n'um armazem de trigo, em Toronto, desabando um muro que matou sete bombeiros e feriu onze gravemente.

**11 Pennsylvania.** — Produz-se uma terrivel explosão nas minas de Combria ficando sepultados seiscentos operarios, dos quaes morreram 125. — *França* — Produzem-se graves incidentes na camara dos deputados de Paris. — *Inglatterra* — O marquez de Salisbury dá a sua demissão de primeiro ministro, sendo nomeado para o substituir o sr. Arthur Blafour.

**12 Inglatterra.** — Encerra-se a sessão parlamentar das duas camaras.

**13 Allemanha.** — O tribunal de Leipzig ab-solve os traductores allemães de Tolstoi, processados pelo delicto de blasphemia. — *Belgica* — Produz-se uma terrivel explosão de dynamite na fabrica de cartuchos Dollen Wezel de Bruxellas, morrendo varios operarios e causando perdas materiaes importantes.

**14 Italia.** — Desaba a historica torre de S. Marcos, em Veneza, ocasionando a derrocada damnos no palacio real e nas logias de S. Sovino. — *Estados Unidos* — E' encarregado da construcção do canal inter-oceanico do Panamá, o sr. Wood, antigo governador civil de Cuba. — *Venezuela* — Sente-se um violentissimo tremor de terra. — *Portugal* — Os operarios corticeiros de Lisboa, Belem e Poço do Bispo e de outras villas do sul declararam-se em greve, oppondo se á exportação de cortiça

em bruto.—*França*—Rebenta um violento incendio nos armazens da praça Clichy em Nice destruindo tambem o «Centro Militar» e os escriptorios do Credit Lyonnais.

15 *Austria*—E' fundada em Vienna uma sociedade contra o duello, sob a denominação de «*Alle gemeine anti — duellica fur Oesterreich.*»

16 *Russia*—O tzar confirma a sentença do conselho de guerra de Varzovia, condemnando por alta traição o coronel Grinun em doze annos de trabalhos forçados e privando-o de todos os seus direitos políticos e civis.—O tzar estabelece novas medidas tendentes a abolir o despotismo nos seus Estados. O tzar nomeia o principe Luiz Napoleão commandante da divisão de cavallaria do Caucaso.—*Suecia*—O governo sueco approva o plano e vae mandar brevemente dar começo aos trabalhos do canal de Gothenburg, entre o mar Baltico e o mar do Norte. A construcção d'este

canal deve durar sete a oito annos estando as despezas calculadas em 32 milhões de corôas e terá a profundidade de vinte pés.

17 *China*—O governo chinês accêita as condições dos ministros estrangeiros para a reentrega de Tien-Tsin á China.

18 *Hespanha*—O congresso dos operarios dos caminhos de ferro resolve proclamar a grêve e começar a propaganda.—*Inglatterra*—Lord Cadogan, que occupava o logar tenente dá a sua demissão.—Rebenta um violento incendio em Nottinghall destruindo cinco armazens e onze casas.

19 *Filippinas*—E' assignado entre o Vaticano e os Estados Unidos o accordo sobre a questão religiosa das Filippinas, accêitando a Santa Sé a expulsão dos frades hespanhoes, que serão indemnizados pelos yankees com a somma de 35 milhões de francos.—*China*—Os chinezes accêitam formalmente as condições para a retrocessão de Tiem-Tsin.



## NECROLOGIA

JULHO 8—FAYE, em Paris, 87 annos, celebre astrônomo francez, e decano da Academia das Sciencias.

8—CONDE d'ARUNDEL e SURRAY, 23 annos, em Londres, filho do duque de Norfolk.

10—DUQUEZA FREDERICA DE ANHALT, 91 annos, em Alecsisbad viuva do duque Alexandre Carlos.

12—MARC ANTKOBOWSKY, em Francfort, celebre esculptor russo.

15—GARCIA NAVARRO, em Barcelona, general hespanhol.

18—HAMUD-BEN-MAHOMED, 49 annos, sultão de Zanzibar.

19—KETY WILL, em Londres, 32 annos, escriptora irlandeza.

---

## PHOTOGRAPHIA PRATICA

*Dada a vulgarisação sempre crescente da arte photographica entre amadores, que d'euas fazem agradável entretenimento, daremos com a regularidade possivel n'esta secção, noticia dos processos, formulas, machinas ou inventos, que possam ser praticamente utilisaveis.*

### Alguns conselhos sobre a composição dos quadros photographicos

Dando tregoa á infinidade de receitas photographicas que constantemente apparecem e que somos obrigados a reproduzir, transcrevemos hoje um artigo do *Nord Photographe* que por muito interessante, não podemos furtar nos ao desejo de o tornar conhecido dos nossos leitores amadores photographicos e mais especialmente dos principiantes.

«Qual é o principiante que tendo retratado toda a sua familia e amigos não pergunte: Que fazer agora? Sem duvida ainda lhe restam as paisagens que o rodeiam e que já está farto de as ver reproduzidas pelos seus collegas, mas depois? Por mais que procure se o seu sentimento artistico lhe aconselha elevar-se acima das scenas banaes habituaes, elle nada

encontra, e comtudo, visitando as exposições photographicas, consultando as revistas do genero, quantas vezes pergunta a si mesmo quando o feliz acaso que protegeu Fulano ou Sicrano virá tambem em seu auxilio. Tudo para elles e nada para elle e portanto a sua boa vontade merece ser compensada. Por mais que force a inspiração ella não se digna chegar. Já expôz os seus trabalhos mas viu com magua que na maior parte foram recusados. E n'um d'estes momentos de desanimo, porque todos temos passado, elle pergunta quando esta boa deusa que se chama Inspiração se decidirá a dar-lhe um sorriso da sua bondade. De boa vontade elle sacrificaria sobre o seu altar as suas melhores offertas se ella se dignasse mandar-lhe uma d'estas idéas que contribuem para o successo dos nossos primeiros amadores.

Julgamos poder-lhe indicar o caminho a se-



guir para chegar até ella mas devemos observar que terá de se munir de dois talimans que lhe facilitarão consideravelmente o accesso, são elles: um estudo aturado e uma observação constante. O principiante nos responderá talvez que, estas duas qualidades são bem difíceis de adquirir talvez, ao principio, mas o habito trazer-lhes ha suavemente.

E' inegavel que um pouco de fogo sagrado muito contribuirá tambem para se chegar ao desenvolvimento rapido e energico d'aquellas qualidades; portanto aqui é inutil o bro-meto.

Ouçamos agora a nossa deusa Inspiração e fixamos bem o que ella nos diz : — Ver muito, olhar muito e observar muito. Junte a estas condições a faculdade de fixar e tereis tudo quanto vos é necessario. Sois principiante pois que o vosso aparelho a tiracollo assim m'o indica. Não direi que é um mau habito (em viagem é excellente) mas sois muito inclinado a abusar d'elle. Porque não trazeis convosco um pequeno livro de esboços, se é este o melhor aparelho? Com elle aprendereis a trabalhar descansadamente e a obter exclusivamente o que desejaes e só com isto a produzir clichés como os que nas exposições merecem a admiração de todos. Consultem-se os principaes amadores e pergunte se-lhes que parte teve o acaso nos seus trabalhos porque este sr. Acaso é o amigo intimo do principiante sempre carregado com a sua machina e é elle o seu peor amigo; emquanto o principiante contar com elle, pode ficar certo que, aparte raras excepções, ficará sempre na mediocridade. Pergunte aos verdadeiros amadores se todos os seus quadros não são estudados e compostos antes de operar. Não é este o processo do pintor? Portanto deixae em tempo ordinario a vossa machina em casa, pois que economisais as vossas chapas e tempo e contentae-vos de encher um caderno com esboços que será mais tarde um tesouro inexgotavel.

São necessarios em primeiro logar um estudo e uma observação constantes. Quantas scenas se passam diariamente em redor de nós que melhoradas podém produzir quadros admiraveis? Observae as, e quando uma d'ellas vos agrada, esboçae-a no vosso caderno juntando lhe alguns apontamentos e mais tarde em socego, reveja-se o que ha de aproveitavel n'esta scena, examinae-a a fundo, vêde a disposição da luz a dar-lhe, emfim depois de tudo bem assente, collocae os vossos perso-

nagens e supprimindo assim os factores Acaso e Precipitação, a victoria será certa.

A reflexão fará tambem com que abandoneis os assumptos sem interesse duradouro inutilisando assim a impressão do primeiro momento. Todos estes assumptos serão catalogados para servirem em occasião opportuna e serão como que um cofre replecto de uma infinidade de ideas. E' indifferente a mais ou menos perfeita com que se maneje o lapis, o essencial é reconhecer mais tarde o pensamento.

As visitas aos museus e ás exposições sugerem ideas admiraveis, o resultado que d'ellas se póde colher será secundado com a facilidade que lhe é dada de estudar as leis da composição e com o exame dos meios que os grandes artistas empregam na producção das suas obras primas.

A leitura é igualmente uma admiravel conselheira, muitas vezes algumas palavras são só por si sufficientes para que no espirito se forme um quadro completo. As revistas illustradas são igualmente muito uteis, mas sempre com o caderno de esboços.

A origem das ideas é uma especie de começo e é necessario pois cultural-a tendo sempre em mira descobrir se em tal ou tal idea, scena, quadro, gravura ou esculptura não haverá um outro assumpto. Ha comtudo um defeito que é essencial evitar; o plagiato; inutil é fallar a este respeito.

Não se deve julgar, contudo, que as ideas afluem continuamente, succede bastante vezes que a vossa reserva estará esvasiada, mas não é isto motivo para desanimo; procurar é o unico remedio ainda que não é infalivel.

A deusa finalisa dizendo-nos: julgo ter desvendado todos os meus segredos resta perguntar aos que os tem applicado e elles vos dirão se são fructuosos. Estudae e observae constantemente, é este o melhor conselho.

Resta-nos agradecer á boa deusa os excellentes conselhos e o resto depende de nós, seguindo-os. E' o que sempre devemos fazer e nunca nos arrependemos; pois não só as ideas virão em nosso auxilio mas ainda uma qualidade preciosa para o amator: trabalhar socegradamente sobre os assumptos que se desejem e procedendo voluntariamente, em detrimento do implacavel inimigo, o acaso, que só proporciona dissabores aos seus mais fieis adeptos.

O esboço obriga nos a reflectir, que a reflexão é a verdadeira amiga da perfeição.

---

## UTILIDADE DOS PASSAROS

Não é apenas por sensibilidade exaggerada que estremeço de magôa, quando ouço o som baço d'um tiro desgarrado que espalha uma chumbada sobre uns passaritos quaesquer; é sem duvida mais por um sentimento de

revolta contra a cruel ignorancia que victima por centenas, por milhares, aquelles pobres bemfeitores dedicados cuja doce confiança nativa lhe é paga a tiros de espingarda ou illudido por mil laços e armadilhas.

Esta obra de destruição imprevidente prosegue ininterrupta, constante, impiedosa em todos os tempos e em todas as estações. Umás vezes são viscos arteiramente collocados em volta dos tanques onde a passada alegre vem de madrugada beber n'um alvoroço palreador; outras vezes são os mais complicados e manhosos processos de os prender em laço, em gaiolas-ratoeiras, em armadilhas, aproveitando a fome, a gulodice, até o espirito caridoso d'algumas especies aladas que as impelle a vir socorrer o seu semelhante quando o veem no captiverio lastimando-se dolorosamente. São assim por exemplo as andorinhas.

N'esta hecatombe que tudo sacrifica de roldão, os verdelhões, os piscos, os pardaes, os pintasilgos, os chapins, os perdigotos, as calhandras, as toutinegras, os rouxinoes, são victimados e supplicados os melhores servidores dos campos.

A natureza collocou-os ao lado dos animaes devastadores como moderadores necessarios ao restabelecimento do equilibrio geral; a intervenção cruel e encarniçada dos homens quebrou aquelle equilibrio e deixou em muitos casos livre a invasão furiosa das tribus vorazes e perigosas dos insectos destruidores.

Quantas perdas soffre hoje a agricultura em consequencia d'aquella ignorante e selvagem destruição das pequenas aves bemfezjas! Quanto beneficio desaproveitado pelo auxilio gratuito e áfficaz d'ellas na luta que o agricultor empheñde com esforçado affinco e avultado dispendio contra a voracidade dos insectos, como a pyrale, o cochylis, a altica das vinhas. Quanto mais raras vão sendo as fileiras do exercito dos passaros insectivoros, tanto mais violentos são os ataques ás culturas.

As arvores de fructo soffrem das mordeduras do antonomo, dos pulgões e das traças; as mais robustas arvores são esgotadas da sua seiva por especies tenebrosas que em trabalhos de mineiro audaz penetram nos troncos. Os processionaes, os corsos e outras lagartas vorazes ameaçam de destruição os olmos, os alamos, os choupos, e os salgueiros. A nonne e o carcoma estiolam em poucos mezes os

mais robustos pinheiros; o kermes da oliveira, a cochenilha do limoeiro e da laranjeira destroem ás vezes mais d'um terço da colheita de fructos.

Os cereaes são victimas da terrivel larva do besoiro, roidos na raiz tenra; como mais tarde as moscas, a cecidomia e a chlorops, ou as larvas da phalena e do alucito tomam para si dizimo bem medido dos cereaes já creados; não fallando, como inimigos dos prados e das hortas, do exercito infinito das ralos, dos gorgulhos, das chrysomelas, dos alticas, dos gafanhotos, e dos roedores varios, ratos, arganazes. . .

Todavia, sendo os pequenos passaros insectivoros, e as aves rapaces, naturaes auxiliares do agricultor n'esta lucta medonha, são desprezados e ao contrario ferozmente preseguidos. Esta devastação tem sido tão intensa e presistente, sem duvida por falta de educação geral e de instrução necessaria, em toda a parte que, na Italia e na França, ainda recentemente foram tomadas providencias legislativas e administrativas para lhe moderar o impeto selvagem; como tambem se tem organizado associações especiaes que se dedicam á propaganda e defesa das pobres aves beneficas, principiando logo a incutir desde creança, no espirito dos agricultores, a necessidade de poupar a vida aos interessantes e graciosos habitantes dos ares, mesmo de lhes proteger o desenvolvimento, em proveito proprio e para seu verdadeiro interesse. Sempre foram chorados os poucos grãos da colheita que alguns passaros roubam ao producto total e não são lembrados os prejuizos enormes causados por aquelles inimigos ferozmente espertos, que não se deixam prender nas armadilhas onde cahem os generosos e doces passaritos. Injustiça humana. Necessario nos parece tambem tomar no nosso paiz quaesquer providencias que attenuem o effeito d'aquella má comprehensão dos interesses. Em volta de Lisboa, pelo menos, observamos um desaparecimento progressivo de aves que chilream e encantam; e na verdade tambem não sabiam talvez onde pou-sar, que escasseam cada vez mais as arvores, constantemente derrubadas e nunca substituidas.

---

## PACIENCIAS

### O desejo

(Um jogo de Piquet, não enaipado)

Collocam-se as cartas em oito montes cobertos cada um de quatro cartas; voltam se as

cartas superiores dos oito montes e se n'estas cartas descobertas houver duas eguaes, isto é, dois setes, duas damas, dois azes, etc. retiram-se conservando as simplesmente na mão e voltam-se as que ficaram nos montes por de baixo das se que retiraram.

Continua-se assim a tirar todas as outras cartas eguaes, substituindo-as pela sua carta inferior até ao esgotamento dos oito montes.

Obtem-se o resultado final da paciencia quando todas as cartas do jogo podem ser retiradas por haver duas eguaes, e não se considera feita quando succeder o contrario, isto

é, quando não houver duas eguaes a retirar de cima dos montes.

Pode-se tambem fazer esta paciencia com um jogo de 52 cartas, fazendo-se então 10 montes de 5 cartas cada um ficando portanto duas de reserva que se aproveitam quando não fôr possivel tirar duas eguaes. O seguimento é sempre o mesmo.

## CONHECIMENTOS UTEIS

**Alcool absoluto.** — E' necessario muitas vezes verificar se um alcool encerra agua ou não, sobretudo quando se quer empregar em preparados de perfumaria caseira. Damos aqui tres methodos simples de averiguar o caso.

Toma-se uma pitada de polvora de caça, deita-se n'uma colher, recobre-se a polvora com o alcool a experimentar; lança-se-lhe fogo em seguida cuidadosamente. Se ao acabar de se consumir a pólvora se encendea o alcool era absoluto; se a polvora não arde prova-se evidentemente que o alcool continha agua.

Outro processo mais simples ainda. Deita-se no alcool algumas gotas de benzina e vascoleja-se bem a mistura, agitando-a fortemente. Se ha perturbação na côr do alcool, havia agua; se elle se conservar limpido, adquire-se a certeza de ser absoluto.

Ainda por ultimo um terceiro processo que talvez seja mais exacto do que os precedentes. Consiste em calcinar um pouco de sulphato de cobre em pó (capa-rosa azul) até que fique branco; deita-se então uma pitada do pó no alcool. Se o pó se tornar novamente azul, havia agua; se o alcool for absoluto o pó continua branco.

## PROBLEMAS

### Resoluções do numero anterior

N.º 35 — 86 752 leguas oa 107.454,7 leguss do ceniro da terra.

N.º 36 — *Xadrez*:

BRANCOS

1 — B para C.

2 — Xeque e mate

PRETOS

1 — Qualquer

N.º 37.

Um tanque d'agua de forma circular de 864 metros quadrados de superficie deve ser transformado n'um outro da mesma estensão mas de forma rectangular, cuja largura deverá ser 12 metros menor do que o comprimento. Quaes são as suas dimensões?

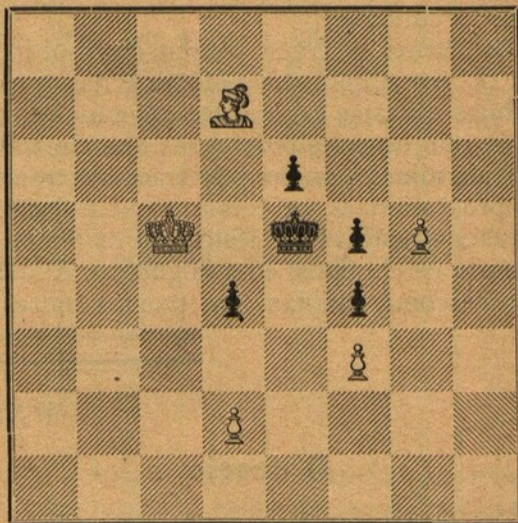
N.º 38.

Achar dois numeros cuja somma seja dupla da differença e cujo producto diminuido do menor seja igual a 720 vezes o quociente do maior pelo menor.

Num. 39

### XADREZ

PRETOS (5 peças)



BRANCOS (5 peças)

Os brancos jogam e dão mate em tres lanços

